

REVISTA DE ENSINO
DA
ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO
PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — JOÃO PINTO E SILVA

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO

ROMÃO PUIGGARI

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA

EMILIO MARIO DE ARANTES

RAMON ROCA DORDAL

JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR

NUMERO 6

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1904

SÃO PAULO, 1 DE FEVEREIRO DE 1904.

Applausos incondicionaes nos merecem as palavras que a maior parte da imprensa tributa á causa grandiosa do ensino popular.

Os dissabores de uma vida sem descanso e sem conforto têm compensação neste grito patriótico, que irrompe do peito dos livres, soldados invencíveis, sempre dispostos a recommencarem a lucta em pról dos grandes ideaes do bem, da tolerancia e da justiça.

Resumindo as elevadas phrases com que é proclamada a dedicação do professorado publico paulista, nós, pedindo licença ao distincto escriptor que, nas columnas da *Platée*, tão galharda e independentemente patenteia o menospreço com que fomos tratados pelo poder legislativo, vamos, fazendo nossas as suas palavras, transcrever seu artigo de 27 de Novembro ultimo, sob o titulo :

HONTEM E HOJE

Chegou a época das festas escolares. E' de encantar, agora, uma peregrinação por essas casas em que bandos alegres de creanças, cantando e rindo, provam como é bella a instrucção, e como se deve sentir satisfeita a sociedade que lhes dá o pão do espirito. E a instrucção é, indiscutivelmente, o alimento que fortifica a alma e estimula a intelligencia, entreabrindo á infancia a possibilidade de um futuro brilhante.

Convençamo-nos da mais absoluta verdade comprovada pela experiencia em todos os paizes que se ufanam de civilizados: a instrucção é o caminho unico para a conquista do relativo aperfeiçoamento moral, porque é por ella que o homem chega ao real conhecimento do seu proprio valor. Está já dito por quanto quantos publicistas estudaram as sociedades á luz da historia: quanto mais instruido é o povo, mais progride a nação que elle fórma.

Instruir é a funcção das hodiernas sociedades. Mas a instrucção deve ser de uma diffusão conveniente, de modo a ser contemplado o mais obscuro recanto de um paiz. Já se tornou um axioma, um como dogma de moral a opinião de que -- abrir escolas é fechar cadeias, porque a instrucção, illuminando a consciencia individual, faz com que ella repulse ou refreie os maus instinctos e os sentimentos reprovados.

Reflectindo, porém, assim, e pondo em evidencia a poesia que vai a esta hora pelas escolas paulistas, pensamos ao mesmo tempo na ardua tarefa dos mestres, na triste condição em que os vai deixar uma lei absurda, a elles que já eram tão parcamente remunerados. Não comprehendemos ainda a importancia da aparentemente tão modesta função social desses homens, que passam cinco ou seis horas diarias a projectar luz sobre as intelligencias que apenas entraram na vida!

Não, não comprehendemos como é digno de todo respeito esse ingrato apostolado de espancar as trevas dos espiritos que mal desabrocharam. Tiramos ao mestre um bom pedaço do seu já minguado pão. Promovemos indirectamente o fechamento das escolas, quando as deviamos abrir onde houvesse meia duzia de choupanas. Tornamos ainda mais pesada a cruz que o pobre mestre carrega sem uma queixa, a ouvir os hymnos que elle proprio ensinou ás creanças para suavizar-lhes porventura o leve trabalho do estudo!

Estas condições hão de parecer, talvez, umas ratices inconvenientes e desapropositadas. Pois sejam. Mas, ahí ficam, como uma revelação da consciencia...

*
**

Depois da leitura dessas emocionantes linhas, reconhecimento honroso e imparcial do nosso esforço como professores, e do cumprimento de nossos deveres de funcionarios, parecerá impossivel que tenha havido um Congresso, cuja maioria, ao votar o orçamento, tivesse, impatriotica e illegalmente, vindo arrancar grande parte dos vencimentos de uma classe que difficilmente consegue viver com a decencia indispensavel á delicada profissão que exerce e deve nobilitar.

Os legisladores que assim pensam, que assim procederam, não interpretaram as aspirações do povo paulista; não acataram seus mais elevados interesses; divorciaram-se da opinião publica.

Só assim se explica que resolvessem de afogadilho, ás pressas, com uma simples emenda de orçamento, um assumpto que nos tres annos de sua legislatura não quizeram estudar madura e detidamente, como convém ás questões que dizem respeito aos mais immediatos interesses do povo.

As palavras transcriptas, as considerações de toda a imprensa independente, a voz eloquente dos illustres deputados que em nome da democracia se bateram tão intemerata e denodadamente, tudo, tudo protesta contra e sa diminuição de vencimentos, imposta ao professorado sob pretexto de economias, constituindo um esbulho de direitos, um attentado, que faz pesar sobre uma só classe a responsabilidade do actual estado finan-

ceiro, penoso, sem duvida, mas para o qual têm concorrido causas de que não somos responsaveis.

Si se tivesse de responsabilizar alguém, responsabilizaríamos primeiramente as disciplinadas maiorias do Congresso, que tão duramente tratam o professorado publico, impondo-lhe diminuição exagerada de vencimentos, ao passo que tem augmentado o orçamento com subvenções a estabelecimentos de ensino religioso, que podiam e deviam viver unicamente do favor do publico a cujos interesses e crenças se amoldam e dedicam.

Para se convencer de que não foi a economia o fim principal dos legisladores, da maioria do Congresso Paulista, conforme o demonstrou brilhantemente o distincto deputado dr. Candido Motta, na sessão de 28 de Novembro ultimo, basta examinar a rubrica *Subvenções*, comparando-a com os orçamentos da receita, nestes ultimos annos:

LEGISLATURA OU ANNOS	ORÇAMENTO DA RECEITA	SUBVENÇÕES A ESTABELECIMENTOS DE ENSINO RELIGIOSO
1892	22.000:000\$000	Nenhuma
1893	25.000:000\$000	12:000\$000
1894	33.000:000\$000	Nenhuma
1895	33.000:000\$000	37:000\$000
1896	47.000:000\$000	61:000\$000
1897	41.000:000\$000	32:000\$000
1898	39.000:000\$000	94:000\$000
1899	38.000:000\$000	106:000\$000
1900	41.000:000\$000	129:000\$000
1901	40.000:000\$000	130:000\$000
1902	39.000:000\$000	137:000\$000
1903	33.000:000\$000	127:000\$000

Como se vê, até 1894, apesar da receita ter attingido em rapido augmento a trinta e tres mil contos, as subvenções a estabelecimentos de ensino religioso ahí não figuram.

Dahi em deante, os legisladores paulistas, animados talvez por um constante augmento da receita, vão concedendo algumas subvenções, sendo em 1897 concedidos trinta e dois contos, com uma receita de quarenta e um mil.

A partir de 1899, porém, comquanto o orçamento da receita mostrasse um decrescimento inquietador, essas subvenções foram elevadas a mais de cem contos!

De então para cá, os representantes paulistas, esquecendo que nas suas funções de legisladores não têm o direito de fazer favores, tal rubrica augmenta sempre, e para equilibrar o orçamento, recorre-se finalmente á diminuição nos vencimentos do professorado!....

Si o que fica exposto, si o confronto desses algarismos não demonstrasse cabalmente que os legisladores paulistas se afastam cada vez mais do espirito e da letra da Constituição, que declara leigo e dado pelo Estado o ensino primario, nós diríamos que elles querem reduzir as escolas publicas áquelle descredito de outros tempos, impondo privações e vexames a este professorado que soube se enthusiasmar e se atirar confiante na trilha que lhe apontaram os puritanos da democracia — Rangel Pestana, Caetano de Campos, Cesario Motta!

Tiraram-nos o direito de aposentadoria, consignando, para alimentar nossa esperança, um augmento de vencimentos proporcional ao tempo de serviços.

Decorridos alguns annos, quando essa disposição ia ser posta em execução, uma lei de orçamento nos arrancou illegalmente esse direito, essa esperançosa e solenne promessa feita aos nossos constantes e bons serviços.

Finalmente, não satisfeitos, os Srs. congressistas da ultima legislatura, nos impõem, com a irresponsabilidade da collectividade, esta diminuição mais que iniqua, porque é vexatoria; mais que injusta, porque é a violação de um contrato que com cada um de nós foi lavrado em nome do Estado.

Poderíamos, ainda, com o proprio orçamento da despeza, demonstrar que foi prematuro o receio de desequilibrio da receita com a despeza, e que originou a diminuição nos vencimentos do professorado. Não o faremos; acreditamos que é inutil.

Protestamos unicamente contra a extorsão de que somos victimas, e lembramos aos senhores congressistas que aos professores primarios está vedado pela lei o exercicio de outra e qualquer profissão!

Apezar disso, porém, apezar da penosa situação em que a diminuição votada nos vae collocar, continuaremos dando provas de dedicação, honestidade, correcção e dignidade, na esperança de que um outro Congresso mais patriota e democratico, inspirado nos verdadeiros interesses do povo paulista, nos fará a merecida justiça!

QUESTÕES GERAES

MEMORIAL

Devido á gentileza dos seus auctores, srs. drs. Carlos Reis, Oscar Thompson e Horacio Lane, abaixo inserimos, na integra, o magnifico memorial sobre o ensino publico de S. Paulo, o qual será remettido em lingua ingleza á Exposição Universal de S. Luiz, e alli distribuido durante a realização do grande certamen.

Agradecendo a distincção dos illustres professores, chamamos a attenção dos collegas para esse minucioso atestado de nossa evolução intellectual.

A Educação no Estado de S. Paulo

(BRAZIL)

Dos 20 estados federados de que se compõe a Republica dos Estados Unidos do Brazil, um dos mais florescentes é o Estado de S. Paulo, situado na região meridional do Brazil, sendo geralmente salubre e dotado de amenissimo clima.

Devido ao espirito adeantado e emprehendedor dos seus habitantes, tem o Estado de S. Paulo muito prosperado nestes ultimos tempos, sendo notavel o seu progresso na agricultura, industria, commercio, artes, lettras, etc.

No que respeita á educação popular, objectivo desta memoria, tem o Estado de S. Paulo trabalhado esforçadamente no empenho de diffundir largamente a instrucção e de estabelecer a melhor e mais conveniente organização do ensino, muito tendo já conseguido, pelo que conquistou honrosa posição entre os outros estados da federação brasileira, sustentando competencia com aquelles que mais adeantados se acham.

A instrucção publica, em S. Paulo, foi sempre objecto de zelo e solicitude dos poderes publicos, mas só a partir de 1890 é que teve effizaz desenvolvimento.

Proclamada a republica no Brazil, a 15 de Novembro de 1889, a então provincia de S. Paulo passou, com a denominação de estado federado, a ser dirigida, a principio por um governo trino provisorio, e depois por um governador, sendo escolhido para este posto o eminente estadista Dr. Prudente de Moraes, cujo nome será sempre lembrado com amor e gratidão.

Reconhecendo elle que de todos os factores do progresso é da civilização o mais vital e poderoso é a educação popular, applicou os seus primeiros cuidados á reforma da escola normal e á criação das escolas-modelo, ponto de partida para mais elevados commettimentos. Para dirigir aquella e organizar estas, cha-

mou o emérito educacionista Dr. Antonio Caetano de Campos, de pranteada e inolvidavel memoria.

O decreto governamental de 12 de Março de 1890 foi a base da larga e pujante organização do ensino popular que se acha estabelecida em S. Paulo.

* *

Durante o regimen colonial e mesmo depois de realizada a independencia do Brazil, em 1822, até á época em que começaram a funcionar as assembléas provinciaes (1835), a instrução publica na provincia de S. Paulo permaneceu em deploravel estado de abatimento; a partir de 1835 é que alguma coisa principiou a ser feita no sentido de desenvolver-a, creando-se escolas de primeiras letras em diversas localidades, aulas de latim e francez em algumas, um lyceu em Taubaté e, em 1846, na capital, uma escola para habilitação dos pretendentes ao professorado, a qual teve ephemera duração, acontecendo o mesmo ao lyceu.

No ultimo quartel do seculo que findou, é que a instrução teve realmente algum incremento na provincia com a criação da escola normal em 1874, sua reorganização com um programma mais adeantado em 1880, a instalação de maior numero de escolas officiaes na capital e no interior, a reforma do ensino em 1887, vasada em moldes mais modernos, e o estabelecimento de diversos institutos de instrução primaria e secundaria de iniciativa particular em diversos pontos da provincia.

Mas o mais forte impulso dado á educação popular, do qual advieram os brilhantes resultados que actualmente se observam, os beneficios fructos que se estão colbendo, verifica-se de 1893 a 1895, sob o influxo da poderosa vontade, sábia orientação e illimitada dedicação do preclaro cidadão Dr. Cesario Motta Junior, de saudosissi-

ma e imperecível memoria, como Secretario dos Negocios do Interior do patriótico governo do benemerito Dr. Bernardino de Campos.

Perfeito homem de governo e verdadeiro democrat, Cesario Motta levantou escolas por toda a parte, tornando-as prazenteiros templos da formosa infancia, dignificou o professorado, prestigiando-o e erguendo-o á altura da sua nobre missão, associou-se ás festas escolares, rejubilando com as creanças nos seus folguedos infantis. Por isso, Cesario Motta revive em cada escola, em cada professor, em cada alumno, em cada cidadão instruido do Estado de São Paulo; por isso, o seu nome se perpetuará aureolado de gloria na historia da instrução paulista.

* *

O ensino primario no Estado de S. Paulo é regido principalmente pelos decretos de 27 de Novembro de 1893 e de 11 de Janeiro de 1898 e consta de dois cursos: *preliminar* e *complementar*. O preliminar é destinado á educação de menores de ambos os sexos, de 7 a 12 annos de idade; o complementar, aos alumnos habilitados nas materias do curso preliminar, recebendo elles na conclusão dos estudos um diploma que lhes confere habilitação para o exercicio do magisterio em escolas preliminares.

ENSINO PRELIMINAR

Em cada localidade em que houver de 20 a 40 menores em idade escolar será creada uma escola preliminar, sendo creadas tantas quantas sejam necessarias na proporção de 40 alumnos para cada uma.

Em todo logar em que houver frequencia provavel de 30 adultos, será creado um curso nocturno gratuito.

Existe no Estado um typo de escolas preliminares denominadas es-

colas-modelo, com um curso de 5 annos para cada sexo, instituidas para os exercicios praticos dos alumnos das escolas normaes.

Nas sédes dos municipios em que houver seis ou mais escolas preliminares, poderão ser ellas reunidas e constituido um grupo escolar, no qual será estabelecido o regimen e methodo de ensino das escolas-modelo, sendo os alumnos divididos em classes ou annos no numero e fórma nas mesmas adoptados.

Ha localidades de população escolar numerosa que já têm dois grupos escolares, como Amparo, Campinas, Piracicaba e Santos, tendo oito a capital.

O ensino das escolas preliminares, cursos nocturnos, escolas-modelo e grupos escolares comprehende as seguintes materias: leitura e principios de grammatica, escripta e calligraphia, calculo arithmetico sobre numeros inteiros e fracções, geometria pratica com as noções necessarias para suas applicações á medição de superficies e volumes, systema metrico decimal, desenho a mão livre, moral pratica, educação civica, noções de geographia geral, cosmographia, geographia do Brazil, especialmente do Estado de S. Paulo, noções de ciencias physicas, chemicas e naturaes, nas suas mais simples applicações, especialmente á hygiene; historia do Brazil e leitura sobre a vida dos grandes homens da historia, leitura de musica e canto, exercicios gymnasticos, manuaes e militares, apropriados á idade e ao sexo.

* *

Existem no Estado 3320 escolas preliminares para ambos os sexos, sendo 1852 para o masculino, 1348 para o feminino e 120 de ensino mixto. Destas, 2504 estão a cargo do Estado e 816 são mantidas pelos municipios em que estão situadas.

Os cursos nocturnos para adultos são em numero de 72.

A matricula nestas escolas é de 37960 alumnos.

* *

Na capital do Estado ha um jardim da infancia, installado a 18 de Maio de 1896, destinado ao ensino infantil pelo systema fröbeliano.

Frequentam este estabelecimento de 180 a 200 creanças, de 4 a 6 annos de idade, sendo o ensino dividido em tres periodos e ministrado em quatro classes formadas por creanças de ambos os sexos.

* *

Funcionam no Estado 58 grupos escolares, sendo 8 na capital e 50 no interior.

Os grupos escolares existentes, constituidos pela reunião das escolas das respectivas localidades, tendo, em regra, cinco classes para cada sexo, correspondem a mais 580 escolas preliminares no minimo.

Com organização equal á dos grupos escolares, no seu numero incluído e funciona na cidade de Santos um instituto de ensino denominado « Escola Barnabé », em edificio construído com um legado para esse fim deixado pelo finado cidadão Barnabé de Carvalhaes.

E' de 39110 o numero de alumnos matriculados nestes estabelecimentos. Cinco são as escolas-modelo, quatro na capital e uma em Itapetininga, sendo a matricula de 2292 alumnos.

Denominam-se ellas: *Caetano de Campos*, que funciona annexa á Escola Normal e onde os alumnos desta fazem os exercicios praticos de ensino e de regencia de classes, *Segunda Escola Modelo*, *Prudente de Moraes*, *Maria José* e *Escola Modelo de Itapetininga*.

A' excepção da Segunda Escola Modelo, todas as outras funcionam em edificios proprios.

A escola « Maria José », situada no arrabalde Bella-Vista, está instalada em um excellente predio construido especialmente para esse fim e doado ao Estado pelo patriótico cidadão sr. dr. Fernando Albuquerque.

*
**

Ha na capital um internato para meninas, mantido pelo Estado, com o nome de « Seminario de Educandas », destinado a abrigar, educar e instruir orphans desvalidas. E' de 100 o numero de educandas ali internadas. Além do sustento e vestuario, recebem instrucção primaria e pratica dos trabalhos domesticos proprios do sexo.

*
**

Tambem mantido pelo Estado e na capital ha o « Instituto Disciplinar » para recolhimento de menores vadios, viciosos e abandonados, tendo por fim inculcar-lhes habitos de trabalho, educar-os e dar-lhes instrucção primaria e profissional. Acham-se ali internados 25 menores.

*
**

Encerrando este capitulo relativo á instrucção elemental official do Estado de S. Paulo, cumpre lembrar o nome da operosa collaboradora da grande obra de Caetano de Campos, da illustre educadora norte-americana Miss Marcia P. Browne e consignar-lhe aqui um voto de muita gratidão, um preito de justa homenagem, pelo seu benefico concurso e dedicados esforços em prol do ensino primario de S. Paulo.

Os methodos e processos de ensino adoptados nas nossas escolas preliminares, grupos escolares e escolas-

modelo são os que ella poz em pratica, primeiro na escola-modelo que tem o nome daquelle saudoso mestre, e depois na escola « Prudente de Moraes », de que foi a organizadora. Honra, pois, a Miss Marcia Browne.

ENSINO COMPLEMENTAR

(CURSO NORMAL PRIMARIO)

O ensino complementar, segundo grau ou divisão do ensino primario, é feito nas escolas complementares.

O fim destas escolas era, a principio, desenvolver e completar o ensino primario iniciado nas escolas preliminares; posteriormente, a lei de 3 de Setembro de 1895 ampliou esse fim, convertendo-as em escolas normaes primarias, pois conferiu aos alumnos que concluirem o curso o direito de serem nomeados professores de escolas preliminares.

O curso das escolas complementares é de 4 annos e o ensino é ministrado a alumnos de ambos os sexos, em classes separadas, havendo um professor para cada classe.

O programma de ensino das escolas complementares comprehende as seguintes materias: portuguez, francez, arithmetica, elementos de algebra, até equações do 2.º grau, inclusive, geometria plana e no espaço e noções de trigonometria, noções de mechanica, visando suas applicações ás machinas as mais simples, noções de physica e chimica experimental e de historia natural, especialmente em suas applicações mais importantes á industria e á agricultura, noções de historia, geographia universal, historia e geographia do Brazil, cosmographia, noções de economia domestica (para as mulheres), moral e educação civica, calligraphia e desenho a mão livre, escripturação mercantil, exercicios militares, gymnasticos e manuaes apropriados á idade e ao sexo.

Cada escola complementar é munida de uma pequena bibliotheca, gabinete de physica, laboratorio de chimica e collecções de historia natural.

Existem 6 escolas complementares ou normaes primarias, sendo duas na capital, e uma em cada uma das seguintes cidades: Itapetininga, Piracicaba, Campinas e Guaratinguetá, tendo sido as duas ultimas installadas no corrente anno.

Matrícularam-se nas escolas complementares 1251 alumnos.

*
**

As aulas dos grupos escolares, escolas-modelo e complementares commecam de 1 de Fevereiro e funcionam até 30 de Novembro; as escolas preliminares são abertas a 26 de Janeiro e fechadas a 23 de Dezembro.

*
**

Os vencimentos mensaes dos professores dos diversos institutos de ensino primario são os seguintes: professor de escola preliminar—300\$000, de grupo escolar—350\$000, de escola-modelo—400\$000, de escola complementar—450\$000. Os respectivos directores, além do vencimento de professor, têm 50\$000 de gratificação.

ESCOLA NORMAL

(CURSO NORMAL SECUNDARIO)

A Escola Normal, situada na capital, é um estabelecimento de ensino secundario profissional e tem por fim dar aos candidatos á carreira do magisterio primario a educação intellectual, moral e pratica necessaria ao bom desempenho dos deveres de professor.

O curso normal é de 4 annos, gratuito e facultado a alumnos de

ambos os sexos, em classes separadas.

Para a matricula na Escola Normal, além de attestados de idade, moralidade e vacinação, é exigido dos candidatos exame de admissão tendente a verificar a sua habilitação para o estudo das materias do curso.

Os trabalhos lectivos commecam a 1 de Março e encerram-se a 14 de Novembro.

As materias de ensino do curso normal, distribuidas por 16 cadeiras, são: portuguez e historia da lingua, francez, latim, inglez, arithmetica, algebra, geometria, trigonometria com applicações á agrimensura, astronomia elemental e mechanica, physica e chimica, historia natural, generalidades sobre anatomia, physiologia e hygiene, geographia e historia, pedagogia e direcção de escolas, educação civica, calligraphia e desenho.

Além destas, fazem tambem parte do programma as seguintes materias, ensinadas em 7 aulas: escripturação mercantil, economia domestica, exercicios militares e gymnasticos, trabalhos manuaes e musica.

As cadeiras da Escola Normal são preenchidas por lentes, mediante concurso; as aulas, por professores e mestres contractados.

A Escola possui uma boa bibliotheca, com cerca de 10.000 volumes, gabinetes de physica e de historia natural, laboratorio de chimica, museu pedagogico, officinas para os trabalhos manuaes, appparelhos de ensino e para os exercicios gymnasticos e militares.

Os alumnos, terminando o curso, recebem diploma de habilitação para a regencia de cadeira em escola complementar, tendo preferencia para o provimento em escolas preliminares.

No corrente anno, matrícularam-se na Escola Normal 286 alumnos.

Os lentes cathedraes são vitalícios e inamovíveis e têm o vencimento mensal de 500\$000; os professores e mestres de aulas têm o de 400\$000 e o director, 1:000\$000.

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

São dois os institutos officiaes de ensino secundario, a cargo do Estado de S. Paulo — o Gymnasio da Capital e o Gymnasio de Campinas, destinados a proporcionar a alumnos externos a instrução secundaria e fundamental.

O curso dos gymnasios é de 6 annos e consta das seguintes materias distribuidas por 17 cadeiras e 2 aulas: portuguez, litteratura, francez, inglez, italiano, allemão, latim, grego, mathematica elementar, elementos de mechanica e astronomia, elementos de physica e chimica, elementos de historia natural comprehendendo noções de anthropologia, geographia e cosmographia, historia do Brazil, historia universal, psychologia e logica, desenho, gymnastica e exercicios militares.

Estes estabelecimentos são providos de bibliotheca, gabinete de physica, laboratorio de chimica, colleções de historia natural e materias necessarios ao ensino.

As cadeiras dos gymnasios são preenchidas mediante concurso e os respectivos lentes são vitalícios e inamovíveis, percebendo os mesmos vencimentos estabelecidos para os da Escola Normal.

Para a matricula no 1.º anno dos gymnasios, são os candidatos submettidos a exame de admissão, que versa sobre portuguez contemporaneo, arithmetica pratica, morphologia geometrica, systema metrico, noções do geographia e de historia do Brazil.

O anno lectivo começa a 15 de Abril e termina a 15 de Dezembro.

Na conclusão do curso, realizam-se os exames terminaes ou de madureza, que têm por fim não só verificar o conhecimento do alumno em cada materia isolada, como tambem julgar do gráu de madureza em coordenar os conhecimentos obtidos sobre as materias correlatas. Ao alumno approved nos exames terminaes é conferido o gráu e expedido o diploma de *bacharel em sciencias e letras*, que lhe dá direito á matricula em qualquer estabelecimento de ensino superior.

Nos dias anteriores aos feriados em honra da patria ou da humanidade, um dos lentes, eleito pela congregação, faz, perante todos os alumnos, visando a educação civica destes, uma breve allocução, lembrando os factos que se relacionam com a data commemorada.

No presente anno, matricularam-se 145 alumnos no gymnasio da Capital e 105 no de Campinas.

**

O corpo docente dos diversos institutos de ensino primario e secundario do Estado, desde o professor de escola preliminar até o lente da Escola Normal e dos gymnasios, tem sabido collocar-se na altura da sua importante missão e por isso gosa do respeito e estima publica, pela correção e proficiencia com que desempenha seus arduos deveres, esforçando-se por elevar o nivel da instrução.

MATERIAL ESCOLAR

Todos os estabelecimentos de ensino são dotados dos melhores moveis e modelos de material escolar conhecidos e adoptados nas nações cultas, notadamente na America do Norte.

A observação e o especial cultivo pedagogico dos professores paulistas têm feito introduzir diversas modi-

ficações nesse material, já no sentido de melhora-lo, já no de adapta-lo ás condições peculiares do ensino no Estado.

Actualmente, quasi que se não procura fóra do Estado o material tecnico necessario ás escolas; pois os moveis, livros e objectos didacticos, museus escolares, modelos e appparelhos para o ensino são aqui com vantagem fabricados e produzidos.

Os edificios escolares são construidos de accôrdo com os mais modernos preceitos da hygiene e da pedagogia.

METHODOS DE ENSINO

O ensino nas escolas de S. Paulo é ministrado segundo os processos intuitivos. As licções são empiricas e concretas e encaminhadas de modo que as facultades dos alumnos sejam provocadas a desenvolvimento gradual e harmonico.

Principalmente a facultade da observação é a que os professores paulistas, de accôrdo com a pedagogia moderna, mais procuram desenvolver, fazendo os alumnos adquirirem pela intuição o conhecimento directo e immediato das coisas.

Assim, pelo processo intuitivo é que se inicia a criança no estudo da linguagem, da geographia, da historia, da arithmetica, das sciencias naturaes, de todas as disciplinas, emfim, que constituem o programma do ensino primario.

PUBLICAÇÕES PEDAGOGICAS

Com o caracter propriamente pedagogico, só existem em S. Paulo dois periodicos. Um, com o titulo de *Revista de Ensino*, é publicado bimestralmente pela Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo; o outro, denominado *A Educação*, é publicado sob os auspicios da Associação Beneficente da Educação.

São excellentes archivos de assumptos geraes e pedagogicos e de trabalhos e informações sobre a instrução popular, servindo ao mesmo tempo de padrão para aferir o valor dos methodos e processos de ensino empregados nas escolas do Estado de S. Paulo.

DIRECÇÃO E INSPECÇÃO DO ENSINO

A direcção e inspecção do ensino são exercidas pelo Presidente do Estado e Secretario dos Negocios do Interior.

Na inspecção do ensino, é o governo auxiliado pelo inspector geral, pelos inspectores escolares e pelas camaras municipaes.

O Inspector Geral do Ensino tem a seu cargo: superintender a instrução publica primaria em todo o Estado, promover a sua organização uniforme, organizar os programmas para o provimento das escolas e presidir aos respectivos concursos, propor a criação, suppressão e transferencia de escolas, assim como a sua melhor localização, promover conferencias publicas sobre questões de ensino e de assumptos que contribuam para a educação civica do povo, exercer todos os actos necessarios ao bom desempenho de suas funções.

Os inspectores escolares são auxiliares do inspector geral e encarregados da inspecção e fiscalização do ensino nas localidades para onde forem enviados e da execução de quaisquer serviços relativos á instrução publica.

As camaras municipaes exercem a fiscalização do ensino nas escolas dos respectivos municipios, por intermedio dos seus presidentes ou dos delegados ou representantes que para esse fim nomearem.

Os encarregados da inspecção do ensino percebem remuneração con-

digna e exercem suas funções com independência, zelo e dedicação.

INSTRUÇÃO SUPERIOR

A instrução superior official é ministrada em dois estabelecimentos com séde na capital — a Faculdade de Direito, a cargo do governo federal, e a Escola Polytechnica, mantida pelo Estado de S. Paulo.

A Faculdade de Direito, creada com a denominação de *Curso Juridico*, por lei de 13 de Agosto de 1827, foi inaugurada a 1 de Março de 1828 e tem funcionado ininterruptamente até ao presente.

O curso da Faculdade é de 5 annos e comprehende as seguintes materias: philosophia do direito, direito internacional, publico e privado, diplomacia, direito publico e constitucional, economia politica, sciencia das finanças, contabilidade do Estado, sciencia da administração, direito administrativo, medicina publica, direito romano, direito criminal, direito civil, direito commercial, theoria e pratica do processo civil, commercial e criminal, legislação comparada do direito privado.

As materias do curso são distribuidas por 16 cadeiras e explicadas por igual numero de lentes cathedaticos e por 8 lentes substitutos.

A Faculdade possui uma riquissima bibliotheca, que é franca ao publico, contendo cerca de 30.000 volumes.

Annualmente é publicada uma revista academica da Faculdade, que é um excellent repository de artigos de doutrina juridica.

As aulas começam a 1 de Abril e encerram-se a 14 de Novembro.

Ao alumno approved nas materias do curso é conferido o grau de *bacharel em sciencias juridicas e sociais*, que o habilita para o exercicio da advocacia, magistratura, mi-

nisterio publico, notariado e carreira diplomatica e consular.

Os bachareis obtêm o grau de doutor em direito defendendo theses, que consistem em proposições (tres no minimo) sobre cada uma das materias do curso, e apresentando dissertação escripta sobre assumpto importante de qualquer das cadeiras.

Acham-se matriculados nos diferentes annos do curso 444 alumnos.

A Escola Polytechnica de S. Paulo foi inaugurada a 15 de Fevereiro de 1894.

Pela excellencia de sua organização, competencia do seu director e proficiencia do corpo docente, composto de notaveis homens de sciencia, tem a Escola Polytechnica se elevado no conceito publico e adquirido incontestado prestigio, não receiando o confronto com as mais estimadas instituições congêneres do estrangeiro.

O ensino da Escola Polytechnica consta de 2 cursos fundamentaes e 9 especiaes.

Os cursos fundamentaes dividem-se em *preliminar*, que é feito em 1 anno e é base para todos os outros cursos, e *geral*, estudado em 2 annos e base para o curso de engenheiros civis, architectos e industriaes.

Os cursos especiaes são: de engenheiros civis (3 annos de estudos), de engenheiros industriaes (3 annos), de engenheiros agronomos (4 annos), de mechanicos (2 annos), de agrimensores (1 anno), de machinistas (constante das aulas e officinas do curso de mechanicos), de contadores (constantes do curso preliminar).

As diferentes cadeiras dos diversos cursos e as aulas são regidas por 23 lentes cathedaticos, 14 substitutos e 8 professores, os quaes são viciaes.

O pessoal docente da escola tem os seguintes vencimentos mensaes: lente cathedratico — 700\$000, lente

substituto — 500\$000, professor — ... 400\$000. O director vence 1:000\$000, pelo cargo administrativo, além do que percebe como lente.

A abertura dos cursos dá-se a 1 de Setembro e o encerramento, a 31 de Maio do anno seguinte.

Acham-se matriculados nos diferentes cursos da escola 169 alumnos.

Na conclusão dos cursos, são conferidos aos alumnos, em sessão solenne, os respectivos diplomas, que, em virtude do decreto legislativo federal n. 727 de 8 de Dezembro de 1900, são reconhecidos para todos os effectos legais, como de caracter official, em todo o territorio da Republica Brasileira.

O alumno que fizer com distincção os seus estudos e fôr classificado como o primeiro estudante entre os que com elle frequentaram o curso, terá direito ao premio de viagem ao estrangeiro.

Creado pela congregação da escola, ha tambem o premio *Cesario Motta*, constante de uma medalha de ouro, que é conferido ao alumno mais distincto do curso preliminar.

Tem a escola uma excellent bibliotheca e está dotada de todos os gabinetes, machinas, apparatus, instrumentos, especimens e utensis necessarios ao ensino pratico dos diversos cursos, tudo perfeitamente montado e do que ha de mais moderno. Dispõe tambem de um campo de experiencias para os exercicios relativos ao curso de agronomia.

A escola publica annualmente uma revista com o titulo de *Anuario da Escola Polytechnica de S. Paulo*.

ENSINO PROFISSIONAL AGRICOLA

O legislador paulista, reconhecendo a necessidade de ser fornecida preparação scientifica aquelles que se

destinam á agricultura e ás industrias que com ella se relacionam, preencheu a lacuna que a respeito havia, estabelecendo, na lei de 13 de Setembro de 1899, as regras geraes para a fundação das escolas agricolas.

O primeiro instituto official desta natureza foi installado na fazenda «S. João da Montanha», em Piracicaba. Creado por decreto governamental de 29 de Dezembro de 1900, sob a designação de Escola Pratica de Piracicaba, tem hoje a denominação de *Escola Agricola Pratica «Luiz de Queiroz»*, como homenagem e tributo de reconhecimento á memoria saudosa do fallecido cidadão Luiz Vicente de Sousa Queiroz, que patrioticamente fez doação ao Estado da alludida fazenda «S. João» e suas bemfeitorias, para nella funcionar a escola agricola.

Este estabelecimento, que foi inaugurado a 3 de Junho de 1901, tem por fim diffundir as noções, preceitos e praticas mais uteis á agricultura, visando formar cultivadores que reunam, a par do preparo tecnico, as precisas condições de capacidade para poderem explorar racional e economicamente as propriedades rurais.

Annexos á escola, ha uma *fazenda modelo* e um *posto zootechnico*, para o fim de desenvolver o ensino pratico demonstrativo dos processos aperfeiçoados de cultura, criação e tratamento dos animaes.

O ensino ministrado constitúe o curso de agricultura, que é professado em 3 annos e distribuido por 5 cadeiras.

Este curso, elementarmente theorico e essencialmente pratico, consta das seguintes disciplinas, estudadas em suas applicações mais uteis e immediatas á agricultura: mathematica elementar, physica, meteorologia e climatologia, chimica mineral, organica, agricola e industrial, botanica e phytopathologia, zoologia, geologia, agrologia e machinas, phytotechnia,



agrimensura e desenho, zootecnia, arte veterinaria, hygiene pecuaria, economia e contabilidade ruraes.

A escola possui bibliotheca, gabinetes de physica e meteorologia, de geologia, mineralogia e agrologia, de botanica, zoologia e zootecnia, de desenho, agrimensura e contabilidade, museu de collecções de historia natural, laboratorio para exercicios e trabalhos de analyses de terras, cinzas e adubos.

O regimen da escola é o externato e o anno lectivo, dividido em dois semestres, começa a 10 de Janeiro e termina a 14 de Novembro.

Frequentam a escola no presente anno 29 alumnos, havendo 4 ouvintes.

Ao alumno que terminar o curso, é conferido o titulo de *agronomo*.

Serão tambem conferidas as seguintes medalhas: de ouro, ao alumno que for approvado com distincção em todos os exames do curso; de prata, ao que obtiver distincção em dois terços dos exames e approvação plena no outro terço; de bronze, ao que houver obtido distincção em metade dos exames.

O corpo docente da escola tem os seguintes vencimentos mensaes: lente cathedratico — 500\$000, professor — 350\$000, mestre de culturas — 300\$000. O director será um dos lentes e residirá no edificio da escola.

* *

Outro instituto official de ensino agricola installou-se este anno, a 24 de Maio, com a denominação de *Aprendizado Agricola «Dr. Bernardino de Campos»*, no municipio de Iguape, séde do 6.º districto de Agricultura do Estado.

Os fins deste instituto são identicos aos da escola de Piracicaba.

O curso terá a duração de 2 annos e o programma de ensino comprehende as seguintes disciplinas:— 1.º anno: botanica agricola — noções

de anatomia e morphologia, zoologia agricola — noções geraes sobre os animaes domesticos, arithmetica pratica e agrimensura, agronomia geral, pratica agricola; 2.º anno; botanica — noções sobre physiologia e systematica, agricultura geral, elementos sobre criação, repetição geral das materias do 1.º anno e pratica agricola.

O ensino é essencialmente pratico, sendo utilizados para o seu bom desenvolvimento: o museu agricola regional do districto, o deposito de instrumentos e aparelhos agricolas annexo ao campo de experiencias da localidade e o observatorio meteorologico da séde do districto.

O curso será desenvolvido pelo inspector do districto, por seu ajudante e pelo chefe de culturas do campo de experiencias.

O alumno que for approvado no exame final do 2.º anno obterá um attestado do seu preparo e conducta.

Estão cursando o 1.º anno 22 alumnos matriculados e 7 ouvintes.

* *

Mantidas pelas respectivas municipalidades, existem em Batataes e Araras instituições de ensino agricola, com organização similhante á de Iguape. Essas instituições denominam-se *Escola Agricola de Batataes* e *Escola Rural de Araras* e foram installadas, a primeira no anno passado, a segunda no corrente anno.

Outros municipios estão tratando de fundar identicas escolas.

ESTATISTICA ESCOLAR

Para o leitor poder facilmente verificar qual o numero de escolas e estabelecimentos de ensino mantidos pelos poderes publicos organizou-se o seguinte quadro demonstrativo.

Quadro das escolas publicas do Estado do S. Paulo e dos alumnos que as frequentam

DESIGNAÇÃO	Numero de escolas				Numero de alumnos		
	Para o sexo masculino	Para o sexo feminino	Do ensino mixto	Total	Do sexo masculino	Do sexo feminino	Total
CURSO PRELIMINAR							
Escolas do Estado	1.446	938	120	2.504	15.906	13.774	29.680
Escolas municipaes	406	410	1	817	2.967	3.153	6.120
Cursos nocturnos para adultos	72	1	1	74	2.160	1	2.160
Jardim da Infancia	1	1	1	3	83	98	181
Grupos escolares	3	2	53	58	18.982	20.128	39.110
Escolas-Modelo	1	1	5	7	1.098	1.194	2.292
Seminario de Educandas	1	1	1	3	100	100	200
Instituto Disciplinar	1	1	1	3	25	1	26
CURSO NORMAL							
Escolas complementares (curso normal primario).	1	1	1	3	6	6	12
Escola Normal (curso normal secundario)	1	1	1	3	512	739	1.251
INSTRUÇÃO SECUNDARIA							
Gymnasios	2	1	1	4	250	1	251
INSTRUÇÃO SUPERIOR							
Faculdade de Direito	1	1	1	3	444	1	445
Escola Polytechnica	1	1	1	3	169	1	170
ENSINO AGRICOLA							
Escola Agricola «Luiz de Queiroz», de Piracicaba	1	1	1	3	3	1	4
Aprendizado agricola dr. «Bernardino de Campos» de Iguape	1	1	1	3	29	1	30
Total	1.934	1.351	186	3.471	42.758	39.372	82.130

BIBLIOTHECA E MUSEU

Dois estabelecimentos que se relacionam com a instrução popular existem na capital, custeados pelo Estado de S. Paulo, e são a Bibliotheca Publica e o Museu Paulista.

Ambos, installados durante a feccunda administração do Presidente do Estado Dr. Bernardino de Campos, prestam reaes serviços ao publico, que a elles afflue em numero avultado.

A Bibliotheca Publica do Estado de S. Paulo, inaugurada a 7 de Abril de 1896, possui entre as suas collecções algumas preciosidades bibliographicas e muitas obras de merecimento scientifico, literario e esthetico, assim como grande cópia de jornaes e revistas publicados no paiz e no estrangeiro.

A bibliotheca conta approximadamente 25.000 volumes e está dividida em duas secções, uma de manuscritos e impressos, outra de trabalhos graphicos.

O termo medio de consultantes e leitores que frequentam a bibliotheca é de 40.000 por anno.

Outro estabelecimento que honra ao Estado de S. Paulo é o Museu Paulista, inaugurado a 7 de Setembro de 1895.

Acha-se installado no vasto e excellent edificio localizado na collina do Ypiranga e construido para commemorar a independencia do Brazil, ali proclamada, a 7 de Setembro de 1822, por D. Pedro I, então principe regente, e depois primeiro imperador do Brazil.

Além das collecções relativas aos tres reinos da natureza, representa-

dos por grande cópia de individuos e variedade de especies e familias, possui tambem o museu ricas colleções de ethnographia e archeologia, numismatica, objectos historicos, trabalhos de arte, telas de pintores brasileiros, etc.

As colleções expostas ao publico occupam 17 salas do pavimento superior.

O pavimento inferior é occupado pela secção de botanica, bibliotheca (que conta grande e escolhido numero de obras, principalmente sobre historia natural e anthropologia), gabinete do director, sala reservada para visitantes que queiram fazer estudos, laboratorios conchologico, entomologico etc., e respectivas colleções para os estudos, deposito de drogas, vasilhame etc. e officina de preparadores.

Quadro discriminativo da despesa do Estado de S. Paulo com a Instrução Publica

DESIGNAÇÃO	Importancia em réis	Importancia em dollars
Escolas preliminares, cursos nocturnos e grupos escolares	4.090.000\$000	1022500.0
Subvenção ás Municipalidades para as escolas a seu cargo	500.000\$000	125000.0
Subvenção a instituições particulares de ensino	318.200\$000	79550.0
Jardim da Infancia	41.160\$000	10290.0
Escolas-modelo	384.140\$000	96035.0
Seminario de Educandas	92.380\$000	23095.0
Instituto Disciplinar	77.400\$000	19350.0
Escolas Complementares	290.500\$000	72625.0
Escola Normal	199.280\$000	49820.0
Gymnasios	331.200\$000	82800.0
Escola Polytechnica	562.200\$000	140550.0
Escolas Agricolas	88.400\$000	22100.0
Inspeção de Ensino	105.000\$000	26250.0
Para aquisição de material escolar	240.000\$000	60000.0
Bibliotheca Publica	30.000\$000	7500.0
Museu Paulista	69.960\$000	17490.0
Professores aposentados	332.100\$000	83025.0
Subvenção a moços paulistas para estudarem pintura, esculptura e musica	20.000\$000	5000.0
	7.771.920\$000	1942980.0

ENSINO PRIVADO

Além dos institutos de ensino mantidos pelos Poderes Publicos, existe grande numero de estabelecimentos

Annualmente é editada pelo director a «Revista do Museu Paulista», tendo já sido publicados 5 volumes.

De anno para anno augmenta a concorrência de pessoas em visita ao museu; no corrente anno, pôde-se avaliar em 30.000 o numero de visitantes áquelle estabelecimento.

DESPEZA COM A INSTRUÇÃO PUBLICA

Segundo a lei do orçamento vigente, depende o Estado de S. Paulo com a sua instrução publica 7.771:920\$000 (\$1942980.0), conforme o quadro abaixo.

Tendo sido a receita orçada em 39:744:000\$000 (\$1936000.0), verifica-se que o Estado gasta com a instrução publica a 5.^a parte quasi da sua renda.

de instrução primaria e secundaria sustentados por individuos ou associações particulares, confrarias e ordens religiosas, recebendo alguns subvenção do Estado.

O ensino particular pôde ser exercido livremente por nacionaes e estrangeiros.

Esta liberdade tem, porém, as seguintes limitações: os estabelecimentos de ensino privado estão sujeitos á fiscalização do governo na parte referente á hygiene, e os respectivos proprietarios ou responsaveis são obrigados a fornecer os dados relativos á estatistica escolar.

Pelas informações colhidas, verifica-se haver no Estado de S. Paulo cerca de 800 escolas particulares de ensino primario, diurnas e nocturnas, para um e outro sexo, sob o regimen de externatos, com a média de 24.000 alumnos, assim como 150 collegios ou internatos, uns para meninos, outros para meninas, alguns exclusivamente de ensino primario ou secundario, outros de ambos os ensinos. Ha tambem estabelecimentos de instrução superior e de ensino technico profissional.

As escolas particulares são, em geral, modeladas pelas escolas officiaes, executando os programmas de ensino nestas adoptados.

Entre os estabelecimentos de ensino privado, ha alguns de bastante importancia; daremos noticia dos seguintes:

Seminario Episcopal.—Foi fundado na capital a 9 de Novembro de 1856, pelo fallecido bispo da diocese D. Antonio Joaquim de Mello, e se destina ao preparo dos candidatos á carreira ecclesiastica.

O curso theologico é de 6 annos. Annexo ao Seminario, funciona o Collegio Diocesano, de instrução secundaria, para o estudo de humanidades, com o mesmo programma dos gymnasios officiaes, havendo tambem um curso de instrução primaria.

O regimen é de internato. Frequentam os diversos cursos 550 alumnos.

Tem importante bibliotheca.

Escola Americana e Mackenzie College.—A Escola Americana foi fundada na capital, em 1870, pelo Rev. Chamberlain, de saudosa memoria, como parte da Missão Presbyteriana, com cursos graduados, segundo os planos das escolas da America do Norte, sendo as aulas mixtas, desde o principio até hoje. Em 1877, foi aberto por ella o primeiro Jardim da Infancia, pelo systema Froebel.

Em 1885, foi a escola completamente reorganizada pela actual direcção, retirada da Missão e entregue a uma Associação Philantropica de Educação, com sede e directoria em New-York. Abriram-se em 1886 as primeiras officinas de Trabalho Manual, como parte de um systema de educação integral, mandando vir um professor da escola de Nüas, na Succia.

Na divisão do ensino, então feita, foi creado um curso Normal de 3 annos, mandando a Escola vir da America do Norte uma especialista para dirigir-o (Miss. Browne e depois a actual directora Miss. Scott.)

Em 1887, foi inaugurado um curso superior, tambem para ambos os sexos.

Em 1890, foi incorporado á Universidade do Estado de New-York, por carta dos Regentes.

Em 1891, recebeu de Mr. John Mackenzie, advogado de New-York, uma doação de 50.000 dollars, pelo que foi dado o nome de *Mackenzie College* aos cursos superiores.

Possúe terrenos e edificios, bibliothecas e laboratorios,—tudo producto de doações de amigos dos Estados Unidos da America.

Os cursos, conforme a organização actual, são: um primario, de 3 annos, um intermediario, de 1 anno, um secundario (Grammar-School), de 3 annos, um normal, de 3 annos, e um superior, de 6 annos, dividido

em dois grupos—um de Gymnasio, de 3 annos, e um Academico, de 3 annos, com 3 cursos: um Classico ou de Letras, um Scientifico ou de sciencias geraes, e um de Engenharia Civil, com os competentes apparatus, laboratorios, colleções e gabinetes.

A instituição liga tambem grande importancia á educação physica, promovendo-a por meio dos exercicios gymnasticos e jogos athleticos, tendo sido ella a introductora do *foot-ball*.

Em todos os cursos ha actualmente 626 alumnos de ambos os sexos (sendo 15 moças nos cursos superiores); deste numero, 126 são inteiramente gratuitos.

O corpo docente do Mackenzie College consta de 19 lentes (formados em diversas Universidades) e 3 adjunctos; o da Escola Americana consta de 20 professoras, 4 professores e 6 adjunctos.

Escola Livre de Pharmacia.—Foi fundada na capital a 22 de Novembro de 1898

O curso pharmaceutico é dividido em 3 series, havendo uma 4.^a série para os que, terminando aquelle curso, quizerem obter o diploma de bacharel em sciencias naturaes e pharmaceuticas. Ha tambem annexos os cursos de obstetricia e arte dentaria.

São admittidos á matricula pessoas de ambos os sexos. Matricularam-se este anno 267 alumnos.

A escola tem bibliotheca e possui os gabinetes e laboratorios precisos.

Escola Pratica de Commercio.—Funciona na capital e foi inaugurada a 1 de Junho de 1902. Tem por fim ministrar o ensino technico necessario aos que se determinam á profissão commercial.

O curso é de 3 annos e acham-se funcionando o 1.^o anno e o 2.^o, nos quaes estão matriculados 140 alumnos.

Tem museu de mercadorias, laboratorio de analyses e uma pequena bibliotheca.

Lyceu de Artes e Officios.—E' uma instituição de ensino primario e profissional, installada na capital a 1 de Setembro de 1883 e mantida pela « Associação Paulista do Lyceu de Artes e Officios ».

Tem por objecto ministrar gratuitamente ao povo, por meio de licções, conferencias e aulas praticas, o ensino dos conhecimentos proprios para elevar o nivel profissional e intellectual das classes laboriosas.

Funciona sob o regimen de externato, em predio proprio, tendo perfeitamente montada todas as officinas e aulas, de accôrdo com o seu programma de ensino. Possui tambem uma boa bibliotheca.

Frequentam o Lyceu 450 alumnos.

Instituto Dona Anna Rosa.—Util instituição de iniciativa particular, foi fundada na capital, em virtude de um legado deixado para este fim pela virtuosa senhora Anna Rosa de Araujo, e inaugurado a 25 de Janeiro de 1875.

Tem por fim dar educação gratuita, primaria e profissional, a meninos desvalidos, de modo a habilital-os a exercer utilmente artes e officios, tendo para isso as aulas e officinas necessarias.

E' internato e conta 180 meninos.

Collegio Dona Carolina Tamandaré.—Foi fundado na capital em 1892 pelo finado Dr. Manoel da Cruz Tamandaré, em homenagem á memoria de sua finada consorte, D. Carolina Tamandaré, senhora de altas virtudes e pios sentimentos. Para patrimonio do collegio, fez-lhe o fundador doação de um grande terreno e edificio nelle construido, de 200:000\$ em dinheiro e de 132 acções da Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes, cujo valor nominal é 26:400\$000.

Destina-se este instituto a meninas desvalidas, tendo por fim diffundir a educação intellectual, moral e religiosa, e ensinar tudo quanto deve

saber uma mulher para ganhar honesta e independentemente sua vida e tornar-se uma boa mãe de familia.

O numero de internadas é limitado a 60.

Lyceu do Coração de Jesus—Este importantissimo estabelecimento foi inaugurado na capital em 1886 e é dirigido por Padres Salesianos.

Tem por fim proporcionar educação primaria e professional a meninos pobres. Além do internato, mantêm um externato de ensino primario exclusivamente.

Funciona em grande edificio, situado em vasto terreno, tendo perfeitamente montadas officinas de toda a especie, necessarias ao ensino technico profissional de artes e officios.

Entre internos e externos, attinge a mais de 800 o numero de alumnos do Lyceu Salesiano.

São identicos a este, quanto aos fins e organização, os estabelecimentos de ensino professional existentes em Campinas, Lorena, Botucatu e outras localidades.

**

Entre os collegios de instrução secundaria, são dignos de menção os seguintes, para homens:

Instituto de Sciencias e Letras.—*Collegio Modelo Inglez.*—*Hydecroft College.*—*Gymnasio de S. Bento* (estes na capital).—*Collegio S. Luiz*, em Itú.—*Collegio Nogueira da Gama*, em Jacarehy.—*Atheneu Jahuense*, em Jahu. Para mulheres: *Collegio de São.*—*Kingston College.*—*Orphanato de Sant'Anna.*—*Collegio do Coração de Maria* (na capital) e *Collegio do Patrocinio*, em Itú.

Quanto aos institutos de ensino primario, podem ser, dentre os principaes, mencionados os seguintes:

Escolas Maternaes, creadas e sustentadas pela Associação Feminina Benificante e Instructiva, que mantem, na capital e no interior do Estado, 28 escolas primarias, um lyceu

para moças, um asylo para mulheres desamparadas e uma creche para filhos de operarios pobres, com a matricula de 1071 alumnos de um e outro sexo; *Asylo S. João*, para orphans desvalidos, fundado e sustentado pelo Grande Oriente Maçonico do Estado; *Escolas maçonicas*, diurnas e nocturnas, creadas e mantidas pelas lojas maçonicas do Estado;

Orphanato Christovão Colombo; *Escolas do Circulo S. José*; *Abrigo Santa Maria*, para orphans; *Externato Vautier*, para moças, mantido pelas loja maçonica « Eduardo Vautier »; *Externato S. José*, mantido pela Casa de Misericordia da Capital; *Asylo de Orphans* do Ipiranga; *Asylo de Orphans* de Campinas, de Santos, de Piracicaba e de outras cidades; *Collegio N. S. do Carmo* e *Collegio S. José*, em Guaratinguetá; *Escola do Povo*, em S. Vicente.

Em relação á cultura physica, é digna de nota a attenção que se lhe presta; não só os exercicios gymnasticos, mas tambem diversos jogos athleticos, como o *foot-ball*, a *pêla*, etc., são usados para desenvolver e robustecer o organismo.

**

Em face dos dados collidos, pode ser calculada a matricula total dos diversos institutos de ensino particular que funcionam no Estado em 46.500 alumnos.

**

Associações scientificas e literarias encontram-se em grande numero no Estado. São mais importantes as seguintes:

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.—Foi fundado na capital a 1 de Novembro de 1894 e tem por fins promover o estudo da historia e geographia do Brazil, principalmente do Estado de S. Paulo. Realiza duas sessões por mez e pu-

blica uma revista em que são inseridos os trabalhos lidos pelos socios nas sessões, assim como os enviados ao Instituto e julgados uteis e interessantes. Possui uma regular biblioteca.

Centro de Sciencias, Lettras e Artes, de Campinas, que tem por fim estudar e elucidar questões e assumptos referentes ás sciencias, ás letras e ás artes. Publica uma revista.

Sociedade de Ethnographia e Civilização dos Indios, na capital, tendo por objecto o estudo da lingua, costumes e o mais que se refere aos aborigenes do Brazil, assim como a promoção da catechese dos que se acham ainda embrenhados nos sertões de S. Paulo. Publica tambem uma revista.

Sociedade Scientifica de S. Paulo, na capital, fundada este anno, cujo escopo é o estudo das sciencias em geral e das naturaes em particular.

Existem no Estado diversas bibliothecas e gabinetes de leitura de individuos e associações particulares. São notaveis as bibliothecas do finado Dr. Eduardo Prado, do dr. Miranda Azevedo, do dr. H. von Thering, do Mackenzie College, do Seminario Episcopal e do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, na capital, e as dos gabinetes de leitura de Rio Claro, Pindamonhangaba, Botucatu, Jundiahy, S. Manoel do Paraizo e Iguape.

Tambem se encontram no Estado alguns museus pertencentes a particulares. Um dos mais importantes é o do cidadão Francisco Barros Civatti, de Boa Vista das Pedras, principalmente pela rica colleção ornithologica, que conta grande quantidade de especimens da fauna paulista.

Eis concluida a breve noticia sobre a educação no Estado de S. Paulo.

Não se pode dizer que em materia de ensino temos attingido á perfeição e que, quanto á instrucção primaria, estejam satisfeitas as necessidades da população e as aspirações da época; mas não se poderá contestar que o Estado de S. Paulo grandes serviços já tem realizado em tão importante assumpto.

O zelo e interesse que o Poder Publico e o proprio povo paulista ligam á solução de problema de tão alta relevancia permitem prever que a instrucção popular em S. Paulo alcançará, em futuro não muito remoto, um grau de progresso tal que conquistará os applausos dos homens competentes.

E será uma grata recompensa para aquelles que tiverem trabalhado com patriotismo e perversança para a consecução deste desideratum.

Educação Nacional

(CIVISMO E FORMAÇÃO DO CARACTER)

(Continuação)

O pae e a mãe na educação no lar

«Precisa-se promover um levantamento geral em favor da Educação nacional, diz José Verissimo. E como fazer a educação Nacional sem primeiro reformar a educação na familia, e sem a educação do character?»

Tanto vale a familia, tanto vale a Sociedade. A familia é a escola da virtude; é no seio d'ella que a virtude se forma e passa por todas as provações; mas façamos com que a creança encontre na Escola as lições e os exemplos que por vezes lhe faltam no lar.

A influencia da familia é incomparavelmente a mais poderosa e a mais duradoura. Depois da familia vem a Escola. A creança lhe chega já impregnada das influencias primeiras. Mas a lição da Escola é forçosamente curta e intermitente; a lição viva (na familia) é continua. Formar creanças que sejam um dia paes de familia melhores do que o foram seus proprios paes, tal é o voto de Heitor (na Iliade) abraçando seu filho recém-nascido: «Oxalá seja melhor do que eu!»

Nos collegios dispensam-se todos os cuidados á intelligencia, e nada á educação do character. Entretanto a vida da creança dependerá mais do que ha de ser um dia pelo coração, pelo character, do que dos conhecimentos que tiver accumulado em seu espirito; dependerá da firmeza, da moderação, da dignidade, do respeito, da coragem, da iniciativa. Quantos laureados, diz Montesquieu, esperam sua sahida do collegio para commetter mil e mil loucuras que lhe seriam poupadas por uma educação moral mais intima e mais profunda que a familia só pode realisar!

Entretanto, carece combater um grande defeito na familia: o egoismo, que faz do *Eu* como o centro de nossos sentimentos e de nossos pensamentos; carece avivar nella o *altruismo*, a polidez, a beneficencia, os instruidos de moralidade. Mas não é só para a pratica do altruismo, sim por ella que a creança pode fortificar a sua individualidade.

A familia só compete ensinar as creanças a se governarem por si proprias, tomando ellas o mais cedo possível o habito da responsabilidade, concedendo-se-lhes o maximum de liberdade possível, procurando-se fazer d'ellas homens aptos para vencer nas lutas pela existencia,

Anatole France, Mirbeau, Jules Renard, Daudet, Aicard, Paul Mar-

guerite exigem a liberdade para a infancia.

Seria longo discutir aqui as vantagens attribuidas á educação em commum, apezar da fraqueza ou insufficiencia da cultura moral nessa educação collectiva. Mas jámais os collegios ou os gymnasios officiaes serão capazes de substituir a familia. Entretanto, ambos (o collegio e a familia) têm suas vantagens e seus defeitos, no ponto de vista de sua influencia sobre o character das creanças. Não se pôde excluir nem uma nem outra educação. Diremos apenas que a educação na familia não deve ser muito prolongada, pois é força confessar que ella não tende em geral a desenvolver a energia da creança. Que energia pôde se desenvolver n'um lar tranquillo, placido? Pelo contrario, a educação em commum dá ás creanças a idéa da egualdade, o conhecimento dos seus direitos, como tambem dos direitos alheios. Entretanto, diz Rousseau, carece bem conhecer o genio particular da creança para saber qual o regimen moral que lhe convem. A boa educação reclama uma disciplina especial para cada creança; mas o que é factivel na familia é irrealizavel na Escola.

Do confronto de ambos os meios de educação (na Escola e na familia) concluimos:

O primeiro fim da educação é domar os vicios, as inclinações da infancia. Mas todos aquelles que têm encargo d'esse dever bem sabem que, a esse respeito, a sciencia do Educador não pôde substituir a *auctoridade e a solicitude* dos paes. E' reconhecida a impotencia do educador em preencher *só por si* a obra difficil que consiste em formar o coração e o espirito da creança.

Os numerosos professores primarios que reclama o nosso systema de ensino das classes populares são incapazes de lhe inculcar, no *curto* pra-

zo d'um curso primario, principios assás nobres, assás fecundos para que as novas gerações deduzam logo d'elles, como corollarios, as leis da Moral, a pratica da vida e uma exacta comprehensão das relações sociaes.

O pae de familia, coadjuvado pela Mãe religiosa, ficará pois no futuro (*e só quando o nível de cultura intellectual da mulher fôr elevado ao ponto a que ella deve chegar*) o verdadeiro guia do filho que vae procurar o ensino na Escola.

A creança, ao nascer, traz consigo uma inclinação decidida para o mal. Mas logo é progressivamente iniciada no conhecimento e na pratica do bem, graças aos ensinamentos legados pela sabedoria das gerações passadas. Os paes é que são os depositarios d'esse primeiro thesouro, d'essa maravilhosa transmissão. Sem duvida, o mestre toma uma parte importante na propagação das *ideias geraes* em que vêm inspirar-se todos os povos civilizados, mas são inferiores aos paes e ás mães

em inculcar ás creanças as noções especiaes á nação e á raça. O pae, na verdade, na nossa actual sociedade brasileira, não póde a cada instante apreciar o valor dos serviços do Mestre, como si se tratasse do valor de uma mercadoria. Em presença d'essa natureza das cousas, o Mestre fraqueia não raras vezes, no cumprimento de seus devéres, e essa relaxação accarreta para a creança as mais perniciosas consequências. Por isso, os nossos melhores systemas pedagogicos não podem decididamente substituir a solicitude innata dos paes e as beneficis influencias do lar.

D'ahi o perigo dos internatos.

D'ahi a necessidade urgente de aperfeiçoar a educação da mulher, futura mãe de familia.

S. Paulo, 4 de Janeiro de 1904.

HIPPOLYTO PUJOL.

(*Continúa*)

PEDAGOGIA PRATICA

Notas de portuguez

II

Phonologia.—A fala humana,—sua formação natural;—linguagem dos animaes,—ideal scientifico.—O som,—sua produção no nosso aparelho de phonação,—analogia deste com um instrumento musical.—Apparelho de phonação: pulmões, bronchios, trachéa—arteria, larynge (cordas vocaes inferiores, glote, ventriculos de Morgagni, cordas vocaes superiores, epiglote), pharynge, fossas nazae, bocca (véu do paladar, abobada palatina, arcada dentaria superior, lingua, arcada dentaria inferior, faces, labios).—Formação da voz humana a partir o ar dos pulmões.—Emprego das partes immoveis do aparelho de phonação: vozes, — definição. — Emprego das partes moveis: articulações,—definição.—Voz articulada.—A formação da voz é obra do homem.—Necessidade das vozes é articulações na lingua.

Para lermos de modo correcto e harmonioso as palavras de uma lingua, precisamos estudar os seus sons isolados e combinados, isto é, a sua—phonologia.

Phonologia portugueza é a parte da grammatica portugueza, que estuda os sons isolados e combinados da lingua portugueza para ensinar sua fala correcta e harmoniosamente.

A fala humana, cuja formação é espontanea por possuir o homem os orgams necessarios para isso, é o meio de revelarmos os nossos sentimentos.

Todos os animaes sendo mais ou menos sociaes, possuindo na sua maior, como está hoje provado, o aparelho de phonação e o cerebral correspondente, devemos admittir que elles no futuro poderão possuir uma linguagem falada.

Assim, pois, a superioridade do homem sobre os outros animaes só é devida ao perfeito equilibrio dos seus orgams e ao gráu que comporta o desenvolvimento de uma faculdade commum a toda vida animal e sem a qual não se poderia mesmo conceber a existencia.

A natureza dos animaes em these não differe da nossa e si elles não têm tido até hoje notavel desenvolvimento é porque diversas causas o têm impedido. Dentre ellas notamos a preponderancia do mais forte sobre o mais fraco, pela qual o homem pela sua perfectibilidade relativa e levado pelos seus sentimentos egoisticos, procura subjugar não só aos seus semelhantes, como manifestamente aos animaes de escala inferior, como já nos foi permittido dizer.

Ha linguaes que têm o aparelho de phonação mais desenvolvido que o cerebral—cabra e papagaio—e outros que têm este mais desenvolvido que aquelle—cão e cavallo.

A linguagem dos animaes delles depende, é certo; mas o homem póde

auxiliaes, chegando mesmo a ensinar-lhes uma linguagem mimica.

Sendo toda sciencia abstracta e seu ideal a maior perfeição dos seres sociaes, podemos admittir que os animaes cheguem em futuro mais ou menos remoto a possuir uma linguagem identica a dos homens da actualidade. Realizado que seja isto, os homens terão chegado ao seu maior grau de perfeição.

O som é o fundamento da voz e portanto da linguagem. E' toda impressão causada em nosso organo auditivo pelas vibrações isochronas do ar. Produz-se em nosso aparelho de phonação pelas vibrações das cordas chamadas vocaes, conforme a maior ou menor pressão do ar e leis acusticas.

Ha instrumentos que imitam perfeitamente a voz humana. A flauta, a rabeca, a requinta, etc., estão nesse caso. Esses instrumentos ligados, formando um corpo unico, composto de sopro, cordas e palhetas, formariam uma engenhosa concepção analoga ao nosso aparelho vocal, capaz de produzir sons semelhantes á voz humana.

Ha, pois, grande analogia entre o nosso aparelho de phonação e a flauta, a rabeca, a requinta, etc. e portanto a um instrumento que delles se componha.

« O organo essencial para a producção de vozes é a larynge: os pulmões fazem as vezes de um folle e a trachéa—arteria as de um portavelto ».

O tubo vocal, que é o aparelho da voz articulada, consta da pharynge, da bocca e das fossas nazaeas.

« A larynge humana tem dois estreitamentos formados por dois pares de linguetas—glote inferior e glote superior,—chamados tambem *cordas vocalicas* ».

Vulgarmente ambos são comprehendidas pela denominação de glote. E' atravez da glote que se effectua a respiração, isto é, a aspiração e a

expiração. As vozes, cuja intensidade está sempre na razão directa da força com que é expellido o ar, se produzem durante a expiração.

As vozes modificam-se especialmente na parte superior do tubo vocal, que compõe-se de membranas e musculos e de organs moveis e immoveis.

« Os organs moveis são :

1) O *véu do paladar*, divisão musculo-membranosa, quasi quadrilateral, cuja margem superior apega-se á abobada palatina, ao passo que a inferior flutua livremente sobre a base da lingua, apresentando em sua parte média a saliencia chamada *úvula* ou *campainha*, e continuando-se de de cada lado com a lingua e com a pharynge por meio de prégas, conhecidas anatomicamente por *pilares do véu do paladar* ;

2) a *lingua*, corpo musculoso, maravilhosamente flexivel, que, ligado em parte á mandibula inferior, contrae-se, alonga-se, dobra-se, vibra, podendo ir tocar com a sua extremidade quasi todos os pontos da cavidade buccal.

Comparam-n'a pittorescamente e com muita justeza ao badalo de um sino » ;

3) as *faces* e os *labios*. As faces formam as paredes lateraes e os labios formam a abertura da boca. A emissão do som é impossivel sem abrirem-se os labios ;

4) a *arcada dentaria inferior*.

Os organs immoveis são :

1) as fossas nazaeas ;

2) a aboboda palatina ;

3) a *arcada dentaria superior*.

Póde-se falar com os dentes cerrados, porque isso não impede a passagem do ar, conforme demonstram a observação e a experiencia.

E', pois, na glote que os sons se produzem e na boca que elles se modificam.

Eis em resumo o mecanismo da fala: o ar expirado pelos pulmões,

atravez dos bronchios e da trachéa—arteria, chega ao larynge, onde põe em vibração as cordas vocaes, transformando-se em voz.

Esta percorrendo a boca póde modificar-se pelas suas partes moveis, constituindo-se em articulações. As vozes são modificadas pelos musculos do larynge e as *articulações* pelos do véu do paladar, da lingua, das faces, dos labios etc.

Voz é um som laryngeo de que se servem os animaes para entreterem entre si certas relações.

Voz articulada é a voz humana. E' a voz modificada por movimentos voluntarios do tubo vocal.

Ha intima dependencia entre voz e articulação. Esta não póde existir sem aquella: toda voz é articulada e toda articulação é vozeada.

Voz é o som articulado produzido pela simples emissão do ar atravez do aparelho de phonação.

Articulação é o som produzido pela emissão do ar, modificado pelas partes moveis do canal da boca.

As vozes são em maior numero que as articulações. Voz é questão prosodica e vogal, orthographica. Dahi a differença entre os dous elementos. As vozes pódem ser: puras e nazaladas.

As puras pódem ser: nominaes, aberta, graves e fechadas.

Pela grande flexibilidade das partes de seu organo de phonação conseguiu o homem, produzir as vozes e consequentemente as articulações que pódem ser proferiveis e improferiveis. As primeiras dividem-se em toantes e soantes e as segundas, em: labiaes e linguaes. Estas ainda se subdividem, em: dentaes, palataes e gutturaes.

As vozes e as articulações são elementos da fala. Dahi a sua importancia no tocante á linguagem.

S. Paulo, 25—12—1903.

LUIZ CARDOSO.

LITERATURA INFANTIL

O « João de Barros » e o tuim

O TRABALHO E A OCIOSIDADE

O « João de Barros »!

Eis ahí, meus meninos, um dos representantes da gárrula população alada, o qual certamente todos vós conheceis.

Em vossas ruidosas excursões pelos alegres campos, tão cheios de frescôr e verdura, mais de uma vez vistes o celebre « João de Barros » a saltitar na frondosa ramagem do copado arvoredo, onde elle tem a sua habitação — o ninho.

No tamanho assimilha-se ao sonoro sabiá, devendo o cognome que tem á particularidade de construir o ninho de um barro gelatinoso.

O pequenino *João de Barros* offerece-nos exemplo proveitoso do amôr ao trabalho que elle sabe realizar sem medir esforços e sacrificios, exgottando as debeis forças em serviços extenuantes, afim de construir um abrigo aos seus filhinhos.

Aos primeiros e indecisos tons da alvorada, quando ainda no céu ha o raro tremeluzir das ultimas estrellas, partem em rumo das margens de crystallinos ribeiros o *João de Barros* madrugador e a terna companheira, atrojando os silenciosos campos com extridentes trinados, que fazem desper-

tar os plumados cantores para a saudação matinal.

E numa alegria sem fim, lá se vão elles a voar, a voar até que chegam á margem do ribeiro que, em brandos murmurios, curveteia brandamente sobre o seu limpido leito de cascalhos.

Como o constructor que procura o material de primeira qualidade, assim o *João de Barros*, ali na margem do ribeiro, não socega em suas pesquisas sinão quando encontra a argila propria á construcção da sua morada.

Achando o que procuram com tanto afan, logo dão começo — o *João de Barros* e a companheira, a um interessante serviço inicial.

Tiram o barro e começam a amassal-o com os pés, trabalho esse em que despendem muito tempo, para que a argila fique com a necessaria consistencia.

Depois tomando nas unhas o barro, alçam o vôo em direcção á arvore escolhida — onde devem edificar a casa.

Nada mais interessante do que vêlos, em trinados festivos, a construir a futura morada, que começam a erguer lá nos ultimos ramos, no logar da arvore onde a fronde é mais espessa e cerrada.

E' admiravel a habilidade que denotam nesse trabalho: edificam a casa com duas portas, uma de cada lado, medida de precaução que tomam afim

de facilitar-lhes a fugida, caso seja o ninho batido pelas traçoceiras aves de rapina.

Têm tambem o cuidado de reservar um compartimento adequado onde possam chocar os óvos e criar os filhótes.

*
*
*

Emquanto o trabalhador e alegre *João de Barros* passa os dias a trabalhar, construindo com carinho a sua morada, não longe dalli, occulto na espessura da folhagem, está a espreital-o sinistramente o seu mais rancoroso e pérfido inimigo.

E' o *tuim*, um outro passaro das mattas da nossa terra, cuja plumagem tem a côr verde-escura.

Quanta e quão profunda a differença entre o *João de Barros* e o *tuim*!

O primeiro é um trabalhador infatigavel e expansivo; inimigo acerrimo da indolencia — tão perniciosa ao homem como aos demais animaes — vive sempre a trabalhar; sae quotidianamente á procura de mantimentos, que deve repartir pelos filhótes.

Vive alegre, numa alegria sã e communicativa, o *João de Barros*, e assim deve acontecer, porque o trabalho — que nos garante a vida — é o mais fecundo germen da verdadeira felicidade.

Consideremos agora o negro viver do *tuim*: de má catadura, vive arredado do suavissimo convívio da trefega passarada.

Taciturno, mergulhado em tristeza profunda, o *tuim* não solta nunca o mais leve chilro, — é o misanthropo da floresta.

Mesmo quando o sól, surdindo lá na orla purpurina do horizonte qual uma enorme e luminosa esphera de coral, é saudado pelo mais delicioso dos hymnos elevados ao Creador — o gorgear unisono dos passarinhos, sómente elle se conserva sem modular um canto, divorciado de toda aquella

alegria que se espalha, em harmoniosas vibrações, sobre o regato que deslisa, sobre a flôr que desabrocha, sobre todos os seres afinal.

O *tuim*, arrastando essa miseravel e triste existencia, não soffre mais que a lei imposta a todos os animaes: — trabalharás para viver, e no trabalho de todos os dias encontrarás essas duas cousas de tão inestimavel valor: o sustento e a alegria.

O *tuim* não trabalha, eis porque vive triste; inimigo do trabalho, vive dos alheios esforços.

Tramando sempre perfidias, entre-tendo assim a ociosidade que aprecia, a sua principal victima é o misero *João de Barros* que, de quando em vez, tem a alegria turbada pelos assaltos feitos contra elle pelo ocioso *tuim*, que não vê com bons olhos a alheia ventura.

Mal o *tuim* percebe o descuidado *João de Barros* a construir a habitação, põe-se logo de emboscada á espera de occasião favoravel para satisfazer a sua descomedida ambição.

Levantada a casa, o traçoceiro *tuim*, verdadeiro despota, ataca-a ferozmente e della expulsa o seu legitimo dono — o infeliz *João de Barros* que, mais fraco, soffre resignadamente a insolita usurpação, e, emigrando para logar mais seguro, tracta de construir novo ninho, que o obriga a novos e rudes trabalhos.

Além de ser um bello exemplo do trabalho, o *João de Barros* offerece-nos o de resignação.

— Que odioso procedimento o do perverso *tuim*! — estou a ouvir de todos vós, meus bons meninos, que acabaes de ouvir a historietta acima.

Odioso, sim; mas que infelizmente vemos praticado pela obra prima da creação — o homem, que nem sempre sabe pôr um freio, manietar devidamente os designios de sua ambição insaciavel.

Assim é que vemos, até nos tempos modernos, quando nós dizemos

em plena civilização, os povos mais fortes subjuguem os mais fracos, tomando de maneira mil vezes mais violenta da empregada pelo *tuim*, aliás um ser irracional, a alheia propriedade.

Felizmente nós, brasileiros, nunca nos deixamos dominar pelo ambicioso anelo de conquistar, sempre respeitamos a soberania de todos os povos com os quaes mantemos relações, e jámais abusamos da nossa força em detrimento dos direitos alheios.

Praza á nossa boa estrella que tal sentimento sempre perdure em todos os brasileiros, que sómente devem ambicionar e trabalhar cada vez mais para a honrosa e pacifica conquista do progresso.

E de todos vós, meus caros meninos, que sob este abençoado tecto aqui estaes a cultivar os vossos espiritos juvenis, de todos vós é que a patria, o nosso Brazil, espera o melhor e mais proficuo concurso para o seu desenvolvimento, que se baseia na vossa propria instrucção!

1903.

THEODORO DE MORAES.

Musa infantil

JOÃO GLUTÃO

A meus filhos—Lili, Archimedes, Guilhermina e Galileu.

João era um menino
Grosseiro e comilão.
Crescendo sem ensino
E sem educação,
O seu maior prazer
Era comer, beber...

Egoista e mesquinho,
Si acaso algum presente
Recibia, sózinho

Devorava-o vilmente,
Sem dar siquer um fingo
Ao seu melhor amigo.
Dahi esse appellido
Que o tornou conhecido.

De habitos grosseiros,
Costumava fazer
Inveja aos companheiros,
— Sempre o tempo a perder!

Insociavel e arisco...
Lambiscando um petisco,

Dizia malicioso:
Vocês não imaginam
Como isto está gostoso!...
(Elles nem se amofinam!)
Mas é só cá p'ra o Degas!
Não chega p'ra os collegas...

Cançados de atural-o,
Sem poder melhora-o,
Um dia resolveram
Tomar uma desforra.
— Fizeram-na bem feita!—
Tanto que, desta feita,
Se riram á tripa forra!

No dia de seus annos,
— Que idéa dos maganos!—
Enviaram-lhe de doces
Uma grande bandeja,
De causar mesmo inveja
Aos que costumam tel-a!
— Oh! doces? ... Mais que fosses!
Exclamou elle ao vel-a.

Eram, de lindas côres,
Balas embrulhadinhas,
Cartuchos, empadinhas,
Pasteis... ramos de flores...
E no centro um pudim
Deste tamanho assim!

O nosso João Glutão
Já em mente imaginava
Ir tomar um fartão!...
Olhos arregalava!...

Com modos de brejeiro,
Diz em tom galhofeiro:
O mimo é p'ra o Joãozinho,
Vou comel-o sózinho!...
E, tomando uma bala,
Põe-se a desembulhal-a...
— Que continha o embrulho?
— Bala de pedregulho!...

Leva um pastel aos dentes,
Que apertam diligentes...
E esta?... Oh! decepção!...
Um pastel de algodão!...

As lindas empadinhas,
Que ainda estavam quentinhas,
Umás... eram de rolhas!...
Outras, de seccas folhas!...
Os cartuchos... de areia!
— Mas isto é cousa feia!
Exclamou elle.

Emfim

Restava ainda o pudim.

Este era verdadeiro...
Não podia enganar-o;
Pois sentia-lhe o cheiro!...
Vae por fim aprecial-o.
Não póde resistir.

Demora foi partir.
Ferra os dentes guloso
Num pedaço... Oh que peta!
E que enorme careta
Agora fez raivoso,
Levando a mão ás ventas!
— Um pudim de pimentas!...

Os outros que, a distancia,
Estavam de atalaia,
Vendo aquella arrogancia,
Romperam numa vaia!

Que troça! Que galhofa!...
Repetem-lhe por mofa:
— O mimo é p'ra o Joãozinho,
Anda, come-o sózinho!

PEDRO DE MELLO

L'aumône du pauvre

(TRADUIT DE JULIO DINIZ)

(INÉDITA)

Sur les degrés noirs de pauvre et vieille Église
Tout noirs par le temps, était un jour assise,
Presque en haillons, aux regards suppliants,
Une vieille, tremblant sous l'ère et la misère,
A l'heure du sermon; et sur la froide pierre
Elle implorait la pitié des passants.
Un siècle presque entier a passé sur sa tête.
Un siècle qui jamais n'eut un seul jour de fête
Pour la pauvre âme, abyme de douleur!
Seule sur la terre, au coin de sa chaumière!
Un rayon d'espérance aux malheureux si chère
N'avait jamais fait palpiter son coeur.

A quelques pas du Temple, à l'ombre d'une allée
De tilleuls, folâtraient en bruyante risée,
Sous l'œil de Dieu, deux charmantes enfants;
L'une vêtue de soie et très riche dentelle,
Et l'autre, une pauvrete, en jupe de flanelle.
L'une était riche et n'avait que dix ans,
Et l'autre, du même âge, à la dure misère
Voyait dès son enfance et son père et sa mère;
Belles enfants, blondes toutes les deux;
Des roses la couleur rafraichissait leur face
Dont l'innocence encor faisait briller la grâce.
Et dans leurs yeux brillait l'azur des cieux.

Abandonnant ses jeux, de fatigue épuisée,
Sur le gazon après s'être un peu reposée,
Apercevant Clotie en son perron
La pauvre vieille à qui tous donnent une aumône,
La riche, au nom de Dieu, de tout son coeur lui
donne

Un petit sou jeté dans son giron.
La vieille le reçoit, en prière fervente
Recommandant à Dieu l'âme compatissante
De celle qui vient de la secourir.

D'un léger mouvement de vanité précoce
Celle en robe de soie à l'autre en jupe grosse:
«A toi n'est point donné le doux plaisir
De donner une aumône... hélas! pauvre toi-même,
Aux pauvres que peux-tu donner?»
Pitié suprême
D'un jeune coeur qui n'a rien de jaloux,
De l'autre pauvre enfant qui, sans la moindre
peine,
D'un air tout souriant, pressée et sercine,
Court vers la vieille et, tombant à genoux,
S'empresse d'embrasser la triste mendiante
Baissant en pitié sa main toute tremblante!

La mendiante émue, avec douceur
Baise la pauvre enfant, pleurant de chaudes larmes.

Une aumône du pauvre au pauvre a tant de charmes!
Et le Bon Dieu bénit la charité du coeur.

HIPPOLYTE PUJOL.

Os mestres da literatura infantil

(INÉDITA)

THOMAZ IRIARTE**O GATO, O LAGARTO E O GRILLO**

Ha no mundo animaes muito scientificos em curar-se com varios especificos, e em conservar perfeita a vida organica com seus conhecimentos de botanica; pois conhecem as plantas diureticas, cartharticas, narcóticas, emeticas, febrifugas, dyspepticas, prolificas cephalicas, e até as sudorificas.

E nisto era mui pratico e theorico um gato pedandissimo e rethorico; fallava num estylo tão emphatico como o mais presumido cathedratico. Indo á caça de plantas salutiferas, disse a um lagarto: que ancias tão mortiferas! Hei de achar umas folhas heliotropicas para as minhas lesões gastrico-hydropicas!

Attonito o largato com o exotico bestialogico assim tão estrambotico, pescou menos da phrase macarronica, do que falando em lingua babilonica. Notou porém, que o medico ridiculo encheu de gira-sóis o seu ventriculo; então disse: Por fim, senhor hydrotropico, já conheço o famoso heliotropico!

E um grillo que escutou este dialogo embora não *pescasse* do catalogo de vocabulos raros e magnificos, fez ao gato elogios honorificos.

O concerto dos animaes

(INÉDITA)

Diz a fabula que tinham os animaes resolvido ao rei leão tão querido seu amôr manifestar. O melhor meio que acharam para festejar o dia combinaram que seria um concerto organizar.

A idéa foi logo acceita.
« Trata logo de aviar-te »,
« disseram ao mono, « parte,
« vae o concerto dispôr;
« e não poupes cousa alguma;
« queremos vêr as gazetas

« de commentarios repletas
« elogiando com calor.

O mono partiu correndo procurar os instrumentos, e em muito poucos momentos, estava de volta alli. E como todos julgavam conhecer a fundo a arte, cada um tomou a parte, e a estudou com phrenesi.

Não convidaram canarios, pintasilgos, patativas, os orgulhosos convivas nem quizeram o sabiá. Os sopranos eram grillos, os sapos eram contraltos, e para os registros altos arranjaram um gambá!

O baixo era um burrico, de voz clara, bem brilhante, e barytono possante era um bugiu gritador; finalmente o porco tinha a parte mais delicada, garganta privilegiada foi arvorado em tenor.

A bicharada contava ganhar louros, ganhar flôres, imaginava em louvores uma ovação de espantar. E começou o concerto com garbo, com entusiasmo, mas no fim com grande pasmo, ouviram todos vaiar.

Os grillos logo gritaram que o gambá desafinava; o gambá se desculpava, dizendo que era o tenor; o porco grunhia irado, accusando os companheiros; e, os sapos muito altaneiros o chamavam de impostor.

O leão, que os escutava, rugiu com voz retumbante: não se discute perante

minha pessoa real.
Do fiasco vergonhoso
são vocês todos culpaveis;
vossos cantos detestaveis
não valem o de um pardal.

Trad. de R. PUIGGARI.

O jardim e o jardineiroA' EXM.^a PROFESSORA D. ANNA JOAQUINA BUENO

Recitada pela alumna Eliza Diehl de Mello, por occasião do encerramento do anno lectivo, no grupo escolar «Piracicaba»

De um jardim abandonado
A um canto escuso, isolado,
Cresciam pobres plantinhas;
Eram boninas, violetas,
Myosotis, lirios, mosquetas,
Açucenas, campainhas...

Ali, no ermo, ignoradas,
Entre cardos abafadas,
Estioladas, sem ar,
Sem luz e sem humidade...
Em sombria escuridade,
Mal podiam germinar.

Espraiando seus pezares,
A'quelles invios logares
Chega um dia um jardineiro;
Contempla-as alli, coitadas!
Tristemente abandonadas
No descurado canteiro...

De tal sorte se enternece
E dellas se compadece
Que, solícito e amoroso,
Arranca as plantas damninhas,
Desabafa as pobrezinhas,
irrigando-as carinhoso.

Ellas então se alegraram
E, gratas, desabrocharam
Em frescas, mimosas flores,

Com o perfume rescendente
Embalsamando o ambiente...
E ostentando as lindas côres.

Dest'arte, do sitio umbroso
Em retiro delicioso
Transformado o denso véo,
Alli, nas tardes amenas,
Vinham entoar cantilenas
As avezinhas do céo.

Como do bom jardineiro
O desvelo que ao canteiro
Dispensa a prodiga mão,
Taes tambem da preceptora
Carinhosa e bemfeitora
Os ternos cuidados são.

No jardim da intelligencia
Cultiva com paciencia
As plantinhas infantis,
Que um dia, abrindo-se em flores,
Bemdirão em seus olores
Esses cuidados gentis.

Piracicaba, 1903.

PEDRO DE MELLO.

Dó infantil

(INÉDITA)

Morreu-me ha poucos annos um filhinho,
Mal do viver lhe despontára a aurora,
Num esquite florido o louro anginho
Foi levado com prantos lar em fóra.

« Levaram-no » disse eu ao mais velhinho
Dos outros que ficaram; « foi embora,
Morar no cemiterio um mago ninho,
Que o sol, mal vem surgindo, d'ouro enflora.

Numa noite chovia intensamente.
Elle que então brincava bem contente,
Approximou-se e diz com ar sombrio:

« Coitadinho do mano, não, Papae?
Com esta chuva gelada que hoje cae
Como não deve estar sentindo frio?! »

FRANCISCO VIANNA.

O ninho de andorinhas

(INÉDITA)

(Traducção de Viennet)

Possuidor de um ninho de andorinhas,
Um rapazito já de certa idade
Conceder liberdade
Deseja ás pobrezinhas.
«Sêde livres», diz elle com ar profundo,
«Pois tudo o é no mundo».
Mas, como as avezitas eram linda
Na doce infancia linda,
Tinham as azas fracas e pequenas,
Desprovidas de pennas.
Não medindo o perigo,
Vai cada qual pensando, lá comsigo,
Que lhe basta o ter azas p'ra voar.
Bem animadas com o primeiro lanço
Tentaram, sem descanso,
Tres vezes o seu vôo desdobrar.
Mas, vejam, que desgraça!
Uma no chão esmaga-se ao calir;
Uma outra vai nos dentes se partir
D'um bichano, que passa;
Só de sede e de fome
A terceira imprudente, se consome.
Assim d'esta ninhada
Nenhuma pela morte foi poupada.

Ao tempo, tempo demos:
Tudo na vida o seu momento tem.
Nós todos aprendemos
Que o saber esperar é um grande bem,
E o saber escolher
O momento opportuno é uma sciencia.
Só por impaciencia
Póde-se a vida até comprometter.
Temo sobre isto muito discursar.
Em vez de mil sentenças, digo, apenas,
Que si a ave foi feita p'ra voar
Para tal é preciso ella ter pennas.

FRANCISCO VIANNA.

O café de João Pinheiro

João Pinheiro era um fazendeiro apatacado, mas muito amigo de guardar o que tinha. A fazenda delle ficava á beira da estrada e era escolhida pelos viajantes para descansarem durante as horas mais quentes do dia, pois era justamente no meio do caminho da cidade... da cidade...

emfim duma cidade para outra. Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro:
— Moleque, traze café para este homem.

O moleque, lá de dentro, respondia:

— Já vae, sim siô.

O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o *café-dorido* do João Pinheiro.

Passava um quarto d'hora... e nada.

— Moleque, olha esse café! gritava o fazendeiro.

— Já vae, sim siô!

O viajante que já estava com a garganta secca de engolir em falso, concebia uma esperanza.

Passava outro quarto d'hora... e de café, nem lembrança.

— Moleque, vem ou não vem esse café? perguntava o João Pinheiro.
E o moleque:

— Já vae, sim siô.

O viajante puxava o relógio, sentindo não ter tempo de esperar que fizesse o fogo.

Passava outro quarto d'ora.

— O moleque do *dianho*, então esse *marvado* café não vêm hoje.

— Já vae agora mesmo, meu siô.

O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.

— Este *dianho* de moleque, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, este *dianho* de moleque é assim mesmo.

E accrescentava muito aborrecido:

— Que vexame sair v. sem beber café!

Montando a cavallo, o viajante ouvia ainda o moleque gritar lá de dentro.

— Já vae, sim siô.

INGLEZ DE SOUZA (*O Missionario*)

Poesia recitada no *Jardim da Infancia* de S. Paulo, na solemnidade da entrega dos diplomas aos professorandos normalistas de 1903

(INÉDITA)

Aos meus collegas,

Ainda é noute. O ceu, todo crivado de olhos,
— Almas talvez de mil jovens namoradeiras,—
Ao nauta mostra os maus, derradeiros escolhos
E pisca e pisca ainda ás velas derradeiras.

O trovador nocturno arranca ao peito de aço
Da viola, uma canção indefinivel, vaga,
E de ondas humidas de sons, de espaço a espaço,
O espaço alaga.

A lua, pobre flôr de estufa, mansa, mansa,
Abre a nivea corolla. E baba .. e baba... e baba
Filigranas de leite, a flux, como criança,
No cimo do palacio e no cimo da taba.

Nisto, um raio de sol divinamente louro,
Volupico e febril, finissimo e odorado,
Olhos de fogo astral, foge ao novello de ouro,
Como foge uma flecha ao arco do indio irado.

Foge. E ao passar no ceu azul, no ceu, a crebra
Rutilação, despeja, em pedras de Golconda,
E quebra a escuridão e a paz nocturna quebra
E esquadrinha e se orienta, e avança e corre e sonda.

Foge. Aniquilla tudo o que lhe embarga o curso
E o que a sede de espaço, intermina, lhe embarga,
Seja a gondola azul de azulea nuvem, o urso
Branco, seja, a nadar, de nuvem branca e larga.

Inda corre, inda avança. E toca retirada
O navio negreiro, a esquadilha da treva,
E o raio louro faz fugir em debandada
Os piratas da noute em denegrada leva.

Ganha terreno, ganha as arvores, o bando
Ganha, das aves, ganha as aureas flôres, ganha
As folhas, passa de ouro o espaço alinhavando,
E vem surgindo de outro lado da montanha.

E depois... e depois... a linha de ouro... (occupe-a
No Olympo alabastrino o capricho de Jove)
Com que doçura astral, com que morna volupia
O vidro de perfume idéal das flores move;

E o beija e o abraça e o aperta e ao gargalo retira
A rolha de setim! Com que presteza enorme
Desarrolhando vai as outras flores—pyra
Onde a essencia de mil perfumes arde e dorme!

Um outro raio vem, vem outro côr de sangue
E fazem com que o ar de perfumes se banhe;
São embrulhados sons de cada flor exangue
Como embrulhados são do espoucar do champagne!

E, sorrateiramente, a harpa dos ninhos tange,
A cythara da brisa acorda, nas tres claves
Pondo-as, do Amor, da Paz, da Vida, e, como alfange
Rasga o dia ao cantar das brisas e das aves!

E as estrellas do ceu, de um tom auri-fulgente
—Olhos talvez de mil jovens namoradeiras—
Namoram fortemente, escandalosamente,
Lançando aos homens as olhadas derradeiras...

*
**

Nessa hora, o professor novel, rubros caminhos,
Esbrazeado, seguia, a escola demandando,
E seguia ao cantar da alvorada nos ninhos,
A alvorada do Sonho em seu peito cantando.

Quantos planos levava! Oh! quantos! Que alvoroço
De sonhos, de illusões, de idéas infundadas!
Mas a illusão pertence ao coração do moço
Como á doirada rosa as pétalas doiradas.

E seguia e levava o saber e a esperança,
—Lampada de Aladdim nas minas do Idéal—
Vendo no olhar a Patria e na alma de criança,
Da iriada Gloria, tendo, a silhueta immortal.

*
**

Eil-o agora grimpado á Alcorana da Escola
E só, catechizando os filhos do sertão,
Evolam-se os idéaes, o sonho astral se evola,
Desolação!

Agora entra a Achærusa atrás da Realidade.
Desce soturnamente o Inferno da Desgraça
Seus rios navegando. E passa da maldade
O negro Phlegeton, o Styx da inveja passa,

Passa da humilhação o enlodado Acheronte,
O Cocyto das vis perseguições fataes
Passa, e vai, a chorar, de horizonte a horizonte,
Sem ter um Lethes que lhe olvide seus idéaes!

Depois, quanto pezar o trabalho não medra!
Quanta paciencia! Quanto ardor perdido! Quanto!
Ensinar a escrever e a contar a uma pedra
E a pedra ha de sair mixto de sabio e santo!

E ha meninas de pedra e ha meninos tão rudos...
Tanto trabalho dão! Tanto trabalho! Ensine os
Um bom mestre que é em vão! Impervios aos estudos
Mais parecem que são filhos dos catarrhinios.

Mestre... espanne-se o pó do Sahara, ás aureas
Tochas do azul se apague e na alma de um sandeu
Não se infiltre a sciencia!... E o mestre nunca as laureas
Teve, de um galardão! Mas luctou! Mas venceu!

*
**

E agora eil-o velhinho, eil-o velhinho. O Ibis
Da miseria e da morte anda pairando em torno
De sua alva cabeça, arfante... (Não derribes,
Velhinho, ainda o olhar, que é tão môrno, tão môrno...)

Ninguem se lembra delle—essa alma casta e bôa—
Ninguem! Ninguem! Ninguem! oh! tempo aureo de anhêlos!
Só o Tempo é que lhe tece uma triste corôa:
—A neve dos cabellos.

Orpham de amor, orpham de paz, orpham de alento,
Eis o alvo professor, tropego o andar, o tronco
Curvado para a terra, o olhar diffuso... bento
Olhar que já benzeu muito menino bronco!

O velho, tão velhinho, anda pelas estradas,
Sem razão, sem razão, pisando a grama espessa,
Pica e repica a terra o gume das espadas
Do sol, e o velho baixa inda mais a cabeça.

Lantejoulado de suores, a um penedo
 Se encosta, de vagar, tanta fraqueza sente...
 Foi um raio de sol que o encostou a medo...
 E o mestre morre... lentamente... lentamente...

O sol ardente vai embainhando os raios
 De ouro. E a cabeça azul dos montes, deslavada,
 Cobre-se com os chapéus roxos das nevoas, gaios
 Chapéus que dão bom-dia ao raiar da alvorada...

*
 * *

E vós, collegas meus, vos negais a seguil-o,
 Negai-vos a banhar as almas na agua santa,
 Na agua lustral do Bem com que o mestre tranquillo
 Baptisou, abençoou tanta criança, tanta?

Não!

E eu... quero que vós tenhaes o ideal cantante
 Como o esboroar sonoro e dulcido dos mundos
 Que sonhou Ptolomeu! Quero-o quente e brilhante
 Como o incendio voraz dos astros vagabundos.

JOSÉ RIBEIRO DE ESCOBAR-

HYMNOS ESCOLARES

A Mamãezinha

A' minha filha Heloisa

Num tenue galho pousado,
 Vi um gentil passarinho,
 Que trabalhava enlevado
 Na construcção de seu ninho.

Ia e vinha, mui contente,
 Tecendo o feltro macio,
 P'ra que elle pudesse, quente,
 Guardar a prole do frio.

Assim tambem, com carinho,
 Vejo mamãe arranjar
 As roupagens do bercinho
 Onde eu devo repousar.

A ave pela manhã
 Aos filhotinhos desperta,
 Com voz suave e louçã,
 Signal de ventura certa.

Tambem Mamãe, quando cáe
 A noute, vem me embalar,
 Emquanto eu vejo o papae
 Alegre, a me contemplar.

Pelas cobertas, me enfronho.
 Com os anjos do paraiso
 Feliz então brinco em sonho,
 Tendo na boca um sorriso.

FRANCISCO VIANNA.

A MAMÃESINHA

Tempo de valsa

PIANO

First system of piano accompaniment for 'A Mãesinha'. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The time signature is 3/4. The music features a simple harmonic accompaniment with chords and single notes.

Second system of piano accompaniment for 'A Mãesinha'. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The time signature is 3/4. The music continues with chords and single notes, including dynamic markings 'f' (forte) in the treble staff.

CANTO

First system of the vocal line for 'A Mãesinha'. It is written on a single treble clef staff in 3/4 time. The lyrics are 'Num te - - nue'.

PIANO

Second system of piano accompaniment for 'A Mãesinha'. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The time signature is 3/4. The music continues with chords and single notes, including a dynamic marking 'p' (piano) in the treble staff.

First system of the vocal line for 'A Mãesinha'. It is written on a single treble clef staff in 3/4 time. The lyrics are 'ga - lho pou - - -sa - - -do Vi'.

Second system of piano accompaniment for 'A Mãesinha'. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The time signature is 3/4. The music continues with chords and single notes.

Second system of the vocal line for 'A Mãesinha'. It is written on a single treble clef staff in 3/4 time. The lyrics are 'um gen - - - til pas - sa - - - ri - - - nho'.

Third system of piano accompaniment for 'A Mãesinha'. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The time signature is 3/4. The music continues with chords and single notes.

Third system of the vocal line for 'A Mãesinha'. It is written on a single treble clef staff in 3/4 time. The lyrics are 'Que - - - tra - ba - - lha - va enle -'.

Fourth system of piano accompaniment for 'A Mãesinha'. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The time signature is 3/4. The music continues with chords and single notes.

va - - do Na cons - truc - - ção de seu

ni - - - - - nho Ia e

vi - - - nha mui - con - - ten - - te

Te - - - - cen - - do o fel - tro ma -

ci - - o Pr'a que el - le pu -

des - - - se quen - - - te Guar - dar a

ff

Pro - le do fri - - - o

FIM

As - - sim tam - bem

com ca - - ri - - nho Ve -

Detailed description: This page contains a musical score for page 584. It features a vocal line and a piano accompaniment. The vocal line starts with the lyrics 'Pro - le do fri - - - o' and ends with 'FIM'. The piano accompaniment consists of two staves (treble and bass clef) with chords and melodic lines. The second system of the vocal line has the lyrics 'As - - sim tam - bem'. The third system has the lyrics 'com ca - - ri - - nho Ve -'. The piano accompaniment continues throughout, providing harmonic support for the vocal line.

jo ma - - mãe ar - ran - - jar

As - rou - - pa - - - gens - - do ber -

ci - - nho On - de eu de - - vo

Detailed description: This page contains a musical score for page 585. It features a vocal line and a piano accompaniment. The vocal line starts with the lyrics 'jo ma - - mãe ar - ran - - jar'. The piano accompaniment consists of two staves (treble and bass clef) with chords and melodic lines. The second system of the vocal line has the lyrics 'As - rou - - pa - - - gens - - do ber -'. The third system has the lyrics 'ci - - nho On - de eu de - - vo'. The piano accompaniment continues throughout, providing harmonic support for the vocal line.

re - - pou - - sar A

a - - ve pe - la ma - - nhã

Aos fi - lho - - ti - - nhos des - - - per -

ta Com voz su - - a - ve lou-

çã - - - Si - gnal de

ven - tu - ra cer - - - ta

f *f*

D.C. al \oplus

Critica sobre Trabalhos escolares

Illmos. srs. Arnaldo Barreto e Romão Puiggari.

Meus illustres collegas:

Honrosissima tarefa me incumbiu o pedido da vossa carta de 25 de Agosto do anno proximo passado, que acompanhou o 1.º e 2.º volume da série de *livros de leitura*, cujos auctores sois. Não tanto procede a honra do serdes mestres de reputada competencia no mundo official desse Estado, como do facto de ser eu tambem auctor de livros didacticos do mesmo genero, e organizados de accordo com os principios pedagogicos ao de leve indicados nos prefacios respectivos, e, em grande parte, divergentes dos que adoptastes. A vossa solicitação, por força desse mesmo facto, é a affirmação implicita e categorica da confiança inteira e completa na minha imparcialidade.

O conceito que, assim, pois, de mim fazeis é que me impede o declinar do encargo para o qual me não daria titulo a auctoridade de pedagogista, a que me não sinto com direito. Do desempenho que der á função que me commettestes, excusará a deficiência da minha confessada incapacidade, assim como pela demora havida me relevará a gentileza da vossa paciente tolerancia.

Antes de tudo, e como preliminar, devo pôr em destaque a asseveração do applauso sem reserva, que me merecem aquelles que, na vossa idade e nos tempos correntes, tiram as vistas

e os esforços do campo dos labores intellectuaes, onde mais commum e fascinadamente se empenham os moços, para os pôr em trabalhos, onde o assumpto e a maneira de o tratar, além de mais cansativos, não despertam o elogio ruidoso dos enthusiasmos facilmente apaixonados, nem concedem a laurea cubçada dos plumitivos, que a imprensa enfeixa na pleiade fulgurante dos literatos de escol.

O que desejo, tributando-vos, portanto, esse applauso, é estimular que seja, o vosso exemplo, incentivo a todos quantos, nas mesmas circumstancias, tiverem sob sua responsabilidade a instrucção das novas gerações, em cujo cultivo cumpre que se vão aproveitando os ensinamentos das modernas doutrinas, graças ás quaes os methodos e processos didacticos se tornam cada vez mais proficuos, pela maior conformidade com os que a grande mestra — a Natureza — está desde todos os tempos indicando aos homens como os mais conducentes ao exito de seus bem inspirados, embora muitas vezes mal orientados, esforços.

Não ha, na multiplicidade de questões, que a pedagogia versa, não ha talvez, nenhuma que sobreleve em importancia á que entende com o que, na linguagem commum, se chama *leitura* e, sob o ponto de vista tecnico, significa alguma cousa mais do que a *arte de ler*, ou de traduzir em vocabulos o que está registado em letras.

Esta affirmação, que em regra, em-

basbacaria os organizadores de programmas didacticos, é de tal modo, entretanto, verdadeira que hoje em dia, onde quer que a bõa sciencia desce a suggestionar e dirigir a orientação pedagogica das instituições, desejosas do progresso seguro de uma educação efficiente, nunca desdenha ella de se occupar do assumpto, com detida e cuidada prolixidade, como se entendesse que o habito mental formado nesse ensinamento tivesse sobre a marcha geral do processo educativo a influencia que tem o alicerce sobre a inteira fabrica a assentar-lhe em cima.

Licito é aos confeiteiros da parolagem van escrever tratados de composição de rhetorica ou grammaticas eruditas e substanciosas, sem se envilecerem no manejo das questiunculas de *abc*; os philosophos da educação, porém, é deste infinitamente pequeno que sobem ás culminancias da discussão pedagogica para garantirem, pelo quanto elucidam, a efficaçia dos seus conselhos na segurança das suas conclusões.

E não é difficil comprehender que com estes é que está a razão. Si a leitura é a arte de repetir em voz pela boca o que em forma os olhos distinguem, tanto lê quem assim lê como o gramophone, que traduz em som a impressão registada em gravura no disco ou cylindro; e o habito dessa leitura deixará na intelligencia, que a elle se afaz, a mesma inconsciencia, em que o som produzido deixa no aparelho, que o produz.

Porque, todavia, a leitura é cousa bem differente da habilidade mecnica de que, na velha escola, se fazia o primeiro degrau, por onde o espirito galgava essa escada de Jacob, ao cabo da qual a sabedoria se desenrolava com as galas do sonho, que offuscava o patriarcha, porque a leitura, mais do que uma escada a subir, é um instrumento a manejar,

a tendencia assignalada da pedagogia moderna é consderal-a de outro modo e de outro modo a dirigir.

De que modo, porém, e como?

Psychologica e pedagogicamente, na expressiva distincção do eminentissimo Parker; porque *ler é pensar*, tanto quanto *observar* e *ouvir* o são, e a *leitura* ha-de contribuir para o desenvolvimento da faculdade de expressão, como um organ, que é, desta.

Si *ler é pensar*, o *discurso* e a *palavra* são a realidade para o que aprende, e do discurso e da palavra — não da *syllaba*, nem da *letra*, se ha de subir á arte da leitura; si *ler é provocar o desenvolvimento de expressão* — é da emoção congenial ao espirito e do interesse, que accorda a vontade, que se ha-de esperar a leitura proveitosa; não da *mechanica* inconsciente, não da consciencia agilitada num manejo sem utilidade.

Foi sob a inspiração deste criterio, que comprehendestes a vossa série?

A resposta a tal interrogação, devo eu procural-a na vossa obra didactica. Tenho de combinar os antecedentes com os consequentes. Preciso subir á *Cartilha das Mães* de Arnaldo Barreto, e ao livro de Galhardo, modificado por Puiggari, para dizer da collecção Puiggari-Barreto.

A Cartilha das Mães tem ainda a costura umbilical, que a filia aos processos do passado, ligando *phonetica* e *palavração*, em vez de fazer da *idéa*, do *pensamento*, o grande eixo, como o requer, pratica e aconselha a pedagogia do seculo. A Cartilha da Infancia é francamente o *methodo syllabico*, cujos resultados «*admiraveis*», o seu autor, no prefacio, attesta e exalta, preferindo-o.

E' pois, sob a influencia dos principios, que ainda lhes não deixaram emancipado o espirito para se vencerem de que «*todos os methodos e processos, que emmaranham a atenção do aprendiz em fórmulas ver-*

baes e analyses de palavras, são outras tantas obstrucções ao desenvolvimento do poder mental, e *não ajudam economicamente a pensar por meio das palavras impressas*» é sob essa influencia que tenho de apreciar os auctores da série Puiggari-Barreto.

Com effeito, ella é, nelles, manifiesta. Asseverando, em prefacio, que *«uma lição de leitura é positivamente uma lição árida e fastidiosa»*, e recommendando *«que, em cada aula, não se faça ler mais de um capítulo—não importando que o repitam os alumnos duas ou mais vezes—sim, «que seja esmiuçado, commentado, analysado nas duas faces, que aprendente a lição de leitura—no assumpto e na linguagem»* mostram, á evidencia, que ainda os domina a falsa idéa de que o mestre tem mais a confiar do seu esforço e da acção da sua palavra para desenvolver o espirito, do que da emoção do espirito e da acção da vontade para o pôr a caminho.

O modo de encarar a leitura inicial regulando, logicamente, o de encarar a leitura subsequente, o pensamento, que vos dominou na confecção da série, destinada a succeder aos exercicios iniciaes, devia ser por aquelle influenciao.

Nessa escada de tres degraus, a série Puiggari-Barreto não pertence, é claro, pelo titulo proprio, nem ao terceiro, nem ao primeiro; ha-de, pois, filiar-se aos *readers*, isto é, livros para leitura corrente.

Estudando-a, consequentemente, como tal, já vimos que no meu sentir, suppõe ella intermediarios, que possibilitem, ao aprendiz vindo da *cartilha*, a transição.

Estudada agora, em si mesma, amoldar-se-á ella ao preceituado technico, que rége a distincção especial dos *livros de leitura corrente*, comprehendidos (qual o quereis, e acertadamente, vós) com a base para o ensino sys-

tematico da linguagem, objectivo, que visais, quando insistis porque o mestre *«esmeúce, commente e analyse»* cada capítulo?

Na carta, a que com esta respondo, vós me declarastes que, na feitura dos vossos livros, seguistes de preferencia a moderna orientação italiana, que, no primoroso livro de De Amicis—*«Cuore»*—se define e justifica de todo o ponto, porque este é manifestamente, não um *reader*, porém um *reading-book*, como a *«Story of a bad boy»* de Aldrich;—e, no prefacio do *Primeiro Livro*, fiaes do methodo que—*«o faça vibrar, communicando essas vibrações á alma da criança»*—a exuberancia e o recreio que o livro de per si, vós o affirmais, por habilmente escripto, não póde proporcionar.

Ora, os livros de *leitura corrente*, uma vez que hajam de corresponder ao duplo intuito: 1.º de agilizar na leitura; e 2.º, de servir (si me é licita a expressão por mim alhures empregada) como de cavallo ao enxerto de todos os *exercicios de linguagem*; os livros de *leitura corrente* hão-de, sobretudo, graduar a seriação do facil para o successivamente mais difficil, já como *mechanica* de uma arte, já como appropriação á evoluente capacidade assimilatoria ao aprendiz, sem esquecer as preferencias e gostos deste, as necessidades da sua natureza emotiva como determinante do desenvolvimento do seu character, e o escopo, proposito e estrutura ao curso de estudos, de que a sua instrucção na linguagem é parte integrante.

O plano dos vossos livros, ou a orientação italiana por ventura nelles reflectida, falha á primeira condição. Si o texto, de parte em parte do mesmo livro, e de livro em livro da mesma série, é *trama* ou *enredo*, a gradual adaptação da linguagem á crescente facilidade da leitura, e a gradual adaptação do assumpto á crescente intensidade da evoluente capacidade assimilatoria—é impossivel.

A prova?... Confrontai a 1.ª lição do 1.º livro com a ultima do 2.º: o aprendiz que lê e entende aquella, lê e entende immediatamente esta; seria de todo indifferente que começasse pelo segundo ou pelo primeiro, si o *enredo* ou *trama* não obrigasse a precedencia.

A ausencia, portanto, da gradação didactica, que escala, e a adoção do enredo, que obriga a seguimento, torna, a meu ver, difficil o emprego desses livros como base para os exercicios do ensino da linguagem e do desenvolvimento mental consequente.

O mestre tem de *contrariar* o aprendiz no desejo de avançar seguindo a linha do seu interesse, obediente ao impulso, que a propria feitura do livro lhe imprime, e, portanto, em más condições psychologicas de aproveitamento, porque *obrigado ao menos e tolhido ao mais, agradável* o seu appetite mental.

Tendes visto uma mãe, sorrisos e desvanecimento affectuoso, assentar na concha da mão o filhinho, e amparando-o, levantal-o ao ar, uma e muitas vezes, cada vez mais, cada vez mais alto, para, nessa ascensão gradativa, esmorecido o surto da novidade, fazer desejar em cada desceida, um surto mais erguido, que accende a alegria nos olhinhos irrequietos, e despenha lá de cima, em gargalhadas gostosas, todo o enleio daquella alminha em elação de goso.

Não brusca, não repentinamente o suspende: vai pouco a pouco: a extranheza primeira domina-se; o desejo do mais alto esboça-se; uma altura maior fascina, e a fascinação do goso actual traduz-se na actividade, que faz medrar o filhinho, e prospera a carinhosa mãe nas delicias da sua encantadora ternura. Persistisse no movimento primeiro—fizesse nos braços o balanço cadenciado e monotonico do berço, que embala, mansa, mansa e mansamente—e o somno apagara a luz dos olhi-

nhos travessos e trancara a ás risadinhas travessas do innocente enleio a cordial expansão: tudo se aquietaria na placidez de um somno pacifico, imagem fiel da inactividade do anniquilamento, da morte, a traduzir-se na immobilitade provocada pela monotonia, pelo enfado, geradores infalliveis do cansaço, da fadiga, do esquecimento inteiro do *eu* no proprio *eu*. Iniciasse o caminho pela suspensão inesperada, sem esse voejo preliminar, que afaz ás alturas—o medo, acordado pela surpresa, contrahiria as feições no gesto do pavor, o pavor traria aos olhos as lagrimas, os gritos rasgariam os labios em protestos á violencia, e o prazer de ambos se traduziria em desgosto para um e em arrependimento para outro—e para sempre trancara ao coração de ambos o desejo pela repetição do que nascera recreio e floresceu em tormento.

Baixai da mãe aos vossos livros: não é difficil comprehender que a atenção a prender ao capítulo repetido para os exercicios de linguagem, a que possa elle offerecer ensejo, sente-se naturalmente perturbada pela emoção, que a leitura evocou e se traduz no desejo de ir além, caminho do desfecho da acção dramatica, que os capitulos subsequentes encerram. Força é, pois, que, para tudo quanto não fôr esse desfecho, a vontade se sinta mal convidada, o aprendiz não tenha estimulo, o seu appetite mental não se active.

Por isso mesmo é que no *reader* do typo americano ou inglez, e no *lese buch* allemão, e, em geral, no *livro de leitura* francez, italiano e russo, cada lição é, em si, um todo; iniciada e concluida, o aprendiz, satisfeito na sua curiosidade, fica de animo livre para amoldar-se á solicitação que visa verificar ou rectificar a comprehensão do assumpto pelos exercicios de *resumo* ou dar posse com-

pleta e mais largo uso do vocabulário pelos exercícios de *variedade de expressão, redução á linguagem vulgar, funcionamento dos termos*, etc., ou registrar factos da lingua — *accidência*, etc.

Accresce, de outro lado, que, si a trama da acção atravessa o livro de capitulo em capitulo, trazendo á scena, como nos vossos, e constantemente, os personageus, o accidentado do dialogo torna difficil o *resumo*, e a elocução se exerce sómente num tom, si assim me posso exprimir, sem adestrar na variedade do estylo, em que a linguagem escripta se costuma offerecer. No livro de leitura, porém, onde as lições não fazem enredo, tudo cabe; a narrativa dialogada, a descripção, o canto emocional, são ahí, outros tantos motivos, em que se desdobra a escola da gradação estylistica, no manejo da qual, pela adequada expressão, o aprendiz se vae firmando.

Concluireis daqui, e em primeiro logar, que, no meu entender, a série Puiggari-Barreto será accetavel ou condemnavel para uso escolar, conforme tiver tido por precursores, livros organizados sobre o principio do *methodo mental* (a leitura pela idéa), ou sobre o *methodo mental* (a leitura pela lettra, syllaba ou palavra isolada)—si esquecer o «*esmiuçado, commentado e analyzado*» com a repetição de duas ou mais vezes, do prefacio, ou si o observar.

Explico melhor o que quero exprimir.

Si o aprendiz passar dos exercicios primeiros de leitura, baseados na syllaba ou na lettra, para a serie de vossos livros—esses livros serão esforço superior á sua força, e, apesar dos milagres do methodo, que os vivifique, que anime a lieção, o proveito desse apprendiz será escasso e de natureza a não merecer applauso pedagogico pela sua acção sobre o desdobramento da capacidade men-

tal. Si, porém, o apprendiz para elles passar depois de um tirocinio sufficiente no habito de *pensar*, que livros, organizados sobre o methodo mental, hajam feito desenvolver, então, a leitura, não sendo *arida, nem fastidiosa*, antes, porém, um prazer ao coração e um estímulo á vontade, não será preciso que o mestre a vivifique pelo methodo; e, do seu *assumpto e linguagem*, receberá o mesmo apprendiz immediata e efficaz acção.

Inferireis do exposto que, seja qual fôr a leitura inicial, supponho entre ella e o *Primeiro Livro* da vossa série, livros intermediarios campo accrescido ao que a *Cartilha* haja offerecido—onde o apprendiz se vá gradativamente aperfeiçoando na nova arte, e que, pela sua feitura como fórma e substancia, levem á possibilidade da *leitura corrente*, cujo escopo esse *Primeiro Livro* é. Em outras palavras: *primeiro* na série, esse livro não é o *primeiro* a lér depois da *Cartilha*.

Vem aqui de feição lembrar-vos que, conforme melhor do que eu o sabereis pelas in-pirações da pedagogia americana, a grande mentora do progresso escolar em S. Paulo, a didactica dos Estados-Unidos adoptou a classificação de *spellers, readers e reading-books* para os livros, com que allí se inaugura e continúa até complemento ultimo a arte difficilima de leitura, como elemento de assimilação e de expressão, a um tempo. Os *spellers*, posta de parte a accepção litteral do termo, são as nossas *cartas cartilhas* ou *syllabarios*; os *readers*, os livros de *leitura corrente*; e os *reading books* ou *supplementary-reading*, os volumes destinados antes á iniciação da litteratura cosmopolita do que á agilitação e progresso da *mecanica* da leitura.

Quanto á adaptação do *assumpto* e da linguagem á capacidade assimilatoria do apprendiz—essa é a me-

lhor qualidade, que observe em vossos livros e a que me arranca os applausos, que cordialmente lhes defiro, e m'os faz adoptar no ensino dos meus proprios discipulos, como *leitura suplementar*, com interesse visível de sua parte, e consequente proveito.

Implicitamente, pois, está dito que acodem esses livros ás necessidades da natureza emotiva e que, dando á contemplação dos jovens leitores *assumpto á sua altura*, hão de ter, está visto, influencia benefica sobre o desenvolvimento do character, educando, a um tempo, a mente e o coração.

Acredito que, pelo lado da correspondencia com o escopo, proposito e estructura do programma geral de estudos nas escolas paulistas, merecerá tambem approvação a vossa série, comquanto, nestes ultimos tempos, não me haja podido ter ao corrente do movimento da organização escolar do vosso Estado, de modo a poder, com exactidão, aferir o seu merito sob este ponto de vista, aliás de importancia pela correlação em que devem estar entre si todas as partes de um curriculo qualquer.

E, quando digo *correlação*, é claro que me refiro á correspondencia entre o cyclo das idéas, em que gira a leitura offerecida, e aquelle, que o ensino das disciplinas substanciaes vae dando por orbita ao apprendiz, porque a sua interpretação do pensamento atravéz da forma esthetica, no que o vista a arte da palavra, essa não a pode elle, nem deve, fazer sinão pela impressão do conjunto e pelas relações de natural collectividade logica entre os elementos integrantes, os quaes reciprocamente se esclarecem, quando o espirito está aparelhado para os confrontar. A *correlação*, entendida de outro modo, isto é, fazendo dos exercicios de linguagem apenas damas de companhia, que acudam sempre

e em toda a parte em auxilio das disciplinas substanciaes, que constituem o curriculo, é um erro, no qual eu, aliás, estou muito longe de pensar que incidais tambem, querendo dizer com o «*esmiuçado, commentado e analysado*» do vosso prefacio, que o mestre lance mão dos exercicios de linguagem ou das bellezas literarias para dellas extrahir, pura e seccamente, provas e documentos em abono e subsidio ás sciencias, que o programma escolar quer inculcadas ao apprendiz.

Por isso mesmo que conheço os inconvenientes deste modo de entender e praticar é que, não só me confessei já, em carta anterior, bem impressionado logo á primeira vista pelos vossos livros, attenta a exclusão das noções *realistas*, que se não propuzeram ministrar, como tambem me sinto animado a vos pedir que delles façaes desaparecer os *cavalletes com quadros negros* para as lieções de calculo, e as estampas de *bichos*, intercaladas no texto.

Para tornar os vossos livros verdadeiros uteis e queridos pelo apprendiz, basta o vosso evidente esforço por despertar nelles um sentimento suave e poetico com a presença das cousas familiares de que os occupaes, ou de todos esses elementos ethicos, a que recorrestes para derramar nas paginas escriptas a symphathia para com os deveres e privilegios devidos á infancia;—para com o amor e a compaixão por tudo quanto é fragil e indefeso;—para com a mais humilde corolla, que se expande, ou a mais debil creatura, que respira;—para com as virtudes domesticas: a estima e a obediencia, que sublimam os filhos—a amizade que junte irmãos e irmãs—o respeito aos mais velhos e aos mestres—a boa vontade e a justiça no trato dos camaradas e dos eguaes—a veneração pelos grandes e pela commuidade—a coragem, a varonilidade, o espirito resolutivo e prompto, o enthusiasmo civic,

o altruismo humano, a confiança absoluta nessa força incontestável, que guia a humanidade que se move.

Não cansarei nunca de protestar contra a inconveniência de dar ao estudo da lingua uma feição, que o esterelise, qual é, a que lhe imprime a mera exploração da *accidencia* e *concordancia* dos vocabulos para consecução da correcta contextura grammatical do discurso, feição, aliás, dominante, sobretudo nos mais afamados tabernaculos da *doutrinaria* official e onde quer o magisterio é apenas pretexto para mercancia.

Não cansarei, tão pouco, de protestar contra a pretensão de fazer desse estudo apenas uma oportunidade para confirmação e desenvolvimento do que chamarei a *belchiorice* scientista. A lingua, por si só, nos seus primores literarios, é um thesouro; — os paineis que mette nas suas molduras, e os personagens, que alteia nos seus pedestaes, não carecem de elucidaciones scientificas para falar ao entendimento e ao coração. A eterna actualidade da arte, lhes dá uma vida, que, em todos os tempos, se sente e se comprehende. Tudo a lingua offerece á contemplação: a natureza, a sciencia, o homem; — a tudo ella glorifica; tudo interpreta no surto arroubado da imaginação; tudo envolve nesse manto transfigurante da belleza, como a luz, no clarão dos seus fogos, os primoros dos panoramas, que revela.

Porque, pois, permittir ao naturalista que a disseque; ao historiador que a erija em archivo; ao geographo que a desatavie — quando é justamente o trabalho do naturalista, do historiador ou do geographo dentro da *natureza*, da *sociedade* e do *mundo* que subserve á impressão produzida pela literatura no espirito do aprendiz?

No programma do curso da lingua materna, que tracei para a orientação do seu ensino no mallogrado « Instituto H. Kopke », e reproduzido no meu livro « Curso de Lingua Mater-

na » (notas para sua direcção) consignei as idéas, que a minha experiencia, neste sentido, assentou no meu espirito, e ahí — Sciencia e Lingua — cada uma na sua esphera, vai, de grau em grau, alargando a sua trajetoria, não só sem prejuizo reciproco, mas antes com reciproco auxilio, de modo que, ao tocar a meta do seu estagio escolar, o aprendiz ha de ter facil e efficaz a enunciação do que efficazmente e por completo comprehendeu, sem ter escapado á acção salutar, que sobre o seu senso moral e esthetico a literatura é chamada a exercer, e o lidar secco e positivo da exploração scientifica jámais sobre elle exerceria desajudado de tão poderoso auxiliar.

Folgo, conseguintemente, em achar que vossos livros pareçam legitimar a conclusão de que, para vós, o ensino da lingua tem, ao lado dos outros assumptos, a parte que se lhe pode e deve, em boa pedagogia, attribuir.

Resumindo o que até aqui expuz, a série Puiggari-Barreto não constitue, a meu ver, no sentido pedagogico, o curso de leituras graduado, a que, logo após a iniciação do alumno na leitura, se possam — natural e facilmente — entroncar os exercicios de linguagem, indispensaveis ao completo dominio do idioma vernaculo; são, antes, livros de *leitura complementar* (reading-books), que acompanham o *livro classico* ou *reader*, agilizando na mechanica de ler, o aprendiz, á altura de cujo desenvolvimento intellectual se acham, já pelo vocabulario, já pela substancia.

Empregados por mestres que saibam o que é o ensino da lingua na escola primaria, corresponderão, de certo, ao intuito com que os elaboraram os seus autores, prestando-se sobretudo, aos exercicios de *leitura expressiva* pela facilidade da comprehensão do texto, essencial para que essa se faça perfeita. Para os exercicios de resumo do pensamento, explicação de

termos, variedade de expressão nas suas varias modalidades, e os escriptos que a estes se podem filiar, si bem que seja possivel adaptal-os, parece-me, todavia, que mais proprios são os livros, em que cada lição é, em si, em tudo, como, por exemplo, qualquer série americana ou ingleza, ou a minha série Rangel Pestana. Si esta preferencia, entretanto, não é justificada, nem por isso é menos sincera a minha consideração da sua realidade; e o proprio facto de aqui o declarar é prova da minha sinceridade.

Descendo do ponto de vista de utilidade, que os mesmos livros possam ter para a ministração do ensino da lingua materna dentro das exigencias da pedagogia moderna, á sua leitura, lembrarei que já atrás disse eu terem elles, pela linguagem e assumpto, a minha inteira approvação, porque livros de leitura para os graus primarios não podem ter pretensões a apuro literario, ou a fornecer informações, que o ensino oral em cada materia do programma muito mais sufficiente e vantajosamente pode dar. Unicamente lembrarei tambem que, si, em vez de *seriação por entrecho* houvesse *gradação progressiva*, a linguagem poderia ir ampliando o vocabulario e alargando, por essa fórmula, os recursos de expressão espontaneamente adquiridos pelo aprendiz, de modo a adaptar cada volume da série a um estagio superior do curso geral de estudos, desdobrando a capacidade expressiva á proporção do desdobramento mental.

O entrecho está, em geral, bem tecido, e bem aproveitadas foram as fontes, onde uma selecção criteriosa foi haurir elementos para a sua deducção. A intercalação da poesia á prosa, ha de tambem vos ser levada a credito, porque a predilecção das crianças por esta é evidente; o que não admira, porquanto, na evolução

da especie, precedeu a ultima á primeira.

A parte typographica e illustrada, si nao se compara com a dos livros americanos ou inglezes, não tem superior na bibliotheca escolar brasileira.

Na vossa carta pedistes que me manifestasse com toda a franqueza para, orientados por meus conselhos, retocardes vantajosamente o modesto trabalho, que tendes em mente concluir em breve tempo.

Entendendo que os vossos livros são uteis como leitura *subsidiaria* ou *supplementar*, e de uso proveitoso no emprego que, em tal caracter, lhes fôr dado, não posso manifestar-vos mais franca opinião do que o faço pedindo-vos que os continueis no mesmo plano até complemento da serie; e que, ponderando nas reflexões por mim a seu proposito aqui exaradas, empregueis a excellente aptidão, de que sois dotados, na confecção de outra ou outras series, onde a leitura gradativa melhor instrumento proporcionava aos exercicios do curso da lingua materna, que a deveis acompanhar. A instrucção publica do vosso Estado será com esse commettimento beneficiada, e os mestres das suas escolas terão, entre seus meios de acção, mais um de valor, aparelhado por quem, estou certo, encontra o seu melhor galardão na certeza de que o proveito do seu trabalho compensa a modestia da collaboração, a que patrioticamente se votaram.

Já vos disse e repito: a leitura do *Primeiro Livro* da serie Puiggari-Barreto, quando em Abril do anno findo, passei por S. Paulo, acalmou a minha revolta contra as « Historias para crianças » de Figueirinhas, e « A vida infantil » de Mario Bulcão, dois maus livros, um por immoral e o outro por futil; suggerindo em mim a esperanza de que, na concorrência, os vossos os supplantarão e

acabaráo por excludil-os de todo o accesso ás mãos da infancia paulista.

Tão desagradavelmente me impressionaram estes dous livros que estive quasi a significar ao meu antigo discipulo, o digno secretario do Interior, a extranheza e o desgosto, que me causou, o vel-os fornecidos, por acto seu, aos milhares, ás escolas desse Estado.

Opportunamente vos darei apontados, nos livros que me enviastes, alguns reparos, que, attendidos, os expurgaráo, segundo creio, de defei-

tos desculpaveis, incapazes, entretanto, de prejudicar o juizo de conjunto de quem quer que esteja habituado a pôr os olhos mais no vulto da estatua de que nos pregos das solas dos seus sapatos.

Sou, com attenção correspondente á vossa presada estima

Vosso collega e menor criado

JOÃO KÖPKE.

Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1904.

S. Pedro, 11, sobrado.

DIVERSOS

Discurso pronunciado na sessão solemne de 22 de Abril de 1900, no Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, pelo dr. Alfredo Nascimento, orador official.

II

PARTE HISTÓRICA

Neste interim, enquanto por esse eden terreal assim se iam alastrando os dominios coloniaes, lá pela Europa fervilhavam as luctas, agitavam-se os animos, iam no mais intrincado do seu desenvolvimento, as scenas do grande drama, em que a humanidade se agitava. Ella voava então em busca de novos idéaes e em procura de conquistar a liberdade, desde a emancipação do pensamento, agri-lhoado ás peas ferrenhas da idade média, até á libertação politica, despegando-se dos ultimos farrapos do feudalismo e sonhando partir os sceptros do absolutismo dominante.

Portugal, cuja grandeza começára então a periclitir, tinha perdido em Alcacer-Kibir, a corôa dos seus monarchas; e, após o reinado ephemero do Cardeal D. Henrique, passára pela humilhação de ver-se incorporado ao territorio da Hespanha, em cujo sólio sentava-se poderoso o filho de Carlos V. Cobiçado de ha muito, como a mais preciosa joia da corôa portugueza, e conseguindo, á custa da vigilancia e heroismo, escapar ás depredações dos que buscavam a todo transe conquistar-lhe algum quinhão, o Brazil viu-se nesse longo dominio

castellano de 60 annos mais gravemente ameaçado, tornando-se o alvo mais cobiçado pelos inimigos dos Fellices.

Assim, após os ataques dos inglezes ao sul, saqueando Santos, quemando S. Vicente e mais tarde tentando occupar o Pará; após as novas e infructíferas tentativas dos francezes para se estabelecerem no Maranhão, chegou o momento de soffrer o pesado jugo estrangeiro vendo cair em poder dos Hollandezes os florentes dominios de Pernambuco, de onde alargaram suas conquistas pelas provincias do norte, chegando ao sul até ás margens do S. Francisco. Graças ao heroismo da colonia e a um sentimento nobre de patriotismo que ahi já se fazia sentir; soou por fim a hora da victoria; e depois de muitos annos de lucta baniram-se de todo os invasores, passando novamente o vasto territorio brasileiro para a corôa portugueza, que a esse tempo, nobremente arrancada á cabeça dos Principes castellanos, cingia desde 1640 a fronte dos Braganças, na pessôa de D. João IV.

Estava conjurada a grande crise e as forças vivas da nação voltavam-se convergentes para o engrandecimento intrinseco, que não parára nunca. Tinham sido emfim encontrados indicios certos das sonhadas minas auríferas; nos fins do seculo XVII e primeira metade do XVIII, sendo exploradas as jazidas de Minas-Geraes, Matto-Grosso e Goyaz, attin-giu a extracção do ouro o seu ma-

ximo gráo de actividade, e então tudo quanto deram de riqueza á Hespanha as minas do Perú e do Mexico foi excedido pelo que o mineiro extrahia do nosso sólo, pois que mais de metade todo o ouro da America sahio dos veieiros do Brazil, o verdadeiro El-Dorado das lendas e dos sonhos europêos; e esta circumstancia importante veiu mudar profundamente o aspecto da vida colonial.

Com effeito, desde o começo foram-se constituindo diversamente as regiões do norte e do sul do territorio, accentuando, até o momento da unificação pela independencia, uma natural dualidade da America portugueza, dividida por assim dizer em duas grandes provincias.

Ao norte, a nação, desenvolvendo-se colonialmente, assentava seus dominios na Bahia e Pernambuco, alastrando-se até ás regiões equatoriais. Lá era a séde do Governo; lá, em São Salvador, dominavam os Governadores e Vice-Reis; lá expendia-se o brilho da colonia; lá alargavam-se os horizontes da lavoura e do commercio; para lá convergiam as levas de immigrants a engrossarem os nucleos de povoações que de dia a dia se multiplicavam; de lá partiam os navios abarrotados de assucar, fumo, algodão, páo brazil e especiarias; finalmente, para lá aproavam uns após outros, como funebres esquifes de uma raça que se estorceia curvada ao jugo de um poder superior, os navios negreiros, que vinham de roubar ás costas africanas os instrumentos vivos para o progresso da colonia, trazendo escravizado, sob o latego aviltante, o braço forte do negro para tirar do seio uberrimo da terra americana as safras riquissimas da sua extensa lavoura.

No emtanto, para as bandas do sul, em uma semi-independencia dessa ampla fazenda ultramarinha de Portugal, a vasta região de S. Paulo, Rio e Minas, com a esplendorosa bahia

de Guanabara, em cujas aguas remirava-se incipiente a futura Capital de todo o paiz, formava-se sob outros moldes o centro de uma verdadeira nacionalidade, creando vida autonoma, enraigando-se ao solo de uma patria pela constituição de uma população fixada e naturalizada, elaborando intrinseca construcção organica de uma futura nação.

Mais nominaes do que reaes, os vinculos que prendiam esse Brazil austral ao Governo colonial do norte, quasi de todo afrouxado, deixavam desenvolver-se nesses sertanejos aventureiros o sentimento natural de uma liberdade e quasi que de um abandono. Ahi começou a palpitar a alma brazileira; dahi partiu o movimento de conquista do interior dos sertões; dahi partiu a colonização para as regiões do centro e para as bandas do Prata; dahi surgiu enfim a descoberta das minas, que ia profundamente mudar a face das cousas.

Com effeito, achados os filões metalliferos e as areias auríferas e diamantinas nos leitos dos rios e nas quebradas longinquas das serranias, voltou-se de chofre para ahi a attenção geral, a immigração começou a affluir para as regiões do ouro, e os sertanejos paulistas, enfrentando com a onda que de longe chegava a fruir do que lhes parecia de exclusivo direito seu, deixaram patentear-se a differença profunda que já se havia cavado entre o elemento patrio, nacional, e esses colonos immigrants, considerados já como estrangeiros, como inimigos, como *forasteiros emboabas*. A luta travou-se entre os dous grupos que então se encontraram, sendo trucidados os colonos nas margens do rio, que por isso ficou chamando-se Rio das Mortes, lá no centro do sertão, onde assim pela primeira vez vibrou um sentimento de patriotismo, que echoou depois pelo norte entre os já então brazileiros de Olinda e os portugue-

zes do Recife, na conhecida guerra dos Mascates, como deveria échoar mais tarde pelo paiz inteiro, a emancipal-o da metropole.

A despeito desse choque, a torrente de vida transbordou para ahi. A industria mineira crescia de mais a mais; a riqueza amontoava-se pelos centros de exploração que se multiplicavam pelo interior a dentro; Villa-Rica era o Potosi do Brazil, o Jaguaruá o seu Perú e as aguas do Jequitinhonha e do Tejuco rolavam os diamantes que a farta o sertanejo ia catar. Como até então affluam ao norte os braços da escravatura africana, affluam agora ao porto do Rio de Janeiro os navios negreiros, trazendo para as minas esse miserando elemento servil, alastrando por toda a colonia os seus carregamentos de miseraveis africanos, cujo numero aqui trasbordado subia cada anno acima de cem mil!

E a metropole nadava em ouro; reconstruia-se o Reino e resurgia a grandeza do velho Portugal ás fulgurações da energia mascula do Marquez de Pombal; as duas partes distinctas do Brazil fundiam-se e penetravam-se; os novos immigrants portuguezes eram assimilados e nacionalizavam-se por fim; e desse modo accentuava-se uma autonomia nacional, cuja crescente homogeneidade e cohesão vieram a impor ao norte uma supremacia conformada praticamente em meados do seculo XVIII pela transferencia da Capital, passando da Bahia para o Rio de Janeiro, como residencia dos Vice-Reis e séde do Governo.

Apezar da nova e malograda expedição com que os francezes tentaram nesse seculo apossar-se della, a cidade de Estacio de Sá crescera rapidamente e tornara-se o centro de todas as actividades e de toda a importancia economica do paiz; e a este tudo, em um commum accôrdo, vinha definindo com a estructura de

uma nação e o estabelecimento estaavel e progressivo de uma civilização autonoma e intimamente nacional. A influencia do Marquez de Pombal fez-se sentir benefica sobre elle; tinham desaparecido os ultimos restos das primitivas suzeranias dos primeiros donatarios; os jesuitas, sempre em lutas e fracassando nos planos das suas missões, tinham sido expulsos de todo o territorio; os indios por elles subjugados nos freios da sua catechese, desertaram aos bandos, voltando ás brenhas, e esse desmoronamento do plano jesuitico das colonias theocraticas acabou por unificar o poder civil da colonia, imprimindo-lhe um caracter positivamente europeu. Vencia a colonização branca; o indigena abandonado recolhia-se ao sertão, embrenhado nas mattas e fadado ao exterminio, e o braço negro suppria como escravo a todas as necessidades da cultura e da exploração das minas.

Tambem elle ousára um dia rebelar-se; tambem ousára levantar-se contra o jugo que o opprimia; mas era cedo, e a fatalidade da sorte destinava-lhe ainda mais dous seculos de escravidão. Com effeito, durante a guerra hollandeza, muitos escravos refugiando-se foragidos, tinham pouco a pouco lançado nos Palmares, nos sertões de Alagôas, os fundamentos de um nucleo social, onde vivessem como livres, realizando sob o céu brazilio os idéaes de uma vida a que a rapina do branco civilizado os arrebatára, arrancando-os ao patrio sólo no afro continente. Porém Palmares foi destruido pelas armas após longa e tenaz resistencia, e o sertanejo ahi aprendeu os actos de heroismo, a que só sabe impellir o desespero pela perda de uma liberdade que se conquistára! O peso do captivo voltou a curvar a fronte do negro, cuja aurora de redempção nem sequer se adivinhava ainda em remotissimo porvir.

Na sequencia natural dos acontecimentos, o progresso real do paiz accentuava-se em uma evoluçao crescente de prosperidade, apreciando-se o conjuncto dos factos, abstracção feita de detalhes, taes como pequenas lutas, attrictos de interesses entrechocados, conflictos motivados por demarcações de limites ao sul e crise da lavoura, desprezada pela avidéz das minas, que por fim começaram a escassear por nimiamente exploradas.

Por seu turno, a fraqueza dos successores de D. José I deixava empallidecer o brilho da metropole, que assim declinava, ao passo que a vasta colonia erguia-se ameaçando mesmo absorvel-a

A esse tempo preparava-se na Europa a grande crise, que devia irromper esmagadora do absolutismo e proclamadora de todas as liberdades em 1789, ruindo um throno que durante quasi 14 seculos se enraigara na França. Os espiritos flammejadores, pregando os nobres sentimentos da época, agitavam violentamente a alma e o coração humano, elevando-a em sublimes devaneios e vibrando-o a golpes decisivos, e no norte da America as colonias inglezas, realizando praticamente as livres aspirações de então, rompiam com a mãe patria e compravam com sangue a sua emancipação politica

No Brazil, cujo amadurecimento intellectual já tambem altamente se accentuára, cahiam essas idéas liberaes como fecundadas sementes em terreno fertil; e lá em Villa-Rica, no coração da patria, nesse centro das provincias do Brazil Meridional, um grupo de ardentes pensadores, poetas e homens de saber, sonhára a independencia da patria, que já se sentia plethorica de vida propria. Este sonho, mais de um seculo antes, ao cessar o dominio castellano, perpassára pela mente dos Paulistas, aclamando seu rei Amador Bueno;

e nessa mesma Villa-Rica em 1720 elle custára a vida a Felippe dos Santos, atado á cauda de quatro cavallos bravios, que o despedaçaram pelas ruas da cidade. Mas então, como outr'ora, opportuna não era a occasião, e essa pagina da nossa historia, em que se escreveu a Inconfidencia Mineira, manchou-se tambem com o sangue do Tiradentes, martyr da independencia, que em 1792 pendia esartejado da força infamante, que se levantára aqui nesta capital, enquanto iam caminho do degredo os outros patriotas, que com elle haviam sido réus do mesmo crime de amar a sua patria!

Mas si a corda do carrasco estrangulava o homem, não podia do mesmo modo trucidar a idéa, e a idéa de liberdade explodia então com violencia, em pleno coração da Europa culta, sangrando com caudaes de sangue a aurora do seu triumpho. Todo o mundo civilizado estremecia a contemplar a França a estorcer-se nas agonias da mais sangrenta das revoluções. Levantava-se alli o altar de um novo culto, buscavam-se novos idéaes, regava-se com sangue a arvore da liberdade, cujas raizes deviam alastrar-se dahi por todo o mundo e cujos ramos frondosos iriam de futuro chamar a se abrigarem á sua sombra protectora todos os povos da terra.

Producto dessa revolução, surgiu emfim no palco ensaguentado della o vulto phantastico de Bonaparte, o Cesar Moderno, o Attila devastador, arrastando seus batalhões de victoria em victoria, através de todos os povos, levantados collectivos e unanimes a antepôr barreira á onda invasora, que ameaçava tudo avassalar.

Chegou a vez de Portugal pagar tambem o seu tributo; e então, enquanto a bandeira tricolor das forças de Junot transpunha-lhe as fronteiras, a cõrte portugueza fugia espavorida para a sua colonia de além

mar, arrastando a Rainha alienada, em cujo nome regia o principe D. João. Em 22 de Janeiro de 1808 pousava na Bahia, e logo a 7 de Março seguinte chegava ao Rio de Janeiro, toda a comitiva real; e este facto, sobremaneira notavel da nossa historia, concorrendo para definir e orientar a crise separatista que se elaborava, foi a ultima sancção de uma supremacia que de ha muito se vinha accentuando. Inverteram-se totalmente os papeis: o Brazil passou a ser a metropole, perdendo de todo o seu character de colonia; e, si condições anteriores tinham-no elevado á categoria de vice-reino, as circunstancias actuaes faziam delle um reino unido a Portugal. O traço de união adelgaçava-se cada vez mais, prestes a romper-se sem estrepito e sem violencia.

Tudo quanto até então peára o franco expandir-se da nação cessou de subito de premer-lhe a vida, que desabrochou pujante, como pujante é toda a natureza que a circunda. O reino mantivera enfreada a colonia, cerceando-lhe todos os meios de engrandecimento, ameaçador de emancipal-a; mas agora, quando na Europa é que surgiam as péas á vida portugueza, o Brazil, como metropole, devia abrir todas as valvas por onde pudesse escapar-se a pujança da sua vigorosa organização. Abriram-se os portos aos estrangeiros; libertaram-se de todo o commercio e as industrias; crearam-se tribunaes; fundou-se a imprensa; organizaram-se escolas, bancos e bibliothecas. Transportados com a cõrte, vieram altos espiritos cultos nas sciencias, nas letras e nas artes, entre os quaes os filhos do Brazil já contavam, de ha muito, brilhantes talentos, aqui e em Portugal; e, fugindo ás tempestades da Europa, vasculejadas ás rajadas violentas das guerras e das revoluções, affluia para o novo mundo, para as

nações que começavam a apparecer, uma onda de immigrantes, levando por toda parte os elementos de nova vida.

Nesse interim morria a Rainha D. Maria I, e o principe regente, aclamado e corôado no Rio de Janeiro com o nome de D. João VI, sentia-se cada vez mais estrangeiro nesta terra, que quasi o considerava apenas como um hospede. Em torno da cõrte fechava-se de dia a dia o circulo sequestrador entre a nação, que estava fundada de facto, e esse elemento extranho que ella buscava eliminar. A revolução republicana de Pernambuco em 1817, alastrando-se rapidamente por toda a provincia, e dahi á Parahyba, Rio Grande e Alagoas, veio por de novo em evidencia as tendencias populares; mas a força ergueu-se outra vez a estrangular na garganta os gritos de liberdade. Esta tentativa do norte não podia deixar de ser mallograda, porque apesar de tudo não era lá que palpitava o coração da patria nova, que, como vimos monstrando estava cá no sul, e ali é que o partido nacional separatista elaborava, lenta mas eficazmente, a grande obra, ás fulgurantes incitações do verdadeiro patriarcha da independencia, o grande brasileiro José Bonifacio de Andrada.

A situação politica de Portugal em 1820 exigia o regresso á Europa do Rei, que aqui se deixava ficar em placida indolencia, ao fervilhar, de um e de outro lado do Atlantico, das idéas semeadas pelo mundo, pela explosão da grande crise da França, de 1789. Emfim elle teve de partir; e essa partida, como um deslocamento placentario, que rompe a unica ligação que prendia á mãe-patria esse organismo robusto e hygido, foi a aurora da sua completa emancipação, o inicio de um trabalho que ia em breve acabar, registrando no mappa das nações mais um vasto imperio autonomo, surgindo constituido e forte no palco

do mundo, montado então de novo para as novas scenas do drama do seculo 19.

Com effeito, em 1822 a espada do principe D. Pedro, que aqui ficára como regente em nome de seu pai, cortava de vez o ultimo fio tenue que ainda ligava os dous reinos; e a 7 de Setembro, no riacho do Ypiranga, emquanto erguendo o braço forte a brandir convulso os ultimos despachos da metropole, o principe dava o golpe de Estado, rompendo com o seu governo, José Bonifacio soltava pelos seus labios o grito de « independencia ou morte », que retumbou por todo o Brazil. Em breve a corôa cingia a fronte do primeiro Imperador, e por toda parte, arreando-se a bandeira portugueza, desfaldava-se ás brisas do Brazil o pavilhão auri-verde, symbolizando a virencia eterna de suas matas e o rico thesouro de suas minas.

Aqui termina o painel da historia que tinhamos de desenrolar. Na comemoração festiva desta data que hoje nos reúne, era o nosso objectivo mostrar a formação de um povo, surgindo autonomo após tres seculos de incubação, no mundo de Cabral. E esse povo está constituido e cresce, progride e avança por entre o tropeços naturaes, que tornam sempre escabrosa a vereda da vida tanto para os homens como para as nações; mas o progresso é mesmo assim, e cada passo para avante só se consegue á custa de muito sacrificio, de muitas lutas, de muito esforço e de muita dedicação. Feliz de quem pôde no computo geral da vida achar um saldo em seu favor no cotejo entre o que obteve e a somma dos sacrificios que isso lhe custou. Foi o que felizmente pôde succeder a nossa Patria; e da cooperação entre todos os factores de progresso e decadencia, de paz e de disturbio, de felicidade e de infortu-

nio, que convergiram no correr do seculo que finda a definir o Brazil independente, decorre como resultante final um engrandecimento manifesto e um progresso real em todos os ramos da sua actividade.

Entretanto, o braço de D. Pedro I não pudera refrear o corcel indomito do liberalismo nacional, que fazendo delle o instrumento realizador dos seus idéaes acabou por encontrar nelle mesmo um entrave ao seu galopar; e o 7 de Abril de 1831 forçou a abdicar do throno, a que subira, esse principe que o destino puzera á frente de um povo novo, no momento mais notavel e mais critico de sua vida. Sem essa circumstancia eventual, outra sem duvida teria sido a solução da crise de 1822, emancipando-se o Brazil, como todas as outras nações do novo mundo, sob a immediata organização democratica das republicas americanas. Com effeito, já em 1824, rompia novamente em Pernambuco a revolução neste sentido, constituindo outra vez esta provincia um Governo republicano, formando com o Rio Grande, Parahyba e Ceará, a confederação do Equador, que acabava mezes depois, deixando entre os fuzilados Frei Caneca, e, pendente da forca, entre muitos, o corpo de Ractelif. Finalmente os acontecimentos de 1831 accentuáram essas tendencias, principalmente em Minas, que, com o seu tradicional liberalismo, fôra por assim dizer o centro das hostilidades ao Imperador, desenrolando-se então por entre o povo a propaganda da federação, chegando emfim na Bahia, durante a revolta de 1837 chamada a « Sabinada », a proclamar-se a « Republica Bahiense », ao passo que no Rio Grande do Sul, rompendo em 1835 a conhecida guerra dos « Farrapos », constituia-se a « Republica de Piratinim », que durou quasi dez annos. Entretanto as condições politicas do paiz não garantiam ainda

a estabilidade desse regimen, e, conseguindo colligar todos os elementos nacionaes, firmou-se finalmente o segundo reinado.

Como rebento do tronco bragantino, que com o primeiro Imperador voltava ao sólo luzitano, ficava no Brazil o infante D. Pedro de Alcantara, que o destino fazia subir ao throno ainda nos primeiros annos da puericia, guiado pela mão segura e rija do patriarcha da independencia, que ahi collocára seu pai. Mas si este era, apezar de tudo, um coração portuguez que se dedicára a esta terra, abandonando a herança legitima que lhe competia da corôa de D. João VI, ao contrario, o filho que aqui deixava tivéra o seu berço neste torrão em que ficara; nunca respirára outro ambiente sinão a tepida atmospheria do seu Brazil. Nelle o patriotismo seria real e innato, porque não teria de adoptar uma patria e sim abraçar-se áquella em que nascera. Pedro II era o primeiro, e ficou sendo o unico monarcha brasileiro.

Tempestuosos, naturalmente, continuáram a ser os tempos da regencia, que em seu nome encaminhava o paiz, porquanto, na effervescente ebullição de um vasto povo que se organiza, não se passa de um momento á calma e tranquillã quietação daquelles que acharam emfim um equilibrio momentaneo entre os interesses oppostos em toda parte sempre em jogo. Entretanto, em 1840, ao empunhar de facto o seu sceptro, como ao *quós ego...* de Neptuno, acalmou-se a tempestade e abriu-se em franca prosperidade uma época de meio seculo, durante a qual quasi tudo se fez de quanto o Brazil hoje apresenta como nação civilizada.

E agora a historia se cala ante o tumulo desse grande homem, que as eventualidades da sorte fizeram ir morrer longe da Patria, que muito mauo. Ella não escreveu ainda os

factos desse longo periodo da nossa vida, como não começou ainda a escrever os dessa nova phase republicana, cuja primeira decada apenas se escoou. Os factos contemporaneos registram-se tão sómente, como elementos que a historia só poderá apreciar um seculo após. Rasgando em 1889 a Constituição do seu Imperio, o Brazil, com a espada de Deodoro, apontou para um outro alvo e avançou resoluta a caminho do futuro.

E qual será esse futuro?...

A escola leiga

UM DISCURSO DE ERNESTO LAVISSIE,
PRONUNCIADO EM UMA DISTRIBUIÇÃO
DE PREMIOS EM NOUVIÓN (FRANÇA).

Do n.º 369, d'El Monitor de la Educacion Común,
de Buenos Aires

(Traducção)

Crianças queridas:

E' aos maiores, aos meninos e ás meninas de mais idade aqui presentes que eu vou dirigir meu discurso.

Aos pequenos daria eu licença para não me escutarem si eu não soubera que elles assim o farão, e com razão, porque vou tratar de um assumpto de muita gravidade.

Porque ha escolas leigas e qual é a sua função na sociedade?

A escola leiga não é uma instituição muito antiga.

Noutros tempos ella não tinha razão de ser; as escolas dependiam da Igreja, e a ella obedeciam, sem que isso a ninguem sorprendesse nem offendesse, pois que todos eram catholicos.

A educação era principalmente religiosa.

Os sabios não acreditavam que a fé pudesse ser contestada pela sciencia.

Existia uma só sciencia: a sciencia de Deus, a que chamavam theologia, e da qual a philosophia era uma auxiliar.

Consequentemente, a escola funcionava na igreja, ou muito perto, á sombra da torre.

Chegou um dia — ha quatro seculos — um dia de extraordinaria agitação, e essa igreja unica dividiu-se.

O protestantismo atacou os dogmas e o culto; toda a organização catholica.

Muitos homens em França e outras nações de Europa acceitaram as novas doutrinas.

Os protestantes tiveram novas egrejas e seus filhos abandonaram a antiga escola, onde o mestre continuava ensinando conforme os antigos preceitos e costumes.

Para que possaes melhor comprehender o que então se passou, vou contar-vos um facto de que eu fui testemunha.

Quando eu tinha vossa idade, era eu alumno do collegio Bernard, em Nouviön. Eramos todos catholicos menos um; meu companheiro David Doubois. Ao chegar a hora do ensino de religião David levantava-se e sahia.

Este facto causava surpresa a todos nós, e até um pouco de escandalo.

Pensavamos; « aquelle não faz o signal da cruz, não reza a Ave-Maria ».

Sabiamos que á noite sua familia entoava canticos religiosos em francez.

Repetidas vezes, alguns peraltas, e eu entre elles, nos approximavamos da casa e ouvido attento, subiamos as escadas nas pontas dos pés.

Lembro-me sempre da tristeza religiosa desses canticos calvinistas.

Tambem sabiamos que aos domin-

gos David ia ouvir o sermão em Esqueheries.

Aquelles de nós que costumavam viajar conheciam Esquehéries, tinham visto o templo, essa casa humilde que parecia escondida atraz das cercas que beiram o caminho, ao passo que a igreja catholica se ostentava orgulhosa sobre a colina assemelhando-se a um castello feudal.

Em verdade, não desejavamos mal ao nosso camarada. Nessa terra de Hierarche são todos boa gente, espiritos socegados.

No emtanto, tenho sempre presente essa primeira impressão da diversidade das religiões.

Depois, quando no collegio estudei a historia do protestantismo, relembra a espaçosa sala, nossos bancos muito juntos, o mestre, na tribuna, annunciando a lição de religião, e David Doubois sahindo; comprehendi então que no seculo XVI os protestantes tinham se levantado e tinham sahido.

Eis ahí, pois, em França, duas especies de escolas no seculo XVI; as catholicas e as protestantes.

Que fazer? Si os homens de então tivessem tido juizo, os catholicos e os protestantes teriam educado seus filhos conforme entendessem, em escolas differentes, continuando a se estimarem e amarem como irmãos de uma mesma patria.

Os homens, porém, nunca começam por serem ajuizados; só tem juizo quando têm soffrido muito pelas suas tolices e maldades, assim como os meninos que não aprendem a temer o fogo sinão depois de se queimarem.

Justo é reconhecer que muitas causas, longas de enumerar e difficis de explicar, impediram que uma reforma religiosa fosse então acceita sem resistencia.

Em toda a Europa, catholicos e protestantes luctaram com furia. O

que é certo que o peor dos odios é o odio religioso.

Sabeis pela historia, que exercitos bateram-se contra exercitos, que o ferro torturava, que o fogo devorava a carne humana.

Conheceis grandes crimes praticados em nome da religião por protestantes e catholicos.

Era o regimen da intolerancia; onde os protestantes eram os mais fortes procediam do mesmo modo que os catholicos.

Aquelles tempos foram barbaros, creanças queridas! Ha mais sabedoria, bondade e humanidade em vossas cabecinhas e em vossos corações do que nos reis e nos povos daquella época.

E' uma das maiores glorias da nossa patria, termos sido os primeiros, por effeito de circumstancias particulares, em ensaiar o regimen da tolerancia.

O rei Henrique, de popular memoria, concedeu aos protestantes o direito de viver do mesmo modo que os demais francezes. Nesse direito estava tambem comprehendido o de ter escolas.

Escolas protestantes, pequenas e grandes prosperaram ao lado das escolas catholicas.

A igreja catholica, porém, não se resignou a tolerar perto de si a seita heretica.

Graças a pacientes esforços, obteve do rei, que não se fez muito de rogar, que as licenças outorgadas aos protestantes fossem pouco a pouco cassadas.

Tambem, já sabeis quanta força, riquezas, intelligencia e virtudes nossa patria perdeu pela revogação do edito de Nantes, e a consequente emigração.

Caminhava o tempo com esse passo tranquillo, indifferente, que ninguém deteve nem deterá jamais.

O spectaculo das guerras, dos odios religiosos e outras causas des-

pertaram o espirito philosophico no momento em que o reinado de Luiz XIV terminava entre a miseria e as lagrimas de um povo.

O trabalho dos philosophos tinha tambem seu lado bom e seu lado máu.

Hoje reconhecemos que elles commetteram o erro de encarar muito ligeiramente o espirito religioso, que, sem duvida, é uma legitima e forte potencia.

Ao seculo XVIII, porém, coube a honra de considerar sob as religiões diversas e inimigas, a Humanidade com todos os seus direitos, proclamando a absoiuta liberdade de consciencia.

Como consequencia, a Revolução Franceza decretou a separação da Igreja e do Estado, cuja união tornara-se um perigo.

O Estado declarou não reconhecer sinão francezes, que conforme sua livre consciencia vão nos dias de culto á igreja, ao templo ou á synagoga, ou ainda aquelles que não têm dias de culto algum por serem livre-pensadores.

E' então que nasce a escola leiga. Ella é filha da Revolução Franceza, e já sabeis em que se lhe assemelha: em que não reconhece em seus alumnos sinão filhos da França.

Essa semelhança, é, por alguns, considerada um crime; a escola leiga tem inimigos implacaveis.

Creanças queridas, eu não desejo offender ninguém. Respeito os sentimentos religiosos quando elles são sinceros.

Portanto, sou partidario da liberdade do ensino sob a fiscalização do Estado.

A fiscalização do Estado penso que é indispensavel, porque o Estado, que é a fórma politica da Patria, não pôde permanecer indifferente ante a educação das gerações que amanhã constituirão essa mesma Patria.

Não acceito, porém, que só elle

tenha o direito de dar o ensino; a idéa de semelhante privilegio me offende e inquieta, porque seria um monopólio intellectual e moral. Só a união destas palavras amedronta.

Mas, por isso mesmo que nutro taes sentimentos, que julgo equitativos, tenho o direito de protestar contra as injustas accusações formuladas a respeito das escolas leigas.

Ha pessoas que apavoram-se ante a idéa de enviarem seus filhos a uma escola leiga, porque acreditam que nellas tudo é abominavel, ao passo que nas outras tudo é perfeição.

De donde nasce essa repulsa pelas nossas escolas publicas?

Inspira-se certamente na campanha de graves insinuações formuladas frequentemente do alto do púlpito.

E' uma escola sem moral, dizem.

Ante tudo, isso não é verdade.

Vossos mestres vos ensinam a moral que a Humanidade aceita e acata, formada, ora com auxilio das religiões, ora contra ellas.

E' a moral dos sabios da antiguidade, fecundada pelo espirito fraternal e democratico do Evangelho, pela experiencia progressista das sociedades cultas, pelos sentimentos de solidariedade e de justiça social, hoje diffundidos e consagrados em toda parte.

Escola sem religião! Sim.

Mas seria necessario acrescentar: escola que, em harmonia com as condições necessarias á sociedade franceza, attendendo aos elevados motivos de respeito á liberdade dos paes de familia, do alumno e do mestre, supponho que o mestre tambem tem direito á liberdade de consciencia, lembrando as discordias e os horrores de outros tempos, estabelece, em homenagem á paz publica, a neutralidade em religião, cujo ensino entrega, aos respectivos ministros.

Si a neutralidade fôr lealmente observada, e é mister que o seja, si

nenhum obstaculo se oppuzer á educação religiosa, e é preciso que não haja obstaculo algum, ninguem terá motivo de queixa.

As creanças tem suas horas leigas e suas horas religiosas.

Não ha confusão nem perturbação na vida da creança.

A escola não é longe da igreja.

Aqui não tendes sinão caminhar, subindo esta rua, regularmente direita, mas em vossa idade o caminhar não custa e o «subir» não cansa.

Quão facil seria, pois, findar esta contenda si todos o desejassem de boa vontade! No emtanto, é inutil esperar que o façam immediatamente.

O que imprime um caracter grave á lucta que presenciaes é que esta lucta não é sinão um episodio da perpetua guerra entre o passado e o porvir.

Dir-vos-ei sinceramente que muitos francezes voltam-se para o passado e o desejam. Vós, porém, meninos e meninas, que não tendes passado algum, ou que o tendes muito curto, que viveis no porvir, não sabeis porque lembramos o passado e o admiramos.

Eu, que sou já um homem edoso, eu o sei.

Relembro as dilicias dos tempos em que minha cabelleira era loura. Parece-me que naquella epocha os dias eram sempre magnificos!

Havia inverno? Creio que sim; o necessario para nos atirarmos grossas bolas de neve, ou para desenharmos cruces e nos jogarmos de bruços sobre a nevada coberta.

Chovia? Certamente; eu, porém, não lembro sinão as chuvas torrençias que inundavam a rua dos «Priscos», onde faziamos «diques», molhando as mangas até os cotovellos, para depois derrubal-os a pontapés, enchendo as calças de lama até os joelhos.

Mas acaso a agua molhava ha cincoenta annos? Não tenho disso lembrança; no emtanto, sei que enxugava muito depressa.

Dir-vos-ei tambem que nesses tempos, no dia da Paschoa de Resurreição o céu era sempre azul. Os passarinhos cantavam, Jesus Christo! Jesus Christo! e eu, muitas vezes os escutei.

Para irmos a igreja, onde o suizo Hachon, velho soldado do primeiro imperio, passeava gravemente, sua alabarda ao hombro, seu penacho, sua cruz de honra ao peito e seu olhar severo, vestiamos calças brancas, ou si pertenciamos aos elegantes e modernos calças nankin, que eram amarrellas.

Em tão bizarro conjuncto vagavam minhas encantadoras illusões.

Existia então, no caminho de «Mon-Idée» um espesso ratagal. Sem ouvir nem consultar ninguem, eu acreditava que alli existira o arbusto inflammado de onde o Senhor chamara, Moysés!

Moysés! tendo o fogo se extinguido com o tempo.

A collina situada adeante de «Malasine» chamada «Montapeine», a mim se me afigurava uma montanha muito alta, estando convencido que em sua eminencia o patriarcha Abrahão tinha erguido a fogueira onde ia oferecer a Deus o sacrificio de seu filho Isaac.

Emfim, ninguem me convenceria de que a encruzilhada dos caminhos florestaes, onde se erguia o castello senhorial dos Guise, não fôra o proprio lugar em que Napoleão, de oculo em punho, presenciara a batalha de Waterlloo.

Todo este passado, meus filhos, fórma em minha memcra uma imagem luminosa, das mais bellas côres, vermelha, verde, azul, ouro; côres vivas, frescas, ainda humidas do orvalho daquellas manhãs purissimas.

Ah! eu bem sei que para voltar á

realidade seria necessario evocar outras reminiscencias e dar um lugar ao frio, ao nevoeiro, á chuva, a todas as intemperies esquecidas já; tambem teria de supprimir o patriarcha Abrahão, Moysés, o Imperador, que pena!

Assim como o homem que chega ao occaso da existencia se compraz em evocar sua bella infancia, assim as gerações de todos os tempos se comprazem igualmente em voltar-se para as gerações passadas, julgando-as felizes sabias, e ouvimos a cada passo exclamações como estas:

«Que bons tempos aquelles, quando todos os francezes adoravam o mesmo Deus, conforme os mesmos ritos!

«Que fraternidade tão bella e fecunda aquella, cabeças approximadas e inclinadas para ler no mesmo livro a unica historia que valia apena ser aprendida! E que pujança nessa união que impulsionava os grandes commettimentos!

Certo é que essa bella união é muito seductora como lembrança. Mas a verdade é que nella tambem seria preciso indicar as sombras, que foram muito densas, e junctar-lhe as intemperies, que foram muito rudes.

Direi sómente que essa bella união está morta, bem morta, e que ninguem a fará resuscitar.

Ninguem a tornará a vêr como eu tambem não tornarei a ter cabelleira loura.

Compreheideis bem, meus meninos, que não ha razão para que as cousas que existiam em epochas passadas devam existir sempre.

Conservam seu passado alguns paizes donde o filho caminha seguindo as pegadas do pae, seguindo o mesmo caminho; esse caminho, porém, passa ao pé de grandes ruinas seculares, respeitadas, e que parecem eternas.

Isto acontece nos paizes do Ori-

ente, mas nelles habitam a miseria e a escravidão

Em nosso occidente o espirito está em perpetuo movimento, é demolidor de ruinas; tanto assim é, que se tornou necessaria uma lei para proteger contra elle as recordações do passado, os chamados monumentos historicos.

Esse espirito parece ás vezes deter-se e mesmo retrogradar, mas é para emprehender de novo a marcha e accelerar-a. Não voltaremos ao passado.

Atraz de vossa escola, um riacho desce em suave declive; dir-se-ia que lhe é indifferente sua direcção.

Não obstante, o mais moço de vós poderá viver tanto quanto viveu Leão XIII sem ver o Sambre voltar sobre seu curso e subir entre os salgueiros até sua nascente, que ao tombar, surge murmurante na orla da matta.

Visto que essa antiga união morreu, indispensavel é achar a todo custo uma outra.

Depois de ter afastado do Estado e do dominio do poder publico o que divide, procuremos o que une.

E o que une é a obediencia aos sãos principios da moral universal, cujos preceitos são aceitos por todas as religiões dos povos civilizados: o respeito e o amor da Humanidade; a tolerancia, que é uma applicação da fraternidade; a obediencia ás leis; a solidariedade de filhos da mesma patria; o conjuncto de tradições e esperanças que alimentam e vivificam o amor patrio; os nossos deveres para com a França.

Existe um patrimonio commum á alma franceza, e sobre este patrimonio indestructivel, sagrado, está construida a escola leiga.

Na escola leiga, primaria e secundaria, as divergencias e os contrastes se atenuam.

Nas promoções dos lycêos, são lidos, quanto ao ensino religioso, os premios outorgados no ensino dos cultos

reconhecidos peio Estado. A esses premios os alumnos concorrem separadamente, todos os outros premios elles os pleiteam juntos, porque juntos têm vivido, reconhecendo que são todos eguaes e filhos da mesma Patria.

Oh! meus amigos, e vós, todos os que me escutaes, não esqueçaes que é mister atenuar as divergencias.

A Humanidade é ainda creança e pueril. Um homem diferente, de nós julgamol-o ridiculo e até odioso.

Esta é uma das causas mais frequentes da desunião, dos rancores e das guerras entre as nações.

Não queiramos que entre nós existam causas que possam originar essas divergencias e odios, e até occasionar—a palavra queima-me os labios—uma guerra.

Creanças queridas! comprehendes agora porque a escola leiga é necessaria e qual a sua função na sociedade.

E como era isto o que eu me propuz demonstrar-vos, dou por findo meu discurso.

R. R.

Comunicações transcontinentaes na Africa

A exploração e o povoamento da Africa pelas grandes potencias da Europa constitue um capitulo singular da historia da humanidade, escreve P. Friedrich no *Prometheus* de Berlim. Situada ao alcance da vista da Europa, séde em sua parte septentrional de um dos mais antigos povos cultos do mundo, até o meio do seculo passado foi, entretanto, a Africa inteiramente quasi esquecida.

Quando, a partir do seculo XV, portuguezes e hespanhões fizeram suas viagens descobridoras, as costas africanas foram muito visitadas, mas ninguem se atreveu ao sertão. Só como continente que fornecia de escravos as

terras novamente descobertas, a Africa possuia valor. Os poucos estabelecimentos europeus limitavam-se á faxa costeira. Espessa mata virgem que quasi por toda parte ostentava com a costa, clima insalubre, assim como carencia de metaes preciosos, eis as principaes causas da lentidão com que a Africa foi explorada. Até as possessões francezas do Norte e as possessões inglezas do sul passavam por imprestaveis.

No ultimo terço do seculo XIX sobreveiu de chofre uma transformação. Exploradores animosos, entre os quaes houve tambem allemães, por caminhos varios penetraram até o interior, á busca dos mananciaes do Nilo. Si as descripções e narrativas de viagens despertaram immediatamente interesse pela Africa, a abertura do canal de Suez, as descobertas de ouro e diamante ao sul augmentaram ainda o valor do continente negro aos olhos da Europa. O primeiro passo para a repartição da Africa foi a fundação do Estado Livre do Congo, em 1885, em seguida á conferencia de Berlim. Dentro em pouco as grandes potencias retalharam entre si o continente quasi todo por explorar.

Atomada de posse impunha o dever de explorar os terrenos, franqueal-os ao commercio e garantir a ordem. Para conseguir este fim são indispensaveis vias de commuicação boas e seguras. Grandes rios, que alcançam muito no interior, como o Nilo, o Congo, o Zambeze existem, não ha negal-o; sua navegação é estorvada por saltos, corredeiras e baixios, assim como pelas fortes oscillações do cabedal. Os grandes caminhos de caravanas não passam de azinhagas de tão diminuta largura que não permitem passagem a mais de um homem de fundo. Todas as cargas tinham de ser transportadas em cabeça de gente. Animaes de tiro ou de carga não se conhecem

em toda a Africa equatorial, nem serão conhecidos para o futuro, porque a venenosa mosca «tsê» obsta á sua propagação. As tentativas de domesticar zebras e empregal-as na tracção têm ficado sem exito até aqui. O transporte de mercadorias é pouco, muito caro e moroso, e só os productos mais valiosos, como marfim, etc., compensam a remessa para grandes distancias. Além disso, as caravanas, em consequencia de sua marcha dispersa, facilmente são atacadas e destruidas. A construcção de estrada nada remedia, em consequencia da falta de animaes; só vias-ferreas podem servir e já se nota movimento neste sentido, maximé onde não existem grandes difficuldades de terreno, em consequencia da falta de altas montanhas.

Do mesmo modo que na repartição da Africa esforçou-se cada nação por obter um quinhão na preciosa região dos lagos, nas terras dos lagos Victoria, Alberto, Alberto Eduardo, Tanganyika, Nyassa, assim agora as ambições de todos collimam construir vias-ferreas do littoral para alli. A energia da Inglaterra leva já nisto um grande avanço. Emquanto outras nações não vão muito adeante ainda dos preparativos, já a 20 de Dezembro de 1901 estava terminada a via-ferrea de Uganda, desde Mombaça, capital da Africa oriental britannica, até Port-Florence, na costa septentrional do lago Victoria. Em Junho de 1902 começou o trafego de todo o percurso. Cinco annos exigiu a construcção desta linha de 915 kilometros de extensão, e a média de cada kilometro orçou por 100.000 marcos. Particulares difficuldades proporcionou o declive empinado, tanto para o oceano como para o lago Victoria, de um planalto de 1.200 metros de altitude. Com esta via-ferrea abriu-se um territorio commercial, cuja população se estima em quatro milhões de almas.

O segundo dos grandes planos da Inglaterra, o estabelecimento de communicações directas do Cabo ao Cairo, avança tambem vigorosamente do lado do norte. Quando, haverá uns cinco annos, assomou pela primeira vez, julgaram-no geralmente inexecuível. Sobretudo despertava sérias duvidas a possibilidade de chegar ao Sudão, avassallado pelo Mahdi. Em breve foram desfeitos estes receios, pois na batalha de Omdurman, de 1 de Setembro de 1898, o Mahdi foi vencido pelo General Kitchener e dest'arte aniquilado seu dominio.

Depressa a Inglaterra poz mãos á obra, para prender Khartun, capital do Sudão, á rede egypcia e estabelecer ligação pelo sul com a região dos lagos. Entre Cairo e Wadi-Halfa sobre o Nilo existia já antes da guerra ligação regular. A estrada de ferro que parte do Cairo termina em Assuan, na primeira cataracta do Nilo. Dahi até Waldi-Halfa o Nilo é navegavel. Vapores percorrem a extensão de Schellal (Philao), junto a Assuan, até Wadi-Halfa em 80 horas. Como ao sul de Wadi-Halfa o Nilo é novamente interrompido por cataractas, foi preciso construir uma estrada de ferro até Khartun. Esta segue desde Wadi-Halfa através do deserto e em Abu-Hamei alcança novamente o Nilo, cuja margem oriental vai acompanhando. Chega a Berber, lugar outr'ora floresente, que foi destruido pelos derviches, atravessa o Atbara e leva por Schendi a Halfjeh, que demora fronteiro a Khartun, na margem septentrional do Nilo Azul. Aqui termina a via-ferrea; a outra distancia até Khartun é percorrida em barcos. Cada quinta-feira trafegam trens expressos entre Wadi-Halfa e Halfjeh, que fazem o percurso de 920 kilometros em 32 horas. A grande difficuldade está sujeito o provimento de agua dos trens no travessia do deserto nubio. Cada trem

deve levar cinco a seis carros de agua, necessaria para a travessia de 370 kilometros.

Segunda via-ferrea parte de Wadi-Halfa, no valle do Nilo, rumo do sul, para Bengala. Tem 327 kilometros de extensão. Para conseguir ligação, directa entre o Sudão e o Mar Vermelho, está se construindo uma estrada de ferro de Berber para Nankin, de que a partir de Nankin já 60 kilometros estão em trafego. Todas estas linhas servem principalmente a intuitos militares, mas no futuro serão de grande importancia para o commercio, principalmente quando melhorarem as condições economicas do Sudão.

Tambem a França procura, desde o mar Vermelho, penetrar até o Nilo. Partindo de sua colonia Djibuti, está sendo construida por sociedade particular uma via-ferrea para Addis-Abeda, em Choa, na extensão de 450 kilometros, de que grande parte já está em trafego e cujo acabamento se espera dentro em tres ou quatro annos.

De Addis-Abeba deverá então uma linha levar para o norte, ao Sudão, para prender-se á planejada linha ingleza Matamma-Kartun, ao mesmo tempo que outra linha abrirá o planalto de Kaffa.

Além de Khartun o prolongamento das communicações para o sul é planejado por via aquatica. Na época da enchente o Nilo fica navegavel até Lodó (1.600 kilometros); no trecho de Khartun a Fashoda a navegação é constante o anno inteiro. Só onde cessa a navegabilidade do Nilo pega novamente a viação ferrea.

Muito prejudicam o aproveitamento do Nilo como via aquatica as massas de lama, os bancos de areia e a falta de lenha. Ainda por cima os bancos de areia mudam muitas vezes de logar. Espera-se brevemente vencer de todo os bancos de areia chamados *Sudd*. O capitão Ga-

ge e o Major Peake lograram em Schambeh libertar de *Sudd* o leito do Nilo, que offerecia o maior embaraço.

Planeja-se já para dentro em pouco tempo estabelecer um serviço regular de vapor entre Khartun e Lodó, em viagens que duraram vinte dias. Canhoneiras inglezas têm repetido a navegação, subindo até o Sobat e o Bahr-el-Ghâsal, affluentes do Nilo. O rio Bahr-el-Ghâsal, vindo do Sul de Dâr-Fur, de extensão de 600 kilometros, pelo que se diz, pretende-se que presta para a navegação em 400 kilometros.

Além de Lodó até sair do lago Alberto, a navegabilidade do Nilo é frequentemente embaraçada por corredeiras ou saltos, e por isso em Lodó pegará de novo a viação ferrea. Em Bedden e Kiri existem corredeiras, em Dufilé ao lago Alberto ha as conhecidas cachoeiras de Fola. Na extensão de 220 kilometros que vão de Dufilé ao lago Alberto corre o Nilo fundo, largo, com pouco declive. Desde o lago Alberto, de 220 kilometros de extensão, corre, em direcção quasi recta para o sul, a cadeia de lagos centro-africanos até o lago Niassa. Estes lagos, alargados, navegaveis, distantes uns de outros, cerca de 100 kilometros, caberão mais tarde cabalmente na rede de communicações. Já navegam nelle alguns vapores.

Ainda está por decidir que caminho a via ferrea trilhará. Pelo primeiro plano, desde Lodó para o sul beirá a margem occidental do lago Victoria, atravessará a Africa oriental allemã, levando por Tabór a Abercon no lago Tanganika. Mas, segundo noticias recentes, não é possivel que se prefira o caminho através do Estado do Congo, o oeste, portanto, da cadeia dos lagos Alberto, Alberto-Eduardo e Kiou. Exploração mais acurada do terreno ainda não houve; mas não tardará muito, pois, partindo do sul já se penetrou

até á borda septentrional do lago Tanganika, estabelecendo communicação regular.

Na construcção da linha ferrea que parte do Cabo para o Cairo e Inglaterra foi estorvada pela guerra sul-africana. Em Buluway, ao sul portanto da Zambeze, terminam as linhas que partem da cidade do Cabo. Agora, quando as consequencias da guerra gradualmente começam a desaparecer, surgiu novamente o plano de prolongar a estrada até Tanganika. Já está em construcção o trecho de Buluway através das minas de carvão de Wankie, até as cachoeiras do Victoria no Zambeze, e começarão os estudos preliminares para a outra parte da linha, além do Zambeze. A *Rhodesia Railways Company* tomou a empreitada da obra.

Entrementes lograrão os inglezes a ventura de obter por outra via uma entrada commoda para a Africa central. Chinde na embocadura do Zambeze, é agora o principal porto para o commercio com o centro da Africa. O porto pertence a Portugal, mas a Inglaterra conseguiu uma concessão de terreno em que as mercadorias não pagam direitos. Em Chinde desagua no Oceano Indico um dos braços do Zambeze de 32 kilometros de comprimento, descoberto só em 1889. De Chinde navega-se o Zambeze 240 kilometros rio acima até a barra do Chire e prosegue se por este rio até Katunga e Chikivana, proximo aos Saltos de Muchiron. Dahi por deante devem os fardos ser levados por carregadores durante 100 kilometros até Matape e Alpimbi no alto Chire, onde o rio é novamente navegavel.

O caminho para alli passa por Blantyre no planalto do Chire, centro commercial da Africa central britannica. Em consequencia da altitude (1.150) é residencia apropriada tambem para europeus.

Desde o planalto de Chire apresentam-se commodas vias fluviaes para

entrar na Africa central, quer britannica, quer portugueza, quer allemã, assim como na parte oriental do Estado do Congo. Até Port Johnston, no extremo meridional do lago Nyassa, são ainda 140 kilometros. Sobre o lago Nyassa com seus 560 kilometros de extensão, navegam seis vapores, que levam o commercio até a parte septentrional. Por terra vai-se então pelo estreito de Stevenson ao lago Tanganika, que demora a 340 kilometros de distancia, devendo ainda as cargas ser transportadas por carregadores. No lago Tanganika trafegam vapores inglezes e allemães. De dez em dez dias parte um vapor de Kituta na ponta meridional para o extremo septentrional, que faz escala tambem pelas bordas occidental e oriental. Para o lago Mwem, situado a oeste do Taganyka, são ainda carregadores que transportam as cargas. O vapor estacionado no lago Mwem estende suas navegações de Chienji até as quedas do Johnston no Luapula.

O que dizem de nós

«Chega-nos ás mãos o n. 5 da utilissima *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, publicação bi-mestral, subsidiada pelo Governo do Estado, sendo seu redactor-chefe Arnaldo de Oliveira Barreto e redactor-secretario João Pinto e Silva.

São egualmente redactores effectivos: Joaquim Luiz de Brito, Romão Puiggari, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo B. dos Reis Junior.

O fasciculo tem 544 paginas de leitura variada em prosa e verso, traz um noticiario amplo, diversos hym-

nos escolares, e illustra a sua pagina de honra com os retratos do coronel Carlos Porto, dr. Antonio Mercado e dr. Candido Motta, illustres defensores da Instrução Publica paulista, na Camara dos Deputados, a que presta homenagem a *Revista de Ensino*.

E' uma publicação digna de ser lida pela importancia dos seus artigos, pelos ensinamentos que diffunde pela variedade de seu texto amplo e instructivo.

Muito gratos.»

O Vassourense.

«Recebemos e agradecemos, o n. 5 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Sua primeira pagina é honrada com os retratos dos drs. Antonio Mercado e Candido Motta e coronel Carlos Porto.

Seu summario consta de diversos artigos sobre educação, tópicos do notavel discurso do dr. Antonio Mercado, proferido a 8 de Outubro, hymnos escolares, uma valsa com letra de Hilario Ribeiro e musica de João Gomes, e de muitos outros escriptos de interesse.»

O Correio de S. Carlos.

«REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 5 desta importantissima *Revista* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Desta vez ella veio volumosa, contendo em si, trabalhos de merito, como sejam artigos de utilidade publica e de instrução popular.

Em homenagem aos illustres coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, como defensores da instrução publica paulista, traz a *Revista* em sua primeira pagina, finos clichés, representando os retratos desses denodados vultos, que no Congresso do Estado, zelaram pela desprotegida classe do professorado,

com toda imparcialidade e hombridade.

Em seguida vem um bello artigo em relação á reforma da Instrução Publica, explicando a attitude que tomou a digna directoria em relação a esse projecto que foi suffocado.

Traz tambem o luminoso discurso do sr. dr. Antonio Mercado, peça que todos os professores devem lêr com attenção.

A *Revista de Ensino* está prestando um importante serviço ao professorado e á Instrução Publica, é um paladino que deve merecer o apoio da classe, e daquelles que se interessam pela causa popular.

Agradecemos a remessa do referido exemplar, que vae reunir-se a outros, formando uma collecção que futuramente será admirada pela geração que surge.»

O Araraquara.

«REVISTAS.—Recebemos o quinto numero do segundo anno da *Revista de Ensino*.

Traz, na primeira pagina, os retratos dos deputados coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, que defenderam dedicadamente os interesses da Instrução Publica no Estado.

No mais, variada e util collaboração.»

O Cruzeiro do Sul, de Sorocaba.

REVISTA DE ENSINO.—Temos sobre a mesa de trabalho mais um magnifico numero da *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado.

Em sua primeira pagina estampa a *Revista* os retratos do coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, que, na Camara dos Deputados, procuraram defender a Instrução Publica do Estado, presenças a desaparecer na voragem de uma reforma... pyramidal.

A Arnaldo Barreto e aos seus va-

lentes companheiros nossas felicitações.»

O Mogjano.

«Fomos honrados com a visita da *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

O presente numero desta importante e utilissima *Revista* pedagogica traz os retratos dos srs. coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, que reputamos como uma das mais brillhantes homenagens que se têm prestado áquelle illustres defensores da Instrução Publica, na Camara dos Deputados.

Traz tambem um judicioso artigo sobre o projecto — FONTES JUNIOR — que si não fosse a escassez de espaço de que dispomos, transcreveriamos em nossas modestas columnas.

Agradecendo muitissimo tão agradável visita, retribuill-a-emos com summo prazer.»

O Trabalho, de Jacarehy.

«REVISTA DE ENSINO.—Eis uma substanciosa obra, onde se poderão beber prodigiosos fructos em todos os ramos da sciencia, theorica e practicamente. E' o que se pôde dizer uma publicação esplendida, verdadeiro modelo no genero, producto exclusivo do esforço intellectual de professores publicos do Estado de S. Paulo.

Tem por director o festejado escriptor e pedagogo emerito, sr. Arnaldo Barreto, e della recebemos o n. 5 (Dezembro.)

Assim como tal *Revista* vai mimo-seando a sociedade com melhoramentos incontestaveis, a ponto de nos visitar com 140 paginas de texto correcto e instructivo, tambem vai crescendo em nós a sympathia que jamais regatearemos a redactores como os seus:—uns benemeritos da patria.

No logar de honra do presente numero exhibe, em photogravura,

bellos retratos dos tres possantes deputados, defensores do professorado — Carlos Porto, Antonio Mercado e Candido Motta.»

A *Folha*, de Porto Ferreira.

Recebemos o n. 5 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Bem dirigida, pois encontramos na primeira pagina os retratos dos illustres cidadãos coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, defensores da Instrução Publica Paulista, na Camara dos Deputados.

Mais adeante vem transcripto o discurso pronunciado na sessão de 8 de Outubro proximo passado, por occasião da 2.^a discussão do projecto Fontes Junior, bem desenvolvido, principalmente pelo lado juridico.

E continuando a leitura desta excellente revista, agradou-nos bastante, e desejamos que prosiga a se interessar no que ha de mais util e mais proveitoso para todos os paizes — o ensino — até então decahido entre nós.»

Agradecemos.

O *Pitangueirense*.

«Recebemos o numero 5 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

A *Revista* vem cheia de importantes artigos de interesse publico e de pedagogia pratica.

Traz tambem os retratos dos illustres paulistas drs. Antonio Mercado e Candido Motta e coronel Carlos Porto, que tão bem souberam defender a classe do professorado no Congresso do Estado.

Gratos pela remessa do referido numero.»

O *Popular*, de Ubatuba.

REVISTA DE ENSINO. — Conquista dia para dia maior sympathia de to-

dos os amigos da instrucção publica a excellente *Revista de Ensino*, mantida pela Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo e subsidiada pelo governo do Estado.

O numero 5 do 2.^o anno que temos em nossa estante, traz um magnifico summario e os retratos dos illustres deputados coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta.

Gratos pela gentileza da remessa do exemplar que temos em mão.»

O *Santa Ritense*.

Mais um numero da *Revista da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo* nos veio visitar. E' o 5.^o numero, que abre com uma justa homenagem aos illustres e esforçados deputados coronel Carlos Porto, dr. Antonio Mercado e dr. Candido Motta, extrenuos defensores da instrucção publica paulista, na Camara dos Deputados.

Já tendo anteriormente nos externado ácerca da excellencia desta magnifica publicação, que enriquece as letras, as artes e as sciencias, só nos cabe hoje agradecer-lhe mais uma visita.

O *Passageiro*.

«Da *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*, recebemos o numero 5 daquella importante Revista, da qual são redactores os srs. professores Arnaldo de Oliveira Barreto e João Pinto da Silva.

O presente numero, que temos sobre a nossa banca de trabalho, além dos diversos artigos, que sobre, modo a enriquece, traz os retratos dos deputados drs. Antonio Mercado, Candido Motta e coronel Carlos Porto, como um preito de homenagem e gratidão do professorado, pela attitude que tomaram na Camara dos Deputados, defendendo a instrucção paulista.

Agradecemos.»

O *Intransigente*, de Casa Branca.

Foi distribuido mais um numero da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado.

Além de escolhida collaboração e magnificos escriptos, traz os retratos do coronel Carlos Porto e drs. Antonio Mercado e Candido Motta.

Agradecemos.»

Da *Cidade de S. José dos Campos*.

Recebemos o ultimo numero da *Revista de Ensino* que, como de costume, insere escolhida e agradável collaboração.

Na primeira pagina traz os retratos dos drs. Antonio Mercado, Candido Motta e coronel Carlos Porto, em homenagem aos defensores da instrucção publica na Camara dos Deputados.

Do *Minarete*, de Pindamonhangaba.

«Temos presente o numero 5, anno 2.^o da *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, que traz, além dos costumados e apreciados trabalhos instructivos e literarios, tres bellissimos hymnos escolares:—*Canção*, letra de R. Puiggari e musica de Antonio Carlos; *Hymno Emilio Mario*, letra de J. Bittencourt e musica do professor José Carlos Dias, e finalmente, *A abelha*, pequena valsa, de João Gomes Junior e letra de Hilario Ribeiro.

Como justa homenagem a *Revista* estampa em uma pagina de honra os retratos dos illustres e prestimosos deputados paulistas — Drs. Antonio Mercado, Candido Motta e Coronel Carlos Porto, esforçados defensores da instrucção publica na Camara Estadual.

A' digna e apreciada collega, somos agradecidos pela amavel visita.»

O *Guarará*.—Minas Geraes.

«Recebemos o numero 5 da *Revista de Ensino*, editada pela Asso-

ciação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, que, como os demais, vem repleta de cousas boas e instructivas.

Traz os retratos dos preclaros cidadãos coronel Carlos Porto e drs. Antonio Mercado e Candido Motta como justa homenagem aos defensores da instrucção publica, na Camara dos Deputados.»

O *Luizense*.

A REVISTA DE ENSINO,—Da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, o n.^o que completou o seu primeiro anniversario no dia 2 de Abril.

Enviamos as nossas felicitações á utilissima publicação, que tão bons serviços tem prestado á sua classe.

O *Rebate*, da Capital.»

«Recebemos o n. 5 da *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado.

Como sempre, variada, trazendo artigos sobre a instrucção publica, sobre literatura, a excellente publicação presta á nobre classe de educadores enorme e assignalado serviço.

O presente numero traz em sua pagina de honra os retratos dos illustres Deputados ao Congresso Paulista, coronel Carlos Porto, drs. A. Mercado e Candido Motta, que tanto se bateram na tribuna, a favor do ensino publico e contra o projecto do dr. Fontes Junior.

A *Revista* vai de vento em popa. Parabens.»

O *Tieté*.

«Recebemos tambem o n. 5 do segundo anno da esplendida *Revista de Ensino*, publicação da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Como sempre, a revista, util publicação que dia a dia prospera, of-

ferece bella e proveitosa leitura, formando volumoso fasciculo.

Na sua primeira pagina traz os retratos dos cidadãos coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, como homenagem pelos serviços prestados pelos mesmos á causa do ensino, na Camara dos Deputados.

Gratos pela vista.»

A Comarca, de Batataes.

«Recebemos o n.º 5 desta magnifica revista, incontestavelmente a melhor no seu genero que se publica no Brazil.

Estampa em sua pagina de honra os retratos dos drs. Candido Motta e Antonio Mercado e do coronel Carlos Porto, rendendo assim um preito de homenagem aos illustres defensores da instrucção publica do nosso Estado. O seu summario, como sempre, consta de bem lançados artigos sobre pedagogia e educação, poesias, hymnos escolares e bons trechos musicas. Agradecendo a gentileza da visita, retribuiremos.»

A Gazeta de Ribeirão Bonito.

«Mais um numero desta excellente revista pedagogica acaba de chegar-nos ás mãos.

Como sempre, o seu summario é esplendido.

O presente numero traz na sua pagina de honra os retratos dos illustres defensores da instrucção publica paulista, na Camara dos Deputados, drs. Candido Motta, Antonio Mercado e coronel Carlos Porto.

Gratos.»

Da Gazeta de Piracicaba.

«Sempre importante em seu texto, recebemos o n. 5 da *Revista de Ensino* do Professorado Publico de S. Paulo.

Traz em primeiro logar os retratos dos defensores da instrucção publica srs. coronel Carlos Porto, drs.

Antonio Mercado e Candido Motta. Gratos.»

O Progresso, de Itatiba.

«Tivemos o prazer de receber pela primeira vez a *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo. Em sua 1.ª pagina dá-nos os retratos dos prestantes cidadãos coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, como homenagem da Revista aos illustres defensores da Instrucção Publica Paulista na Camara dos Deputados.

Agradecemos a fineza de tão sympathica visita e aguardamo-nos para dizer algo da utilidade e do merito desta importante publicação na primeira oportunidade.

A Tribuna, de Jacarehy.

«Temos sobre a mesa o n. 5 da *Revista de Ensino*, publicada pela Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo. Estampa os retratos dos srs. coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta, que no Congresso do Estado se bateram brilhantemente em defesa dos interesses da instrucção publica.»

A Cidade de S. João.

«Sempre importante em seu texto, recebemos o n. 5 da *Revista de Ensino do Professorado Publico de S. Paulo*.

Traz em primeiro logar os retratos dos srs. coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta.

Agradecidos.»

A Tribuna, de Dois Corregos.

«REVISTA DE ENSINO.—Temos em mãos o n. 5 do corrente anno desta importantissima revista, que se publica em S. Paulo pela Associação Beneficente do Professorado Publico.

Traz uma pagina de honra com os retratos dos defensores da instrucção publica paulista, Coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta.

O Correio Cratense.

Recebemos o numero 5, correspondente ao corrente mez, desta importante revista, da qual é redactor-chefe o sr. Arnaldo de Oliveira Barreto.

Nada deixa a desejar, por qualquer lado que se considere, o numero que temos sobre a mesa.

Artigos originaes, e que chamam a attenção pelo assumpto de que tratam e pela forma por que são escriptos; algumas poesias bem inspiradas, traducções de trabalhos de grande valor scientifico, eis do que consta o numero da Revista que recebemos e agradecemos penhorados.»

A Tribuna do Norte.

«REVISTA DE ENSINO.—Recebemos e agradecemos o n. 5 desta utilissima publicação paulistana dirigida pelos incansaveis professores Arnaldo Barreto e João Pinto e Silva e outros.

O numero que temos em mão não desmerece dos outros, contendo produções interessantes relativas á nobre classe do professorado e leitura amena em prosa e verso, e musica.»

A Cidade do Amparo.

«REVISTA DE ENSINO.—Temos em mão o ultimo numero desta revista e agradecemos a amavel visita.

Como todos sabem, esta revista é da Associação do Professorado Publico, e basta isso para enaltecer o seu valor. Não necessitamos fazer uma apreciação, pois, só o nome dos seus collaboradores garantem a bôa e fina literatura.»

O Combatente.

REVISTA DE ENSINO.—Temos em

mãos o numero 5 da excellente *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico deste Estado, publicação subsidiada pelo governo.

O presente numero, como os demais, está excellente e cheio de artigos sobre educação e pedagogia.

As nossas felicitações aos seus redactores, por mais esse numero com que acabam de brindar a imprensa didactica do nosso paiz.»

O Mineirense, de Mineiros.

REVISTA DE ENSINO.—Terceiro numero do corrente anno, vem preñado de artigos instructivos e produções literarias de alto merecimento.

Nossos bravos aos seus incançaveis redactores, que nada poupam em favor da instrucção publica.»

O Taubateano.

«REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 5 dessa excellente revista, publicada pela Associação Beneficente do Professorado de S. Paulo.

Traz um summario importantissimo em materia de ensino, e uma parte de literatura infantil firmada por distinctos professores deste Estado.

Gratos pela remessa.

O S. João da Bocaina.

REVISTA DE ENSINO.—*Da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*, n. 4, correspondente a Outubro corrente. Illustram-na os retratos de Santos Dumont e dr. Antonio Caetano de Campos. Bom summario.»

A Gazeta do Rio Novo, de Minas.

«REVISTA DE ENSINO.—Temos recebido regularmente os ultimos numeros desta esplendida Revista, que se publica na capital do Estado, sob a direcção dos prefectos educa-

dores professores Arnaldo Barreto e João Pinto, com a collaboração brilhante de outros não menos illustres professores.

E' uma publicação que honra o nosso Estado e dá uma prova do grau de adeantamento em que está entre nós a instrução publica.

Gratos pela visita».

A Patria, de Lorena.

« O n. 4 da *Revista de Ensino*, publicação bi-mestral, subsidiada pelo governo do Estado.

Na primeira pagina dá o retrato de Santos Dumont, e nas demais substanciosos artigos sobre questões geraes, pedagogia pratica, literatura infantil etc. »

A Folha, de Caçapava.

« O n. 4 da *Revista de ensino* do Professorado Publico de S. Paulo, editada na typographia do *Diario Official*, sob a direcção de Arnaldo Oliveira Barreto e gerencia de João Pinto e Silva.

Traz na sua primeira pagina o retrato do eminente brasileiro Santos Dumont.

Bons artigos—poesias, musicas, literatura, arte e desenvolvido noticiario. Não se pode desejar melhor.»

O Palmeirense, de Santa Cruz das Palmeiras.

« REVISTA DE ENSINO.—Recebemos os ns. 3 e 4 desta primorosa publicação da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo, em cujas paginas se encontram valiosos subsidios ás questões do ensino, como já temos tido occasião de assinalar.

Honramos a nossa edição de hoje com o interessante artigo do n. 3 dessa Revista, intitulado—O valor dos exames

Abre o n. 4 com uma homenagem ao famoso areonauta brasileiro Santos Dumont, cujo retrato estampa

acompanhado de um bello hymno»

O Avante, do Maranhão.

« REVISTA DE ENSINO.—Temos em mãos o n. 5 da apreciada *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado. E' bem impressa e traz escriptos rutilantes.

Gratos».

O Porvir, de Pindamonhangaba.

« REVISTA DE ENSINO.—Pela 2.^a vez recebemos esta illustrada collega publicada pela Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

O presente exemplar traz excellentes artigos scientificos e o retrato do aeronauta brasileiro dr. Alberto dos Santos Dumont ».

A Folha da Aparecida.

« REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o numero 3 do 2.^o anno (correspondente ao corrente mez de Agosto) desta excellente Revista publicada pela Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo. Forma um volume de mais de 100 paginas, todas occupadas por trabalhos literarios e de grande valor.

Agradecemos».

A Tribuna do Norte, de Pindamonhangaba.

«Temos á vista o ultimo numero da *Revista de Ensino*, publicação bi-mestral subsidiada pelo governo do Estado.

O summario do presente numero é opulento e interessantissimo e as produções dos srs. H. Scrosoppi, Ferriani, A. Bresser, Macedo Soares e muitos outros, merecem a mais attenta leitura.

Muito gratos pela remessa».

A Gazeta de Ribeirão Bonito.

« O n. 5, 2.^o anno, da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo,

utilissima publicação que tem como redactor o illustrado educador Arnaldo de Oliveira Barreto.

Este exemplar, como os demais recebidos, contém mais de 100 paginas occupadas com luminosos artigos pedagogicos, de conhecimentos da vida pratica, literarios, etc., firmados por habeis pennas».

O Correio do Sertão.

« REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 4, do 2.^o anno desta importante revista pedagogica que reaes serviços vem prestando á instrução do nosso Estado.

Além de um bom retrato do Santos Dumont, o dominador dos ares, traz a *Revista* o do saudoso mestre, Dr. Caetano de Campos, fallecido ha 12 annos, e vem repleta de excellentes artigos e tres hymnos com as competentes musicas.

E' um numero excellente.

O Bananal.

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 3 desta importante revista, que se publica em S. Paulo.

Gratos».

O Tempo, de Faxina.

« *Revista* dos Professores do Estado de S. Paulo» um trabalho de merito cujo valor não se descreve em duas linhas; devotado ao mais puro e sacrosanto trabalho—a Instrução para que nada lhe faltasse aos direitos conquistados em sua gloriosa existencia, estampa em uma de suas primeiras paginas o retrato do grande brasileiro Santos Dumont.

O Progresso, de Pernambuco.

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos e agradecemos o 3.^o numero do 2.^o anno desta utilissima publicação da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Como sempre, está repleto de artigos uteis e agradaveis».

Cidade de Tatuhy.

«Recebemos o n. 4 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Traz muitos escriptos literarios, de utilidade publica e diversos hymnos escolares.

Agradecemos».

A Cidade de Santos.

«REVISTA DE ENSINO»—«Chegou-nos ás mãos o n. 4 dessa importante revista que se publica em S. Paulo, sob a illustrada e competente direcção do sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, auxiliado por diversos companheiros

A *Revista*, que a qualquer outra no genero, se avanta, é uma excellente publicação, que relevantes serviços vai prestando ao professorado do adeantado Estado de S. Paulo

Gratos pela permuta».

A Cruzada, de Abre-Campo.

«A *Revista* de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado, redigida pelo nosso illustrado amigo, Professor Arnaldo de Oliveira Barreto.

O n. que recebemos é correspondente ao corrente mez e estampa em sua 1.^a pag. o retrato do nosso illustre compatriota, o rei dos ares, Dr. Alberto Santos Dumont, acompanhado duma bellissima poesia offerecida ao arrojado areonauta pelo intelligente professor F. Mendes Vianna.»

O Municipio, de Lorena.

«Recebemos o numero 4 da *Revista de Ensino*, que, além de outros variados e interessantes trabalhos, traz um artigo sobre o projecto Fontes, artigo que transcreveremos no proximo numero.»

O Correio Brotense.

«REVISTA DE ENSINO»—«Temos o prazer de registrar a nova visita desta nossa distincta collega da Associação Beneficente do Professorado de S. Paulo, em seu numero 5.

Está, como os anteriores, simplesmente brilhante. Summario variado e interessantissimo; conquistando, cada vez que vem á luz, mais uma bella victoria.

Parabens aos seus sympathicos redactores e nossos agradecimentos pela honrosa visita.»

O *Izabelense*.

«REVISTA DE ENSINO»—«Temos sobre nossa meza de trabalho esta utilissima publicação da Associação Beneficente do Professorado Publico da capital.

Genuino repertorio de conhecimentos instructivos, a illustrada collega, como nos seus demais exemplares, vem cheia e variada de assumptos que muito interessam a classe do professorado.

Muito gratos pela visita honrosa.»

A *Cidade de Bebedouro*.

«REVISTA DE ENSINO»—«Recebemos o n. 5 desta apreciadissima revista que se publica em S. Paulo.

E' uma revista bi-mestral e traz sempre excellentes artigos literarios e scientificos.

Fazemos sinceros votos pela sua crescente prosperidade.»

A *Gazeta de Capivary*.

«Mais um precioso numero da util *Revista de Ensino*, repleta de substanciosos artigos sobre instrucção publica, acaba de nos chegar á mão.»

A *Cidade de Bragança*.

«*Revista de Ensino*—Mais um numero temos sobre a mesa, da *Revista de Ensino*, da «Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo».

Com um summario magnifico, firmado por pennas amestradas, traz a *Revista de Ensino* os hymnos: *Canção*, musica de Antonio Carlos e letra de R. Puiggari; *Emilio Mario*, musica do professor José Carlos Dias e letra de J. Bittencourt e *A Abelha*, musica de João Gomes Junior e letra de Hilario Ribeiro.

Gratos.»

O *Município*, de Vassouras.

«Tambem recebemos o 5.º n. da importante *Revista de Ensino* da Associação de Beneficencia do Professorado Publico de S. Paulo.

Como em os ns. anteriores, traz excellentes artigos sobre varios assumptos de interesse publico e do proprio magisterio, bem como algumas peças de musica e varias poesias de merecimento.

Muito gratos.»

O *Mensageiro*, da Aparecida.

«Com um bonito summario e illustrado com o retrato do glorioso aeronauta brasileiro, dr. Alberto Santos Dumont, visitou-nos o numero 4 da *Revista de Ensino*.

Agradecidos.»

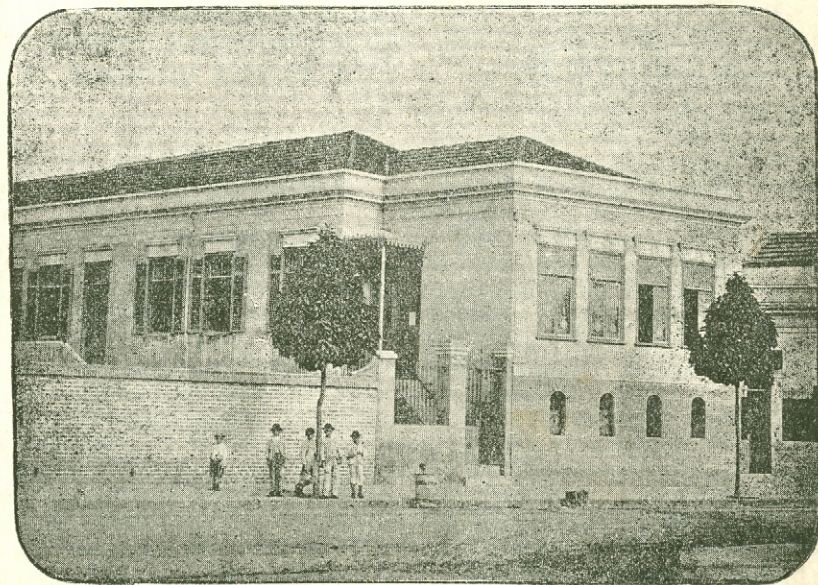
O *Santa Ritense*.

«Recebemos e agradecemos o numero 3 do II anno da *Revista de Ensino*, organo do professorado publico do Estado.

Traz, como sempre, bons artigos sobre pedagogia, collaboração scientifica variada.»

A *Gazeta do Pinhal*.

OS NOSSOS EDIFICIOS ESCOLARES



GRUPO ESCOLAR DA BARRA FUNDA

Este grupo foi creado pelo decreto de 10 de Março de 1903.

E' a antiga secção masculina do grupo escolar de Santa Ephigenia, a que se juntou uma secção feminina, mudando-se-lhe o nome para o de grupo escolar da Barra-Funda, por ter passado a funcionar na rua da Barra-Funda ns. 9 e 11.

O edificio contem 10 salas de aula,

um gabinete do director e uma sala para a reunião dos professores.

As áreas dos dois recreios medem 50^m por 30^m, cada um.

Durante o anno passado a matricula neste estabelecimento foi de 360 alumnos, sendo 154 para a secção feminina e 206 para a masculina.

O corpo docente acha-se assim distribuido:

SECÇÃO MASCULINA

1.º anno A — D. Guilhermina Gomes da Silva.

1.º anno B — D. Almerinda Berlinek.

2.º anno — D. Alice Avila de Macedo.

3.º anno — Sr. Abilio Marques.

4.º anno — Sr. Antonio P. Machado Junior.

5.º anno — Sr. Francisco A. Maciel.

SECÇÃO FEMININA

1.º anno A — D. Rita da Cunha Bueno e d. Maria C. da Motta.

1.º anno B — D. Noemia Pinto Veiga.

2.º anno — D. Isolina Camara de Oliveira.

3.º anno — D. Senhorinha A. de Oliveira.

Dirige este grupo escolar o nosso distincto collega sr. Antonio Penna, que é auxiliado pelo professor Anibal Francisco Caldas.

O corpo de empregados é o seguinte:

Porteiro — José Maria B. Ferreira;

Serventes — Benedicto Villela e d.

Felicidade de Castro;

Guardião do predio — Maximo Luiz de Castro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Relatorio apresentado em Assembléa Geral Ordinaria, em 24 de Janeiro de 1904.

SENHORES CONSOCIOS:

Cumprindo o disposto no § 6º do art. 19 dos nossos Estatutos, venho relatar-vos o movimento que teve a nossa Associação durante o anno findo de 1903.

Continúa em franca prosperidade a nossa aggremação, tendo a Directoria executado com firmeza as disposições estatuaes.

Em referencia aos interesses do ensino e do professorado publico do Estado, não descurámos de intervir dentro do possivel, tendo sido nomeada uma commissão composta dos professores: Dr. Oscar Thompson, Arnaldo Barreto, Alfredo Bresser e Romão Puiggari para que empregasse seus esforços no sentido de não ir por deante o projecto de reforma da instrucção publica que ultimamente foi discutido na Camara dos Srs. Deputados.

Aos nossos collega: do Interior e da Capital, dirigimos uma circular em que se recommendou que confiassem nas providencias tomadas e se abstivessem de quaesquer manifestações capazes de perturbarem o bom

andamento dos esforços que empregava a commissão encarregada de agir em tal assumpto.

Tratámos da organização de um novo programma de ensino para as nossas escolas publicas, sendo para isso nomeada uma commissão, que se compoz do Redactor-Chefe da «Revista de Ensino» e de seus auxiliares.

Em obediencia ao que foi resolvido em Assembléa Geral do anno transacto, convidámos a commissão reformadora dos nossos Estatutos para reunir-se e elaborar o respectivo projecto, que será apresentado á vossa consideração.

Temos a satisfação de assignalar que o trabalho apresentado é digno de todo o encomio e aos membros da Commissão consignamos um voto de louvor pelo excellentes desempenho que deram á sua incumbencia.

Pela Directoria foi lembrada a reduccão das mensalidades dos socios, e, nesse sentido, deverá ser apresentada uma proposta para que a Assembléa Geral resolva a respeito de tal objecto.

Foram acceitas as propostas seguintes, que a Directoria julgou importantes: da «Pharmacia Assis», relativa a fornecimentos de medicamentos aos associados, com reduccão de 20 %; dos Drs. Roberto Gomes Caldas e Aristides de Campos Seabra, sobre serviços clinicos, nas mesmas condições prestadas pelo Sr. Dr.

Carlos Meyer; dos cirurgiões dentistas Eugenio Cordeiro de Salles, Antonio Cardoso e Italo Apinardi, para serviços odontológicos, com o abatimento de 50 %, sobre os preços estabelecidos com relação ao primeiro, e com a redução de 20 % em referência aos últimos proponentes.

Effectuaram-se durante o anno dez sessões ordinarias (da 25.^a a 34.^a) e cinco extraordinarias (da 16.^a a 20.^a).

Não se realizou em Abril uma sessão ordinaria, por falta de materia para o expediente.

Os auxilios prestados foram em numero de quinze e attingiram á cifra de Rs. 3:851\$400, além da importancia de Rs. 660\$000 relativa a uma pensão de 60\$000, dada mensalmente, desde Fevereiro, á viuva de um nosso consocio.

Durante o anno tivemos a desventura de perder, por motivo de fallecimento, os estimados consocios, professores João José de Araujo, Sebastião Ferreira de Sant'Anna e Pheippe Pedro Laborde Auras e o Dr. Cesar Gabriel de Freitas, medico da nossa Associação.

Em acta das sessões da Directoria foi consignado um voto de pezar pelo fallecimento desses dignos consocios.

O quadro social consta presentemente de 403 membros, assim distribuidos:

Socios do Interior 256, e da Capital 147.

Durante o anno foram eliminados 96 socios.

Conforme vereis pelos annexos que acompanham este Relatorio e que foram organizados pelo nosso digno Thesoureiro, a receita ascendeu a Rs. 92:584\$420 e a despesa a Rs. 80:525\$934 havendo um saldo em dinheiro de Rs. 12:060\$486.

O fundo social elevou-se a Rs. 31:471\$486 assim distribuidos: em «Letras a receber» Rs. 17:750\$000; em «Moveis e utensilios» Rs. 1:611\$,

em deposito na «Companhia de Gaz» Rs. 50\$000 e em dinheiro Rs. 12:060\$486.

E' sem duvida animador o estado economico da nossa Associação que, tendo de attender a muitas despesas augmentadas pelo desenvolvimento attingido, apresenta os seus compromissos solvidos em dia, e um saldo bem apreciavel que passa para o proximo anno.

A Bibliotheca continua a prosperar, constando actualmente de 278 volumes.

A nossa Revista continua a ser publicada regularmente, prestando assim relevantes serviços ao ensino.

Os mais francos elogios têm sido feitos a essa publicação por pessoas insuspeitas e que acompanham com interesse a marcha progressiva que a ella tem sido dada.

Consignando aqui essa apreciação, o fazemos prestando os nossos louvores ao dedicado esforço e desinteresse dos dignos Chefe da Redacção, seus auxiliares e colaboradores.

Antes de terminar, não podemos deixar de assignalar merecido voto de louvor a que fizeram jús os dignos collegas de Directoria, delegados municipaes e mordomas, que sempre se houveram com a maxima dedicação á causa do ensino e dos interesses sociaes.

São dignos do nosso reconhecimento pelo desempenho que deram a seus cargos os Srs. Zelador, Procurador e Escripturnario da Caixa.

Confiança sempre no aphorismo—a união faz a força—podemos concluir o nosso trabalho, certo de que a Associação continuará a sua senda brilhante para a elevação do ensino e do professorado publico do nosso glorioso Estado de São Paulo.

O Presidente,

FERNANDO M. BONILHA JUNIOR.

I Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de São Paulo

BALANÇETE DO 4.º TRIMESTRE DE 1903 — DE OUTUBRO A DEZEMBRO

RECEITA	DESEPEZA
Saldo do trimestre anterior	
Letras a receber:	
Resgatadas:	
Em Outubro	3:084\$000
» Novembro	3:394\$500
» Dezembro	8:274\$500
Juros e descontos:	15:353\$000
Recebidos:	
Em Outubro	255\$600
» Novembro	180\$000
» Dezembro	950\$000
Jóias e Mansalidades:	
Recebidas:	
Em Outubro	180\$000
» Novembro	2 7\$200
» Dezembro	124\$000
Revista de Ensino:	
Recebido de assignaturas	54\$000
Diplomas:	102\$000
Vendidos	181\$100
Somma	1:060\$700
Saldo do trimestre anterior	
Letras a receber:	
Descontadas:	
Em Outubro	
» Novembro	
» Dezembro	
Auxilios:	
Em medico e pharmacia	
» pensão a viuva	
» dinheiro	
Revista de Ensino:	
Dispendido	
Despesas geraes:	
Pago ao escripturario	
» zelador	
» cobrador	
» porte mensalidades vindas do interior	
» consumo de gaz	
» sellos para correspondencia	
» diversas despesas	
Saldo:	
Dinheiro em caixa	
Somma	30:468\$786

S. E. ou O.

São Paulo, 31 de Dezembro de 1903.

O Presidente:

FERNANDO M. BONILHA JUNIOR

O Thesoureiro

LUIZ CARDOSO FRANCO

II
Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de São Paulo
BALANCETE GERAL DO ANNO DE 1903.—DE 18 DE JANEIRO A 31 DE DEZEMBRO

RECEITA		DESEPEZA	
Saldo do anno anterior.	6:988\$620	Letras a receber:	50:405\$250
Letras a receber:		Descontadas	1:560\$350
Resgatadas	44:659\$500	Revista do ensino:	
Juros e descontos:		Despendido	831\$400
Recebidos	1:322\$100	Auxilios:	664\$1000
Jóias e mensalidades:		Em medico e pharmacia	2:420\$000
Recebidas	188:10\$000	> pensão a viúva	6:048\$100
Revista de Ensino:		> Dinheiro	
Recebido de assignaturas	894\$000	> luto	
Diplomas,		Diplomas:	500\$000
Vendidos	132\$000	Pago por 1.000 diplomas.	17:750\$000
Restituidos:		Diversos devedores:	
Auxilios:	490\$000	A receber.	
Despesas geraes:	165\$400	Movéis e utensilios:	
Recebido de protestos de letras.		Existentes	1:122\$800
Diversos devedores:		Adquiridos	483\$200
De letras a vencer-se:	15:572\$000	Deposito	
> vencidas	1:028\$000	Companhia de gaz:	
< vales	850\$000	Despesas geraes:	
Movéis e utensilios:		Pago a empregados:	1:270\$000
Valor dos existentes		> ao cobrador	855\$310
Companhia de gaz:		> porte das mensalidades vindas do Interior.	338\$514
Dinheiro em deposito:		Pagos sellos para correspondencia	290\$000
Somma	92:84\$120	> protestos de letras,	253\$720
		> por dois ventiladores	163\$450
		> consumo de gaz	93\$800
		> diversas despezas	873\$350
		Saldo:	
		Dinheiro em caixa	41:45\$984
		Somma.	12:060\$486
			92:554\$420

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1903.

O Presidente, FERNANDO M. BONILHA JUNIOR

O Conselho Fiscal da Associação Beneficente do Pro- e é, por isso, de parecer que sejam os mesmos approvados. fessorado Publico, tendo examinado o balante annual e o do S. Paulo, 22 de Janeiro de 1904.—BENEDITO GAL- ultimo trimestre de 1903, apresentados pelo seu Thesou- vão.—João CHRISOFRONO B. R. JUNIOR.—ANTONIO PENNA. reiro, achou-os de accordo com a escripturação dasociedade.—João BAPTISTA DE BRITO.

S. E. O. O.

O Thesoureiro, LUIZ CARDOSO FRANCO

IV

Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo

MOVIMENTO GERAL DA CONTA DE «LETRAS A RECEBER»—EM 1903

LETRAS RESGATADAS		LETRAS DESCONTADAS	
1.º TRIMESTRE		1.º TRIMESTRE	
Janeiro	1:125\$000	Janeiro	1:340\$000
Fevereiro	1:455\$500	Fevereiro	2:023\$000
Março	2:320\$000	Março	1:850\$000
2.º TRIMESTRE		2.º TRIMESTRE	
Abril	2:160\$500	Abril	4:568\$000
Maió	4:902\$000	Maió	6:624\$000
Junho	5:100\$000	Junho	7:376\$250
3.º TRIMESTRE		3.º TRIMESTRE	
Julho	3:770\$000	Julho	4:554\$000
Agosto	4:714\$000	Agosto	3:453\$000
Setembro	4:409\$500	Setembro	3:264\$000
4.º TRIMESTRE		4.º TRIMESTRE	
Outubro	4:081\$500	Outubro	3:084\$000
Novembro	2:448\$000	Novembro	3:994\$500
Dezembro	8:203\$500	Dezembro	8:274\$500
Descontadas a mais.	5:715\$750		
Somma	50:405\$250	Somma	50:405\$250

PATRIMONIO SOCIAL EM 1903

Em letras a receber	17:750\$000
> movéis e utensilios	1:611\$000
> Deposito na Companhia do Gaz.	50\$000
> Dinheiro em caixa	12:060\$486
Somma	31:471\$486

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1903.

O Presidente,
FERNANDO M. BONILHA JUNIORO Thesoureiro,
LUIZ CARDOSO FRANCO

V

Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de São Paulo

LETRAS A VENCER-SE NO ANNO DE 1904

MEZES	IMPORTANCIA
Janeiro	3:128\$000
Fevereiro	2:551\$000
Março	3:475\$500
Abril	2:624\$500
Maió	1:377\$500
Junho	1:708\$000
Julho	300\$000
Agosto	200\$000
Setembro	150\$000
Outubro	107\$500
Novembro	50\$000
Dezembro	200\$000
Somma Rs.	15:872\$000

RESUMO

LETRAS A RECEBER:	
A vencer-se	15:872\$000
Vencidas e não resgatadas	1:028\$000
Vales vencidos não resgatados	850\$000
Somma Rs.	17:750\$000

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1903.

O Presidente,
FERNANDO M. BONILHA JUNIOR.

O Thesoureiro,
LUIZ CARDOSO FRANCO.

VI

Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo

INVENTARIO DOS «MOVEIS E UTENSILIOS» EXISTENTES NA SÉDE EM 1903

QUANTIDADE	DESCRIMINAÇÃO DOS MOVEIS E MAIS UTENSILIOS	VALOR
1	Armario duplo	100\$000
4	Armarios grandes	260\$000
1	Armario pequeno	25\$000
4	Bouvardes, 1 tesoura e 1 mala	20\$000
1	Bandaira e mastro	65\$000
8	Bicos incandecentes completos	50\$000
2	Bandejas	8\$000
1	Bacia	3\$000
1	Balde	4\$000
24	Cadeiras austriacas	280\$000
12	Chicaras	10\$000
11	Colherinhas	5\$000
4	Copos	4\$000
2	Cabides	10\$000
1	Caixa de madeira	14\$000
1	Caixa para cartas	5\$000
2	Cestas para papeis	7\$000
—	Diversos livros	25\$000
2	Estantes	50\$000
4	Escarradeiras	12\$000
1	Escova	3\$000
1	Fogão de gaz	20\$000
1	Lavatorio e pertences	30\$000
2	Mesas grandes	240\$000
1	Mesa pequena	65\$000
1	Mesa de ferro	15\$000
1	Machinas para café	10\$000
1	Prensa para copiador	25\$000
2	Porta-canetas de bronze e 1 peso de papel	10\$000
5	Pastas	25\$000
1	Quadros com photographia	42\$000
1	Relogio de parede	50\$000
2	Regoas	5\$000
4	Sanefas para reposteiro	100\$000
3	Tinteiros	10\$000
1	Vassoura de cabellos	4\$000
	Somma	1:611\$000

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1903.

O Presidente,
FERNANDO M. BONILHA JUNIOR.

O Thesoureiro,
LUIZ CARDOSO FRANCO.

POSTO MEDICO

São medicos da Associação:

DR. CARLOS MEYER

É encontrado em sua residencia, á rua Amaral Gurgel, 16 (villa Buarque), todos os dias, até ás 9 horas da manhã.

O dr. Meyer promptifica-se a fazer visitas diurnas ás familias dos associados, na Capital, pelo preço de 5\$000.

DR. ARISTIDES DE CAMPOS SEABRA

Consultorio: rua de S. Bento.

Residencia: rua Barão de Itapeitinga, n. 71.

Dá consultas nas mesmas condições que o dr. Carlos Meyer.

DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO

Residencia: rua Victoria, 157. (Pharmacia da Fé).

Dá gratuitamente consulta aos associados.

DR. ROBERTO GOMES CALDAS

Residencia: rua de S. Bento, 38.

Dá consultas aos associados e faz visitas diurnas ás suas familias, pelo preço de 5\$000.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %:

Pharmacia de Santa Thereza, de IGNACIO PUIGGARI, á rua Santa Thereza, n. 9.

Pharmacia e Drogaria, de JOÃO DOS SANTOS & COMP., á rua de S. Bento, n. 56.

Pharmacia Assis, de C. DE ASSIS RIBEIRO, á rua 15 de Novembro, n. 1.

CIRURGIÕES DENTISTAS

O *cirurgião dentista*, sr. JAYME TEIXEIRA, presta aos associados os serviços de sua profissão, fazendo abatimento nos preços e com a facilidade de serem os respectivos pagamentos feitos em prestações mensaes.

Gabinete e residencia: rua General Jardim, n. 73, canto da rua Cesario Motta.

CONSULTAS: das 8 ás 10 horas da manhã, e das 11 ás 5 horas da tarde.

Os *cirurgiões dentistas* ITALO SPINARDI e ANTONIO CARDOSO prestam aos srs. associados e ás suas exmas. familias os seus serviços profissionaes, fazendo a redução de 20 % sobre os preços.

Gabinete: ladeira dr. Falcão n. 13.

O *cirurgião dentista* EMYGDIO CORDEIRO DE SALLES presta aos associados e suas exmas. familias os serviços de sua profissão, fazendo o tratamento das molestias boccaes, extracção e limpeza de dentes gratuitamente e cobrando, nos trabalhos de próthese dentaria, os preços constantes da tabella abaixo, com o abatimento de 50 %:

Obturação a granito, platina etc.	10\$000
Restauração a ouro.	60\$000
Ourificação	25\$000
Pivot	50\$000
« sobre pontes	60\$000
Corôa de ouro	60\$000
» de platina	45\$000
» ligada sobre pivot	70\$000
Dente inteiriço de ouro	80\$000

Dentadura de vulcanite (cada dente)	10\$000
Dentadura de vulcanite, justa posição	15\$000
Dentadura de vulcanite, ouro (cada dente)	25\$000
Dentadura de vulcanite, ouro justa-posição	30\$000
Anel de segurança	25\$000

Gabinete: rua Quintino Bocayuva, n. 8 A.

TERRENOS NO YPIRANGA

Acham-se na Secretaria da Sociedade os recibos das futuras prestações.

Os sorteios mensaes de bonificação têm sido effectuados regularmente

te desde Março, mez em que ultimou o prazo para as inscrições.

Nos quatro sorteios já realizados e relativos aos mezes de Março, Abril, Maio, Junho, Julho e Agosto, foram premiados os numeros: 294, pertencente ao sr. dr. Fructuoso Pinto da Silva; 210 pertencente ao sr. Angelo Fracalanza; 286, pertencente ao sr. Arthur Soares; 13, do sr. Pedro Gandolfi; o do Commendador Bernardino José Dias, e o do dr. Manoel Gonçalves Theodoro.

Os lotes sorteados tinham os numeros 146, 199, 291, 497, 406 e 185.

Para quaesquer informações, os interessados podem dirigir-se ao sr. Gabriel Ortiz, 1.º secretario.

NOTICIARIO

Transcrições

Muito desvanecida, a *Revista de Ensino* vê, dia a dia, artigos publicados em suas columnas serem transcritos por seus distinctos confrades de imprensa. Isso que, para todos nós, tem a significação de um estímulo, é a maior recompensa aos modestos esforços dos que aqui labutam e que visam realizar unicamente este escopo: elevar moralmente a classe tão desprestigiada do professorado publico.

A todos, os protestos sinceros do nosso agradecimento.

A *Comarca*, de Mogy-mirim, transcrevendo integralmente o nosso artigo de fundo, estampou na sua primeira pagina os retratos dos intemeratos defensores da instrucção publica na Camara dos Deputados: Coronel Carlos Porto, drs. Antonio Mercado e Candido Motta.

O *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba, transcreveu o artigo *O dever*, do nosso collega Benedicto Martins, e a *Fabula de La Fontaine*, da lavra do nosso companheiro René Barreto.

Contamos ainda as seguintes transcrições: da poesia *A Instrucção e a Humanidade*, de Pedro de Mello, pelo *Imparcial*, de Sertãozinho; da poesia *A vida é a luz*, de Octaviano de Mello, pelo *Correio de S. Carlos*; do soneto *Os pequeninos*, de René Barreto, pelo *Araraquara*; da poesia *A modestia*, de R. Puiggari, pelo *Guarará*, de Minas, e do artigo *O valor dos exames*, pelo *Avante!*, de S. Luiz do Maranhão.

Julio de Almeida

Falleceu, em Caçapava, este nosso prezado consocio.

E' mais um dos nossos companheiros que cai victimado pela lei fatal e inexoravel da morte. A nossa directoria inseriu, por este facto, na acta de suas sessões, um voto de pesar, e nós enviamos sinceras condolencias á exma. familia do finado. E' a seguinte a fé de officio de Julio de Almeida, encontrada n'O *Povo*, de Caçapava:

« O professor Julio de Almeida nasceu em Pindamonhangaba a 3 de Dezembro de 1866, contando, pois, 37 annos de idade quando falleceu.

Era filho legitimo de Manoel Cesar de Almeida e d. Josepha de Almeida, que envidaram esforços para lhe proporecionar os meios precisos para obter a almejada carta de professor normalista.

De facto, após um curso brilhante, foi diplomado professor pela Escola Normal de S. Paulo, a 25 de Novembro de 1889.

Foi nomeado no anno immediato, por decreto de 27 de Janeiro, referendado pelo então governador do Estado, dr. Prudente de Moraes, para reger uma das cadeiras preliminares de Belém do Descalvado.

Em 9 de Novembro de 1895 foi pelo presidente do Estado dessa época, dr. Bernardino de Campos, removido para esta cidade, onde reger até o dia de seu passamento a primeira cadeira preliminar, havendo, portanto, trabalhado em prol da

instrucção 13 annos, dos quaes 9 nesta cidade, que por isso muito lhe fica devendo.

O extincto era casado com d. Amelia Assis de Almeida, de cujo consorcio deixou 2 filhos—Manoel de 2 annos de idade, e Melchiades de anno e meio. »

Publicações

Revista Agricola, Nova Cruzada e *A Voz Maternal*, da capital; *O Intransigente*, de Casa Branca; *O Trabalho*, de Jacarehy; *O Porvir* e *A Lva*, de Pindamonhangaba; *O Mimo*, de Guaratinguetá; *O Caixeiro*, de Taubaté; *O Pitangueirense*; *Os Novos*, de Campinas; *O Municipio*, de São Manoel do Paraizo; *O São Paulo dos Agudos*; *A Fé Christã*, de Penedo; *O Bohemio*, de Belém do Pará; *O Porvir*, de Curvello; *Sírius*, de Ouro Preto; e *Revista do Centro Literario Militar da Escola Preparatoria e de Tactica do Realengo*, do Rio de Janeiro.

Relatorios. — Accusamos recebidos os relatorios apresentados ao digno Secretario do Interior pelos distinctos professores D. Eunice Caldas, directora do Grupo escolar «Dr. Ceazario Bastos» em Santos, e Emilio Mario Arantes, inspector escolar.

Muito gratos.

Boas festas

Agradecemos e retribuimos as boas festas que nos enviaram muitos de nossos dignos consocios e leitores.

Exposição Artistica

De Pelotas nos foi enviado o catalogo da Exposição Artistica promovida naquella cidade pela Bibliotheca Publica Pelotense, bello certamente que attesta o gráu artistico a que attingiu a *élite* daquelle punhado de rio-grandenses.

Agradecidos.

Mario de Souza.

Ha poucos dias, os jornaes desta capital noticiaram a suspensão do professor Mario de Souza, auxiliar do director do Grupo Escolar do Sul da Sé, por motivo de desrespeito a seu superior hierarchico.

Procurando informar-nos do facto, soubemos que o que se déra fôra o seguinte:

Procedia-se ao exame dos alumnos da escola regida pela senhora do professor Mario de Souza. Na occasião de lavar-se a acta, este professor, na qualidade de simples espectador, procurou intervir-lhe na redacção, no que não consentiu o inspector escolar, sr. José Monteiro Boanova, originando d'ahi uma ligeira discussão, que outras consequencias não teve.

O sr. Boanova, porém, julgou-se desautorado e levou o facto ao conhecimento do Governo, que logo se apressou em mandar suspender o sr. Mario de Souza.

A simples exposição do facto já basta para mostrar-nos a injustiça e a illegalidade desse acto.

Injustiça, porque ninguem, por mais amante que seja da disciplina, poderá vêr no proceder de Mario de Souza, um desrespeito a seu superior hierarchico. Na escola de sua senhora, Mario de Souza era um simples cidadão, não era um funcionario e não tinha, portanto, superior hierarchico a quem pudesse desobedecer.

Si, como particular, sua presença se tornára inconveniente (o que absolutamente não nos compete discutir), o inspector escolar devia obrigar-o a retirar-se, reclamando até o auxilio da policia, si preciso fôsse.

Mas, applicar-se-lhe por esse motivo, a pena de suspensão, uma pena disciplinar, a que só os funcionarios estão sujeitos, e isso mediante processo, é um notavel contrasenso. Será obrigar-nos a representar o papel

daquelle sujeito, que, no brinquedo do *mentes-tú*, ao dirigir-se ao chefe de sua repartição, respeitosa e dizia: *mente v. exa.*

Além disso, o acto alludido se reveste de illegallidade, porque a Mario de Souza até o direito de defesa foi negado.

Antigamente, factos, como este, nos revoltavam; hoje, apenas, nos entristecem.

Ha pouco arrancaram-nos o pão, a nós e a nossos filhos; e consentimos nisso resignados.

Agora procuram manchar-nos a dignidade, applicando nos castigos, que absolutamente não merecemos. E consentiremos nisso tambem.

Porque em nossa alma, outr'ora tão forte e tão tersa, ja se apagaram todas as energias.

Presentemente, só olhamos para o porvir, a espera de outros dias melhores, menos sombrios e de mais justiça.

Valha-nos, ao menos, a esperança!

Garotadas.

O noticiarista da *Tribuna Popular*, de Itapeteninga, desmentindo a costumada delicadeza daquelle gazeta, num estylo chulo e magnificamente incorrecto, aggreuiu a nossa associação, numa série de periodos que, ingenuamente, julgou engraçados, quando não passaram de agarotados.

Neste terreno, tenha paciencia o distincto collega, não o acompanharemos. Póde, pois, continuar à vontade que não nos incommodará.

Elogio merecido.

Do *Correio Paulistano* de 27 de Novembro, transcrevemos as linhas abaixo, que muito honram o nosso distincto collega sr. Antonio Penna:

GRUPO ESCOLAR DA BARRA FUNDA.—Encerraram-se hontem os trabalhos deste grupo com uma festa brilhantissima e que attestou de modo cabal

o rapido progresso dos alumnos desse bem dirigido estabelecimento de ensino.

A sessão do encerramento foi presidida pelo sr. dr. Bento Bueno, secretario do Interior e da Justiça, que, antes de retirar-se, registou no livro dos visitantes as mais elogiosas referencias ao corpo docente do Grupo Escolar da Barra Funda.

Em uma *nota* publicamos textualmente a impressão do sr. dr. Bento Bueno.

« Assistiu hontem ao encerramento dos trabalhos do Grupo Escolar da Barra Funda, o sr. secretario do Interior, e ao retirar-se deixou escripto no livro de visitas o seguinte:

« O aproveitamento dos alumnos deste grupo (o mais novo da capital e um dos mais modestamente instalados) prova cabalmente que S. Paulo já muito deve á presente organização do ensino official, que é talvez o seu mais bello padrão de gloria.

Como secretario do Interior e como paulista que crê sinceramente na instrução publica leiga, gratuita e obrigatoria, congratulo-me com o sr. director e com os seus dignos auxiliares, fazendo votos para que os poderes do Estado jámais repudiem essa grande obra da Republica em S. Paulo, a qual só será completa com a maxima diffusão do ensino e com o maximo prestigio aos bons professores. »

Actos officiaes.

NOVEMBRO.—*Dia 25.*—Declarou-se ao director do Grupo Escolar do Bananal que não houve engano por parte do Thesouro ordenando o pagamento á razão de 1:400\$000 annuaes ao substituto Franklin Tressoldi, visto como os substitutos percebem as gratificações que perdem os substituidos, e, estando o mesmo cidadão substituindo uma professora de concurso, deverá receber men-

salmente 166\$666, que é quanto perde aquella professora.

Dia 26.—Declarou-se ao director do Grupo Escolar da Barra Funda que não póde conferir diplomas de habilitação no concurso preliminar aos alumnos do 4.º anno, e que deve funcionar o 5.º anno, embora com pequeno numero de alumnos, de accôrdo com o que determina o artigo 57 do regulamento de 11 de Janeiro de 1898.

DEZEMBRO.—*Dia 11.*—Declarou-se ao presidente da camara municipal de S. João da Bocaina que a nomeação de adjuncto para a escola intermedia daquelle villa, feita pela respectiva municipalidade, não póde ser mantida, por ser contraria ás disposições regulamentares em vigencia, devendo a mesma municipalidade considerar de nenhum effeito o acto de nomeação.

JANEIRO.—*Dia 7.*—Declarou-se ao director do Grupo Escolar de Ytú que deve indicar outro professor para aquelle grupo, visto o proposto, Carlos João de França Gallet, estar em exercicio em uma das es-

colas de Dois Corregos, e não convir prejudicar os alumnos da escola regida pelo mesmo.

Declarou-se ao director do Grupo Escolar de S. José dos Campos não haver necessidade da nomeação de mais um professor para aquelle grupo, em vista da diminuta frequencia de alumnos, podendo ser o 5.º anno regido por um dos adjunctos em exercicio naquelle estabelecimento.

Declarou-se ao director do Grupo Escolar de Sorocaba que não póde ser attendido o seu pedido para dar começo ás aulas daquelle grupo ás 10 1/2, porque vai de encontro ao artigo 184 do regulamento de 27 de Novembro de 1893.

CORRIGENDAS.—Na secção *Leitura Infantil* de nosso ultimo numero da *Revista*, ha a fazer as duas seguintes: substituir a palavra *magnifico* no 3.º verso da poesia *O avô mendigo* do sr. Francisco Vianna, pela palavra *magico* e na traducção do sr. René Barreto lêr *La Fontaine* em vez de *Florian*.

A 1.ª foi um engano de revisão e a 2.ª uma distracção do traductor.

SUMMARIO

1 DE FEVEREIRO DE 1904.

QUESTÕES GERAES :

Memorial, a educação no Estado de São Paulo 54

PEDAGOGIA PRÁTICA :

Notas de portuguez, de Luiz Cardoso 56

LITTERATURA INFANTIL :

O «João de Barros» e o «tuin», de Theodoro de Moraes 56

Musa infantil, de Pedro de Mello 57

L'aumône du pauvre, de Hippolito Pujol 57

Os mestres da literatura infantil, traducção, de R. Puiggari 57

O jardim e o jardineiro, de Pedro de Mello 57

Dó infantil e O ninho de andorinhas, de Francisco Vianna 57

O café de João Pinheiro, de Inglez de Souza 57

A meus collegas, poesia de José Ribeiro de Escobar 57

HYMNOS ESCOLARES :

A mamãezinha, letra de Francisco Vianna e musica de J. Gomes J.º 57

CRITICA SOBRE TRABALHOS ESCOLARES :

Aos illms. srs. Arnaldo Barreto e Romão Puyggari, de João Köpke 58

DIVERSOS :

Discurso pronunciado pelo dr. Alfredo Nascimento, continuação 59

A Escola leiga, discurso de Ernesto Lavissie, traducção de R. R. 60

Comunicações transcontinentaes na Africa, transcripção 60

O que dizem de nós 61

OS NOSSOS EDIFICIOS ESCOLARES :

Grupo Escolar da Barra Funda 62

MOVIMENTO ASSOCIATIVO :

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Ordinaria, em 24 de Janeiro de 1904 62

NOTICIARIO

ANNUNCIOS.

REVISTA DE ENSINO

Publicação bi-mestral, subsidiada pelo Governo do Estado de S. Paulo

De accordo com o § 3.º do art. 7.º dos nossos Estatutos todos os socios são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

ASSIGNATURAS

Anno	10\$000
Semestre.	6\$000
Numero atrazado	2\$000

ANNUNCIOS

Por pagina, annualmente.	20\$000
Por 1/2 pagina, annualmente.	12\$000
Por 1/4 de pagina, annualmente.	8\$000

REDACÇÃO: RUA DE SANTA THEREZA N. 28

CORRESPONDENCIA: Á CAIXA DO CORREIO N. 183

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP
BIBLIOTECA PAULO GOURROU

Curso Pedagogico
BIBLIOTECA
DO CLUBE DE ESTUDOS